

Número: 10/2007



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E
HISTÓRIA DE CIÊNCIAS DA TERRA**

DANIELA RESENDE DE FARIA

**“A PAISAGEM COMO TEMA DE ESTUDO
NA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Compiani

Campinas – São Paulo

Janeiro de 2007.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA:	TIUNICAMP
	F225p
V. _____ Ed. _____	
TOMBO BC/	72729
PROC.	16.145-07
C <input type="checkbox"/> D <input checked="" type="checkbox"/>	
PREÇO	11,00
DATA	30/05/07
BIB-ID	442388

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca do Instituto de Geociências/UNICAMP

F225p Faria, Daniela Resende de
A paisagem como tema de estudo na 5ª série do ensino fundamental
/ Daniela Resende de Faria.-- Campinas,SP.: [s.n.], 2007.

Orientador: Maurício Compiani
Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Geociências.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Geociências – Estudo e ensino
3. Ensino fundamental – Estudo e ensino. 4. Paisagens .
5. Pesquisa ação. I. Compiani, Maurício. II. Universidade Estadual
de Campinas, Instituto de Geociências. III. Título.

Título em inglês: The landscape as a study theme for the 5th grade of the basic education..

Keywords: - Geography – Study and Education;

- Geosciences, study and teaching;
- Teaching in geography;
- Landscape;
- Research - action.

Área de concentração:

Titulação: Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra

Banca examinadora: - Mauricio Compiani;

- Roseli Aparecida C. Fontana;
- Nidia Pontuschka;
- Yara Kulaif.

Data da defesa: 30/01/2007



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E HISTÓRIA DE
CIÊNCIAS DA TERRA

Sumário

Introdução 01
Capítulo I: A situação de ensino-aprendizagem 04
1.1) Ensino Geográfico na atualidade 04
1.2) A paisagem nas aulas de Geografia 09
1.3) O processo de conceitualização e o método de trabalho 19
1.4) As categorias investigativas de análise 22

AUTORA: DANIELA RESENDE DE FARIA

A PAISAGEM COMO TEMA DE ESTUDO NA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Capítulo II: O relato da conceitualização 24
2.1) Sondagens acerca do conceito de paisagem 24
2.2) As atividades e as situações de ensino-aprendizagem desenvolvidas 26
2.2.1) Ideias prévias – a linguagem textual, os desenhos e os diálogos 26

ORIENTADOR: Prof. Dr. Maurício Compiani

Aprovada em: 30 / 01 / 2007

Capítulo III: As novas aprendizagens construídas e a articulação dos saberes 83

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Maurício Compiani

Profa. Dra. Nídia Nacib Pontuschka

Profa. Dra. Yara Kulaif

Profa. Dra. Roseli Aparecida Cação Fontana

Handwritten signatures of Prof. Dr. Maurício Compiani, Profa. Dra. Nídia Nacib Pontuschka, Profa. Dra. Yara Kulaif, and Profa. Dra. Roseli Aparecida Cação Fontana, with the title '- Presidente' next to the first signature.

Figura 2.1: Desenho de N., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio 39
Figura 2.2: Desenho de B.S., 11 anos, categoria 2 – Paisagem Bucólica 41
Figura 2.3: Desenho de E., 12 anos, categoria 2 – Paisagem Bucólica 45
Figura 2.4: Desenho de W., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio 49
Figura 2.5: Desenho de A.C., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Humanizada 53

Campinas, 30 de janeiro de 2007

2007 2 331 TCC 2 7002

Introdução.....	01
Capítulo I: A situação de ensino-aprendizagem.....	04
1.1) Ensinar Geografia na atualidade.....	04
1.2) A paisagem nas aulas de Geografia.....	09
1.3) O processo de conceitualização e o método de trabalho.....	16
1.4) As categorias investigativas de análise.....	22
1.4.1) Textos e diálogos.....	22
1.4.2) Desenhos: a representação iconográfica.....	27
Capítulo II: O relato da conceitualização.....	34
2.1) Sondagens acerca do conceito de paisagem.....	34
2.2) As atividades e as situações de ensino-aprendizagem desenvolvidas.....	36
2.2.1) Idéias Prévias – a linguagem textual, os desenhos e os diálogos transcritos.....	
2.2.2) A aula-debate – novas aprendizagens começam a acontecer.....	36
Capítulo III: As novas aprendizagens construídas e a articulação dos saberes...	93
Considerações Finais.....	116
Anexos.....	122
Referências Bibliográficas.....	145

Índice de Figuras

Figura 2.1: Desenho de N., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio.....	39
Figura 2.2: Desenho de B.S., 11 anos, categoria 2 – Paisagem Bucólica.....	41
Figura 2.3: Desenho de E., 12 anos, categoria 2 – Paisagem Bucólica.....	45
Figura 2.4: Desenho de W., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio.....	49
Figura 2.5: Desenho de A.C., 11 anos, categoria 3 – Paisagem Humanizada....	53

Figura 2.6: Desenho de Al.Ca., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio.....	61
Figura 2.7: Desenho de G.R., 12 anos, categoria 3 – Paisagem Humanizada....	67
Figura 2.8: Desenho de V., 12 anos, categoria 3: Paisagem Humanizada.....	73
Figura 2.9: Desenho de El., 12 anos, categoria 3: paisagem humanizada.....	75
Figura 3.1: Desenho de N., 11 anos, antiga categoria 1 – Paisagem-Meio, ao final do processo de mediação, após a aula-debate.....	97
Figura 3.2: Desenho de W., 11 anos, antiga categoria 1 – Paisagem-Meio.....	99
Figura 3.3: Desenho de Al.Ca., 11 anos, antiga categoria 1 – Paisagem-Meio...	101
Figura 3.4: Desenho de E., 12 anos, antiga categoria 2 – Paisagem Bucólica....	103
Figura 3.5: Desenho de B.S., 11 anos, antiga categoria 2 – Paisagem Bucólica.	105
Figura 3.6: Desenho de A.C., 11 anos, antiga categoria 3 – Paisagem Humanizada.....	107
Figura 3.7: Desenho de El., 12 anos, antiga categoria 3: Paisagem Humanizada.....	111
Figura 3.8: Desenho de V., 12 anos, antiga categoria 3: Paisagem Humanizada.	113
Figura 3.9: Desenho de G.R., 12 anos, antiga categoria 2 – Paisagem Bucólica.	115



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS**

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

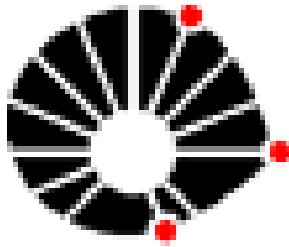
**PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E
HISTÓRIA DE CIÊNCIAS DA TERRA**

**“A PAISAGEM COMO TEMA DE ESTUDO NA 5ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL”**

Resumo

Esse estudo tem como objetivo a construção do conceito de paisagem, a partir de uma abordagem sociocultural, para crianças em uma quinta série do Ensino Fundamental. Como método de trabalho, escolhemos a pesquisa-ação, na qual, a professora atua como mediadora do processo de ensino-aprendizagem, viabilizando um diálogo entre os conceitos prévios que as crianças trazem consigo e os conceitos geográficos que desejamos construir. Para tanto, são analisados desenhos, discursos textuais e escritos antes e após o processo de mediação pedagógica, assim como diálogos, que foram transcritos durante todas as etapas. A partir desse material, elaboramos três categorias para o entendimento da paisagem: Paisagem Meio (na qual há a predominância da dicotomia homem meio-natural), Paisagem Bucólica (na qual encontramos o homem em perfeita harmonia com o meio) e Paisagem Humanizada (homem e meio em contraste, havendo a interferência humana em um sentido negativo). Entendemos, em uma abordagem sociocultural, que a paisagem deve ser estudada como uma categoria de entendimento da realidade presente, na qual os alunos vivem e convivem e, portanto, por onde acreditamos se iniciar um processo de ensino-aprendizagem da Geografia/Geociências mais capaz de oferecer ferramentas para o entendimento do mundo atual.

Palavras-chave: Geografia, Ensino de Geografia, Ensino de Geociências, paisagem, pesquisa-ação.



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS**

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E
HISTÓRIA DE CIÊNCIAS DA TERRA**

**THE LANDSCAPE AS A STUDY THEME FOR THE 5TH GRADE OF THE
BASIC EDUCATION.**

Abstract

The objective of this study is the construction of the landscape concept, from a sociocultural approach, for children between 10 and 12 years-old. As methodology, it is chosen the research-action. The teacher acts as mediating of the teach-learning process, making possible a dialogue between the previous concepts that the children bring with themselves and the geographic concepts that we intend to construct. With this material, we elaborate three categories for the agreement of the landscape: Environment Landscape (in which it has the predominance of the dichotomy Environment-Man), “Bucólica” Landscape (in which we find the man in perfect harmony with the Environment) and Human Landscape (man and way in contrast, having the interference human being in a negative direction). Literal drawings, speeches and writings are analyzed before and after the pedagogical mediation, as well as dialogues, that had been transcribed during all the stages. It is understood, in a sociocultural approach, that the landscape, must be studied as a category of the present reality. It is known that to initiate the understanding of the present means to be capable to transform it.

Key-words: Geography, Teaching in Geography, Teaching in Geosciences, landscape, research-action.

A necessidade de discutir e desenvolver o tema “A paisagem como tema de estudo na 5ª série do Ensino Fundamental” surge da nossa prática cotidiana e experiência de sala de aula. Tais inquietações nos levaram a pensar na própria Geografia na escola, como componente do currículo e nos processos de ensino-aprendizagem para construção de dos conceitos. No caso deste estudo, enfocamos a **paisagem** como uma construção cultural que se configura como um recorte da realidade.

O que é paisagem, para nossos alunos? Como eles entendem a paisagem? Quais devem ser os procedimentos de ensino-aprendizagem para a construção desse conceito na escola, para tal faixa etária?

Para iniciarmos nossas colocações e ações, optamos, no primeiro capítulo, pela reflexão teórica acerca do conceito de paisagem para a Geografia Escolar. Sabemos que ensinar Geografia, em tempos atuais, exige posturas diferenciadas, por parte dos professores na medida em que as situações de ensino-aprendizagem não podem mais ser atendidas com práticas tradicionais e/ou sedimentadas. Se a Geografia é uma componente curricular que deve oferecer ferramentas específicas de sua área aos alunos para que estes sejam capazes de entender a realidade, ela se mostra como uma ciência do tempo presente e situada historicamente. Isto se verifica na medida em que as paisagens se configuram como produto das sociedades e das diversidades culturais, ao longo do tempo e do desenvolvimento técnico. Para o estudo da paisagem, nós a assumimos como uma construção cultural. Nas paisagens, as crianças vivem e convivem, configurando sua realidade. Nela, as crianças estão em contato com um enorme fluxo de informações, oriundos das mais diversas fontes, que incitam também inúmeras mediações. Com isso, formam conceitos prévios, associados à sua experiência de vida e ao seu repertório.

Também no primeiro capítulo, discutiremos como o professor precisa levar em conta tais conhecimentos ao desenvolver sua prática pedagógica. Acreditamos que todas as áreas do conhecimento científico devem estar atentas aos conhecimentos prévios das

crianças ao pensar em atividades de ensino-aprendizagem bem como suas unidades didáticas para a construção dos conceitos científicos. Essas discussões seguem na segunda parte do primeiro capítulo, onde pensamos como ensinar o conceito de paisagem nas aulas de Geografia. Vários autores são analisados, dentro da bibliografia escolhida, e procuramos pensar como a paisagem, entendida como construção cultural, deve ser trabalhada nas quintas séries do Ensino Fundamental. Procuramos enfatizar que a paisagem é um recorte para o estudo da realidade, através do qual podemos tentar compreender melhor nossas sociedades e nossas diversidades. Acreditamos ser necessário ensinar o conceito de paisagem como uma busca para o estudo do tempo e do espaço reais, presentes por meio de diálogos entre experiências das crianças nas realidades onde (com) vivem e os conceitos geográficos.

Para atender nossa proposta metodológica, procuramos desenvolver atividades sistematizadas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, para que o conceito geográfico pudesse dialogar com os conhecimentos prévios, através dos desenhos, textos e diálogos que foram registrados ao longo desse trabalho. Entendemos que o estudo da paisagem viabiliza ao aluno a possibilidade de estabelecer relações e conexões entre passado e presente, de forma problematizadora. Ao colocarmos tais problemas para as crianças, além de trabalharmos na Zona de Desenvolvimento Proximal, fomentamos o processo de conceitualização e alcançamos níveis cognitivos mais elevados.

No próximo capítulo, seguem as discussões acerca do método de trabalho e do processo de conceitualização, no qual colocamos a criança como sujeito ativo de todas as etapas de ensino-aprendizagem e nos colocamos como professora mediadora deste, que é um processo intencional. A abordagem sociocultural é coerente com a metodologia da pesquisa-ação, que oferece possibilidades de trabalho com dados empíricos, coletados durante a própria aula, em sala, a nossa principal fonte de dados. Para construirmos o conceito de paisagem, em uma abordagem cultural, foi necessário que esta se apresentasse em forma de uma pesquisa qualitativa, utilizando tal metodologia e partisse de uma prática descontextualizada, que tomasse também a memória dos alunos como fonte de dados para que eles pudessem conceitualizar a paisagem.

Na seqüência, segue a análise minuciosa dos desenhos, textos e diálogos, nossas formas de discurso e ferramentas essenciais para entendermos como se processa a construção do conceito de paisagem. Trabalhamos com as representações iconográficas (desenhos), com discursos transcritos e com pequenos questionários que foram respondidos pelas crianças. A partir disso, conseguimos entender a importância de se levar em conta a realidade de cada uma dessas crianças no processo e também as influências que as crianças sofrem a partir do meio e da mídia. O que ela representa em diversas formas de discurso, nada mais é do que um amálgama entre seu repertório prévio e o conceito geográfico de paisagem. Mesmo no final das atividades desenvolvidas, ao longo do processo de mediação, notamos como os capítulos seguintes mostram, que em alguns casos, prevalecem certas noções comuns acerca da paisagem, que dialogam pertinentemente com o conceito geográfico. Isso evidencia a importância da prática pedagógica inovadora, que busca alternativas, que sempre presta atenção em seus alunos e não centra tudo e todo o processo na figura do professor.

Capítulo I: A situação de ensino-aprendizagem

1.1) Ensinar Geografia na atualidade

Uma primeira reflexão que fazemos é como a Geografia, uma área de conhecimento do currículo escolar, pode contribuir para promover o entendimento da atualidade? Quais são os conteúdos e saberes geográficos que devem ser ensinados e, principalmente como devemos pautar nossas atividades de ensino para que elas sejam capazes de oferecer instrumentos para nossos estudantes entenderem o presente?

A configuração do mundo hoje nos mostra um sistema social, político, econômico no qual as forças de mercado predominam. A paisagem, nosso tema proposto para o estudo dessa realidade, é dinâmica e se mostra como palco das várias formas de apropriação humana, ao longo das diversas épocas e culturas. As paisagens são marcadas pelos significados culturais nas quais estão inseridas. Portanto, a realidade emerge como uma nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico. Podemos admitir que tal fenômeno se constitui em um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea.

As crianças vivem nessa realidade multifacetada, que inclui uma grande heterogeneidade de pessoas, idéias, multimeios, mídias. É um intenso fluxo de informações que faz parte do dia-a-dia delas e exerce importante papel na construção de seus conhecimentos, quer sejam eles prévios e/ou escolares, e no diálogo entre eles. A Geografia não deve estar, como uma componente curricular, à parte da vida, do cotidiano. É preciso pensar em práticas de ensino-aprendizagem que estimulem as crianças a aprender e a pensar sobre **sua realidade**.

Não podemos mais negar a realidade do aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, se preocupar com o futuro através do inconformismo do presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento. (...) Compreender a realidade significa pensar criticamente sobre ela.

(STRAFORINI, 2001, pp. 23, 24 e 28).

Ainda sobre a escola e sobre processos de ensino-aprendizagem convencionais, TAMAIO (2002) em seu estudo sobre o conceito de natureza, chama-nos a atenção para a demanda por práticas pedagógicas que sejam capazes de estimular a aprendizagem da realidade, para cumprir uma necessidade estabelecida por novas relações entre homem e meio. Para TAMAIO (2002), há uma nova relação ensino-aprendizagem, que se constitui de forma mediada. Assim sendo, as relações entre as realidades e as componentes curriculares, é igualmente mediada. Ela inclui contribuições oriundas das relações entre os sujeitos de uma determinada sociedade e também as relações desses sujeitos em relação ao meio. Essas relações são sempre mediadas pela cultura e pela época do lugar, que valida ou não as construções realizadas. A escola, na figura de seus professores, tem a função mediadora do conhecimento e devem estar prontos a práticas pedagógicas que levem os estudantes a elaborarem um conhecimento que não é feito aleatoriamente, de forma a promover uma

(...) interação: real observável x vivido historicamente.

(TAMAIO, 2002, pp. 15).

Não adianta, assim, pensarmos em práticas pedagógicas que se sirvam de conceitos estanques, que possam se adaptar a diferentes realidades.

(...) A escola, enquanto um instrumento cartesiano possibilita apenas a resolução burocrática de problemas

elaborados por seus superiores. Os problemas e as respostas são lineares, idênticos para as diferentes realidades.

(STRAFORINI, 2001, pp. 23, 24 e 28)

Como devemos ensinar Geografia, diante da realidade presente?

A Ciência e, conseqüentemente, a parcela que cabe à Geografia, são atividades essencialmente humanas. A Geografia, portanto, como ciência constituinte da realidade deve construir conceitos que permitam o entendimento sistematizado da mesma. Devemos entender a realidade, dentro do nosso objeto de estudo, a paisagem, como produto dos fenômenos históricos e culturais e em constante construção. O que nelas visualizamos são somatórios das ações humanas, materializadas, ao longo de diversas épocas e permeado por culturas heterogêneas. As diversas sociedades constroem, com suas características, as paisagens que marcam e constituem as realidades. Tais marcas são decorrentes dos conhecimentos construídos/ produzidos que as sociedades se utilizam para dar identidade à suas paisagens. Nesse estudo, acreditamos que a Geografia, como componente curricular, deva buscar formas de se construir o conceito de paisagem, entendendo-o como um olhar para o espaço geográfico, pois é nesse espaço que os alunos vivem.

A Geografia é uma perspectiva de análise da realidade.

(CAVALCANTI, 2005, pp. 199-200).

As crianças e todos os indivíduos de uma sociedade, em uma cultura e em uma certa época histórica, estão em contato com os elementos que constituem as paisagens. Nessas paisagens e nas relações entre si e entre os elementos, arrolam seu cotidiano, vivem. Com base nessas experiências, nas relações entre si e entre os indivíduos e a realidade, notamos que observações, expressões, colocações, experiências, significações e entendimentos se acumulam e se individualizam, dialogam. Explicações e entendimentos são construídos, a partir dessas (re) formulações.

As crianças têm uma determinada forma de observar, de expressar, de conhecer e, logo, de representar a realidade e suas paisagens. Essas formas remontam à suas

experiências e seu nível de desenvolvimento cognitivo, à sua vivência cotidiana. Ao fazer isto, a criança lança mão dessas experiências, desses conhecimentos prévios para conhecer.

Muitos autores são unânimes em focar a realidade do aluno, ou seja, o seu lugar de convivência, aonde se dá a sua cotidianidade como ponto de partida. (...). É na realidade que se encontra a concretude do mundo. (...) O aluno deve estar inserido dentro daquilo que se está estudando, proporcionando a compreensão de que ele é um participante ativo (...). A realidade tem que ser entendida como algo em processo, em constante movimento, pois a produção do espaço não está pronta, encerrada: há uma dinamicidade constante. (STRAFORINI, 2001, pp. 48-49).

CAVALCANTI (2005) também alerta para a importância de pautarmos nossas ações mediadoras nos conceitos/conhecimentos prévios, afim de proporcionarmos, da melhor maneira possível, o diálogo entre os saberes prévios e os escolares, como forma de fomento ao processo de ensino-aprendizagem dos conceitos. Isto, segundo a mesma autora, deve ser intenso dentro de uma componente curricular que dispõe de ferramentas para dar conta da realidade vivida pelas crianças, conscientemente. Portanto, a referência deve ser o modo de ser, pensar, agir e conhecer dos alunos e como isto se insere no processo de construção do conceito de paisagem. Essa referência também deve servir como ponto de partida para o entendimento da paisagem e de como, cada um de nós, dela faz parte e por ela é responsável.

Há várias formas de se dar conta de uma realidade. Elas dependem da articulação entre as histórias particulares, de suas experiências, de suas intenções e percepções em relação ao meio e aos outros sujeitos e às suas paisagens. Ela expressa aspectos peculiares da experiência individual, e diferenciados do ponto de vista que compõe o todo social. Assim, temos maneiras de entender, de expressar, de representar e de estudar a paisagem, na medida em que essa expõe marcas que são fruto das relações entre os elementos e sua dinamicidade histórica.

(...) a relação de Conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto; tem que haver um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido, mas a Verdade não está nem no pólo do sujeito, nem no pólo do objeto e sim na relação entre eles. Esta relação se dá no tempo humano que chamamos de história (...) A relação com o mundo não é individual, mas coletiva, social.

Cabe enfatizar: o Conhecimento e, nele, a Verdade, são construções históricas, sociais e culturais. São resultantes do esforço de um grupo determinado de homens e mulheres (com elementos disponíveis na sua cultura e no tempo em que vivem) para construir referências que orientem o sentido da ação humana e o sentido da existência.

(CORTELLA, 2002, pp. 98-9 - grifos do autor).

COMPIANI e GONÇALVES (1996) destacam que há um problema essencial no ensino de Geologia que se estende ao ensino de Geografia. É o fato da maioria dos profissionais da Educação acreditar quase sempre naquilo que se encontra em livros, didáticos ou não. Isto resumiria a prática educativa na mera transmissão de conceitos e na forma como os alunos recebem e repetem os mesmos. Como coloca DOLL (1997), a insistência nessa forma de lidar com o ensino-aprendizagem é oriunda do paradigma da Modernidade, que, por sua vez, está fundamentado no paradigma Científico, no qual se prevê um total controle do meio físico pelo homem, na medida em que este domina as linguagens matemáticas e pode entender seus mecanismos de funcionamento. Muitos currículos de Geografia foram efetivados dessa forma, nos quais o aluno não consegue se sentir parte ativa no estudo das paisagens, muito menos na construção deste conceito. Todo o conhecimento produzido é uma informação que tem “utilidade” meramente repetitiva, ou seja, em testes de avaliação de memorização.

(...) os conteúdos eram tratados de forma superficial, apresentados fragmentados e sem qualquer relação com a realidade e as demais disciplinas. Assim, no contexto da

sala de aula, as atividades de ensino de Geografia eram de caráter mecânico, decorativo.

(STRAFORINI, 2001, pp. 32).

A atividade docente dos dias de hoje deve se preocupar com a necessidade de elaboração de práticas que sejam capazes de dar conta da atualidade assim como de arcabouços teóricos e metodológicos que sejam capazes de oferecer subsídios para a vida presente. Para ensinar Geografia, então, precisamos enfatizar o processo e não o fim, pois sabemos que o conhecimento não deve ser tomado como algo pronto e acabado e nem o professor como um informador, mas sim, um formador, um facilitador, um mediador. É isto que faz com que o jovem aprenda a pensar geograficamente. Isto só pode ser feito quando as ações docentes forem desenvolvidas com o objetivo de criar novas condições de aprendizagem. Para ensinar Geografia dentro dessa perspectiva de Educação, partiremos da paisagem como tema de estudo da realidade presente.

1.2) A paisagem nas aulas de Geografia.

A Geografia traz o estudo do espaço geográfico através de alguns temas. Nós tomamos como ponto de partida a paisagem, constituída ao longo do tempo, como uma combinação entre fenômenos e objetos naturais e culturais. Inspirados nas idéias de CORREA e ROSENDAHL (1988), entendemos que a **paisagem deve ser assumida como um tema de estudo do espaço geográfico. Na paisagem encontram-se diversos elementos e objetos, em várias formas, cultural e historicamente construídos pelas sociedades com a mediação do trabalho e em constante transformação.** ROUGERIE (1971) chama a atenção para o fato da Geografia trabalhar com o dinamismo associado às heterogeneidades, que é expresso materialmente e isto, como pressupomos, ocorre nas paisagens. O mesmo autor assume tal dinamicidade de elementos no tempo-espaço como um todo relacionado.

A Geografia, como ciência construída histórica e socialmente, mostra-se como uma ferramenta do conhecimento humano, desenvolvida pelas sociedades de forma interativa e dinâmica. Segundo COMPIANI e GONÇALVES (1996), cada ciência

observa, organiza e explica a realidade de modo particular, por isso, as ciências precisam contar com um sistema de conceitos e normas que as estruture.

CORREA e ROSENDAHL (1998) levantam a temática ao colocarem duas dimensões para a paisagem: uma morfológica e outra funcional. A primeira relacionada às formas criadas, oriundas do meio físico e das ações humanas; a segunda trata das relações entre as partes da primeira. Por isso, esses autores insistem em que a paisagem possuiu uma dimensão espacial, ela ocorre em uma área da superfície terrestre.

O homem, utilizando-se de conhecimento e de tecnologia é capaz de mudar e transformar o meio. Segundo CORTELLA (2002), nós, seres humanos, somos construtores de conhecimentos justamente porque temos a necessidade de nos adaptarmos à

realidade real (...)
(CORTELLA, 2002, pp. 40)

e, por isso

(...) somos capazes da "ação transformadora consciente", ação intencional, que não é só instintiva, em busca de uma mudança no ambiente que o favoreça.
(CORTELLA, 2002, pp. 41).

O homem é um ser social que se apropria do meio a fim de adequá-lo à suas necessidades. Entretanto, novamente tem de ser compatibilizada a relevância dessas apropriações dentro de um pré-estabelecido período histórico, que determinará, por sua vez, o modo de produção social. Estudar, analisar, entender e representar uma paisagem é remeter-se a uma realidade histórica, num determinado lugar e num determinado contexto sócio-histórico, e esta forma de elaboração do entendimento e da análise da paisagem será também mediada pelas interações dessas crianças com sua realidade histórica e cultural. Tais interações, nos dizeres de CORREA e ROSENDAHL (1998), produzirão paisagens polissêmicas.

O conceito de paisagem, como sabemos, é complexo. Construí-lo é buscar o entendimento das realidades materiais que se constituem dinamicamente, a todo instante. É se utilizar da experiência e interações estabelecidas pelas das crianças, em sua realidade. O aluno precisa sentir-se parte paisagem, investigar seu papel nela, enquanto membro de uma realidade histórica constituinte. Se o professor afastá-lo dessa posição, seu aprendizado será apenas de memorização. Ensinar Geografia é investigar o presente e se situar historicamente. CASTELLAR (2005) lança dois desafios para os professores de Geografia

(...) como auxiliar os alunos a conhecer o mundo que vivemos? O que podemos ensinar do conhecimento geográfico?
(CASTELLAR, 2005, pp. 222).

Segundo SAUER in CORREA e ROSENDAHL (1998), os objetos e os sujeitos que existem na paisagem se inter-relacionam e as paisagens têm relações umas com as outras, mas mantêm suas individualidades.

Elaborar uma definição para o conceito de paisagem, portanto, é tarefa complexa. São muitos os caminhos pelos quais este conceito transita no conhecimento geográfico. Ele toma características diversas, apesar de manter uma base comum: a forte identidade visual.
(CARDOSO, 1999, pp. 33).

A paisagem, nos dizeres de BERQUE in CORREA E ROSENDAHL (1998), é uma marca; marca de uma civilização. Para aprender, então, é preciso vivenciar as interações recorrentes da convivência de cada uma das civilizações, ou seja, de cada uma das culturas que constroem diferentes paisagens. A paisagem é uma marca decorrente das diversas dinâmicas sociais associadas ao meio físico e a seus elementos, mediados pela cultura e em constante transformação. Como nos coloca CORREA e ROSENDAHL (1998), a paisagem

... é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado.

(CORREA e ROSENDAHL, 1998, pp. 09).

As constantes transformações as quais as paisagens estão sujeitas ocorrem tanto do ponto de vista dos fenômenos físicos quanto dos sócio-culturais e das relações dialéticas entre eles. Existem dois tipos de eventos que transformam as paisagens, que são os eventos físicos interagindo com os culturais e os elementos propriamente culturais. Sua ocorrência respeita uma determinada área, a atuação dos sujeitos e atores sociais, e de sua força para a produção dos mesmos.

Segundo SANTOS (1996), as temporalidades, assim, não são as mesmas para os mesmos agentes sociais. Objetos são inseridos de acordo com uma ordem constituída. A maneira pela qual o tempo é utilizado também é diferenciada, não havendo eventos isolados e sem conexão com outros, em diversas escalas. Em cada momento histórico, o trabalho, as sociedades, o próprio capital e outros recursos possuem certa distribuição pelas paisagens. Esse fato é que permite uma maior expressão singular das mesmas, bem como confere às paisagens certa especificidade. Tudo isto acontece com o momento histórico como pano de fundo para qualquer estudo que envolva o entendimento das paisagens. Seu contexto de análise é sempre espaço-temporal.

(...) para cada sociedade, num determinado momento, há uma equação necessária entre o ajuste ao meio e a organização social.

(CÂNDIDO, 2001, pp. 29-32).

Os fenômenos espaço-temporais formam a totalidade e a totalidade que se materializa na paisagem, que, segundo BOBKE e SCHIMITHÜSE in CORREA E ROSENDAHL (1998), está sempre em transformação.

Em tempos atuais, a situação torna-se um pouco mais complexa na medida em que existe uma inseparabilidade entre a ciência e a técnica. Assim, fica cada vez mais

complicado pensar em escalas diferentes. A nova ordem mundial impõe uma uniformidade de pensamento e uma uniformidade de produção social das paisagens. Ao mesmo tempo em que provoca a unidade, também provoca a heterogeneidade. É complicado pensar em modos de produção em escala local sem antes entender o que acontece em escalas menores e vice-versa. É a sociedade, mediante suas instâncias de atuação em diversos níveis, que direciona a constituição das paisagens.

Nesse momento, faz-se necessário explicitarmos como pretendemos que as crianças construam o **conceito geográfico de paisagem**, na **perspectiva cultural**. É iminente a busca de uma unidade dentro daquilo que se pretende ensinar em Geografia, afim de que essa componente curricular dê conta do que se exige em épocas atuais.

Como se dá o entendimento e a construção do conceito de paisagem nas crianças? Como os professores devem mediar tal processo? Como as crianças representam?

A partir dessas inquietações é que nosso estudo se inicia. Sabemos da importância do conceito de paisagem na Geografia e entendemos que a forma mais coerente de se trabalhar com o mesmo é abordá-lo sob uma perspectiva cultural e propor uma pesquisa-ação da nossa prática pedagógica para realizarmos os objetivos propostos.

O conceito de paisagem, em uma perspectiva cultural, proporciona aos alunos uma nova forma de conhecer, analisar e explicar a realidade. Para tanto, é necessário que, ao ensinarmos, viabilizemos o diálogo entre os conhecimentos prévios e os geográficos, de maneira intencional.

O entendimento da paisagem, em uma perspectiva cultural exige que o professor trabalhe com uma grande parcela de conhecimentos prévios das crianças. O conceito de paisagem permite que várias conexões e interações com as experiências vividas pelas crianças sejam organizadas e sistematizadas para a sua assimilação na medida em que a paisagem é uma materialidade social e culturalmente construída ao longo do tempo-espço. O conceito de paisagem, assim como outros conceitos, são

(...) produtos históricos e significantes da atividade mental mobilizada a serviço da comunicação, do conhecimento e da resolução de problemas.

(FONTANA, 1999, pp. 09).

Quando acontece o primeiro contato com a palavra paisagem e solicita-se aos alunos uma tarefa problematizadora (o desenho e os questionários), sabemos que os alunos recorrem à memória para fazê-la. Quando suscitamos novas experiências através da nossa mediação com ferramentas, como debates, diálogos e estudo de textos, pretendemos estimular um diálogo entre as concepções prévias acerca do conceito, para que seja possível a aprendizagem do conceito geográfico que se deseja construir.

Isto posto, é necessário pensarmos como se daria a análise das produções das crianças (desenhos, textos e diálogos), para, em primeiro lugar, entendermos como o conceito de paisagem é constituído, em caráter prévio e, em segundo lugar, como as atividades de ensino-aprendizagem, promoverão novos diálogos entre esses conceitos e o conceito geográfico que se intenta construir. Pressupomos que a construção de conceitos na escola ocorre por uma organização sistematizada do conhecimento. Ela é diferente de outras formas de aprendizagem, que podem ocorrer a partir de outras conexões, que não são intencionais nem tão pouco sistematizadas, com os elementos pré-existentes na estrutura cognitiva da criança. Para as séries do segundo ciclo do Ensino Fundamental (de 5ª a 8ª), é necessário que o professor ensine os conceitos de forma estruturada em sistematizações da área, relações, conexões, expressões, interações e significados. Os conhecimentos prévios devem se constituir no início dos trabalhos, catalisadores do processo de ensino-aprendizagem, que deve visar ao conhecimento produzido no contexto escolar, pois

(...) o processo de elaboração conceitual emerge como processo de articulação, pelo confronto de muitas vozes sócio-historicamente definidas em condições de interação-compreensão/ expressão - determinadas.

(FONTANA, 1999, pp. 33).

O conceito geográfico de paisagem, na perspectiva cultural aqui adotada, permite o entendimento da paisagem, valorizando a atitude científica, fundamentada na experiência de vida, na articulação entre conhecimentos prévios e escolares (geográficos), além de criar situações de entendimento ativo e reflexivo da realidade. Sabemos que os conceitos construídos pelos alunos não podem ser entendidos apenas como fruto da imaginação dos mesmos, mas sim como algo que tem coerência com aquilo que eles conhecem já de antemão, partindo de suas experiências. Considerar tais formas de construção do pensamento e dos conceitos é valorizar e estimular o processo de ensino-aprendizagem.

É por meio da experiência que fazemos escolhas racionais; não a experiência de apenas fazer, mas de refletir sobre o que fazemos; a experiência que é analisada através das lentes da cultura, da linguagem e tendências pessoais.

(DOLL JR., 1997, pp. 146)

A esse respeito, MATURANA (2001) traz algumas colocações importantes:

O conhecimento é uma apreciação de um observador sobre a conduta do outro, que pode ser ele mesmo. No momento em que se vê isso desta forma, por um lado, descobre-se que o conhecimento é sempre adquirido na convivência. Descobre-se que se aprende a ser de uma ou de outra maneira na convivência com outros seres humanos. Por outro lado, descobre-se que o conhecimento tem a ver com as ações. Tem a ver com as ações consideradas adequadas em um domínio particular.

(MATURANA, 2001, pp. 123-4)

Ao desenhar uma paisagem, escrever e falar (verbalizar) sobre ela, a criança expressa algo e isto ocorre em consonância com seus conhecimentos prévios e seu modo de ver e entender a realidade que a cerca e na qual ela está inserida (mesmo que ainda não tenha consciência disto). A criança seleciona o que quer expressar e representar, é

aquilo que para ela faz sentido e tem algum significado, relacionados ao seu repertório de vida. Conforme se processa o trabalho do professor, essa criança pode, aos poucos, sistematizar tais informações, promover um diálogo entre as mesmas (prévias e escolares) e construir o conceito de paisagem em Geografia, sem necessariamente abandonar aquilo que já traz consigo. Como nos coloca TAMAIO (2002),

Os conceitos são processos historicamente determinados e culturalmente organizados, e o seu desenvolvimento na criança ocorre através da incorporação da experiência vivenciada, mediada pela prática social, principalmente pela palavra, na interação com os demais. Nesse processo, a escola é uma instituição carregada de formulações significantes e o professor é um adulto que busca "introduzir" novas significações.

(TAMAIO, 2002, pp. 30).

As experiências e as memórias de cada aluno se somam no processo de construção do conceito de paisagem. Todas essas informações são descontextualizadas, à medida em que muitos ao serem questionados acerca do conceito, partem do abstrato (memória) e não do concreto (entorno). Essas idéias estão em constante movimento e diálogo. Estudar, explicar e entender a paisagem permite ao aluno estabelecer relações e conexões com o que foi historicamente construído pelos homens, através do tempo e do trabalho com aquilo que existe hoje e, além, de tudo, com o meio físico e suas dinâmicas de interação com seus elementos e com as sociedades, ou seja, as crianças contextualizam a paisagem a partir dessas interações.

1.3) O processo de conceitualização e o método de trabalho

Esse estudo tem início a partir de inquietações, propostas e questionamentos por parte da autora em seu cotidiano de sala de aula, em especial da 5ª série do Ensino Fundamental, que abriga alunos entre 11 e 12 anos. Definidos os objetivos e os conteúdos da disciplina, era necessário elaborar atividades e momentos de aprendizagem que promovessem a construção do conceito de paisagem, sob a

perspectiva cultural, para que a nossa prática não se resumisse à posturas descritivas e de memorização. Como fazer com que a unidade didática, estruturada em nosso Plano de Ensino para as 5^{as} séries do Ensino Fundamental, para o terceiro bimestre de 2005, com quatro aulas de 50 minutos cada, se transformasse em uma possibilidade de diálogo e debate entre as formas de construção do conceito de paisagem para aquelas crianças?

A partir disso, elencamos três atividades no processo de ensino-aprendizagem do conceito de paisagem:

- Elaboração de diagnósticos acerca dos conhecimentos prévios sobre a paisagem, que possam ser aproveitados e valorizados na construção deste conceito;
- Promoção da interação e diálogo entre os conhecimentos prévios e escolares acerca do conceito de paisagem;
- Valorização do papel do professor como mediador intencional na construção dos conceitos, de modo que sua atuação possibilite o entendimento e o aproveitamento das interações e dos diálogos em sala de aula.

Entendemos a criança como um ator social, que, através das relações e interações entre si e entre os elementos do meio físico, constituem as paisagens de hoje, como fruto de ações pretéritas e contemporâneas, ou seja, marcas que aparecem no espaço geográfico e das quais ela se sente parte. STRAFORINI (2001) ressalta que

(...) a ação da criança sobre o objeto a ser estudado é fundamental para a sua aprendizagem.

(STRAFORINI, 2001, pp. 47).

De acordo com as idéias de STRAFORINI (2001) e TAMAIO (2002), a criança atua diretamente na paisagens, nelas interagindo entre si e entre os elementos do meio físico constituinte. É na paisagem que o mundo se torna real. É nela que se viabiliza o entendimento de múltiplas perspectivas; nela as responsabilidades devem ser compartilhadas e nela é possível ensinar com estímulo e desafio na construção desse conhecimento.

A Geografia tem um entendimento de paisagem, ancorado em princípios organizadores da própria área de conhecimento humano, que é aceita pela comunidade acadêmica, expressa em uma linguagem e existente no discurso geográfico. Nesse estudo, analisamos as duas formas, os conhecimentos prévios e os escolares (geográficos), para que à experiência possa ser acrescida um processo ativo de diálogo e a construção de conceitos, afim de que a criança alce novas relações e conexões entre os objetos, lhes atribuindo novos entendimentos, para passar a um outro nível de cognição, ou seja, aprenda, como sugere VYGOSTKY (1989, a):

(...) isso promove a ascensão das crianças para níveis mais elevados de desenvolvimento.

(VYGOSTKY, 1989, pp. 100, a).

Segundo CAVALCANTI (2005), os processos psicológicos superiores não são espontâneos, ou seja, não se desenvolvem naturalmente nos indivíduos. São organizados e sistematizados pela cultura e seus agentes/instituições, dentre elas, a escola. A mediação ocorre através das formas como as crianças significam seu meio e os objetos a ele pertencentes. Para nosso estudo, consideramos a linguagem, tanto da palavra discursiva (escrita e transcrita) bem como os elementos expressos em seus desenhos. Segundo VYGOTSKY (1989, a), o aprendizado de um novo conceito é desencadeado por uma tarefa. Isto remete o sujeito a relacionar-se com os objetos e sujeitos sociais que estão imersos em uma dada cultura, para então, reorganizar seu pensamento e, conseqüentemente, suas formas de agir. Essa relação entre sujeitos e entre sujeitos e os objetos constituintes do meio é intermediada pela linguagem, quer seja escrita, falada ou desenhada, que se constitui em formas culturais de se conhecer. Tudo que captamos têm significados e expressões sociais e culturais. As formas de conhecer o mundo através da Geografia também. Os indivíduos estão inseridos em um contexto histórico-temporal e com ele se relaciona. É aqui que fomentaremos o desenvolvimento conceitual, mediante um rearranjo dos processos e das relações cognitivas de pensar a realidade. Isso ocorre com a apropriação de significados ao longo do desenvolvimento das atividades propostas na unidade didática, em sala de aula, com a atuação mediadora intencional da professora, e, posteriormente, fora dela,

com o diálogo entre saberes escolares e prévios. Procuramos ensinar um modo de apreender o mundo, o modo geográfico, levando sempre em conta esse entrelaçamento de saberes, esse diálogo, para que as crianças possam entender a paisagem como um conjunto cultural, que é socialmente construído, ao longo do tempo histórico, que incorpora elementos das mais diversas culturas e que está, portanto, em constante transformação. Acreditamos que se o conceito geográfico de paisagem for construído, contribuímos para que nossos alunos possam entender melhor nossa realidade posicionar-se diante dela.

(...) o aluno é sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/ propiciar a inter-relação (encontro/confronto) entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento (conteúdo escolar); nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem).

(CAVALCANTI, 2005, pp.199-200).

Para o nosso trabalho, optamos por desenvolver uma pesquisa-ação, que consideramos uma abordagem metodológica mais adequada para essa proposta.

Segundo LÜDKE e ANDRÉ (1982), a pesquisa qualitativa define-se pela inserção do pesquisador na temática social na qual o mesmo vive e tal pesquisa é fruto de inquietações geradas pela prática educativa. O ambiente de estudo, no caso, a sala de aula, é a fonte de dados e o pesquisador, o instrumento para a realização da pesquisa. Ambos estão em contato direto e prolongado – daí a necessidade de se referenciar toda a produção ao ambiente no qual ela aparece e do qual ela é fruto. Nesse sentido, há uma maior preocupação com o processo, ou seja, como se dá a manifestação da problemática levantada no cotidiano e no contexto das crianças. Ainda segundo as autoras, é preciso considerar os

(...) significados atribuídos aos conceitos pelas crianças através de suas perspectivas.

(LÜDKE e ANDRÉ, 1983, pp. 12).

Assim a pesquisa-ação permite que esse trabalho parta dos indivíduos, o que é coeso à abordagem cultural, enfatizada na construção do conceito de paisagem. O movimento das idéias é gerado pelas condições de seu tempo e espaço. Ele favorece ou não a construção dos conceitos, pelos diálogos entre os conceitos prévios e escolares.

PINHEIRO (2003), em sua tese de doutoramento, fez uma análise de todas as produções que envolvessem a temática do ensino de Geografia, e destaca como pesquisa-ação os

Processos de natureza qualitativa dos quais o autor participa ativamente, envolvendo-se em ação planejada, cujo objetivo é a modificação da situação investigada, estes estudos comparecem, nos processos de intervenção escolar em que o autor do trabalho se apresenta como professor-pesquisador ou pesquisador-participante, buscando algum tipo de transformação da realidade, na pesquisa-ação lida-se com um problema concreto, localizado em uma situação imediata, sendo o processo monitorado passo-a-passo, por períodos variados e mecanismos diversificados (questionários, diários de campo, entrevista e estudo de caso, ensejando feedbacks, modificações, ajustes e redefinições, quando necessários (...)). Caracteriza-se por ser participativa, visa melhorar a própria prática do investigador. É colaborativa, realizada em grupo, tornando-se um processo sistemático de aprendizagem, orientando a práxis, assim induz teorizar sobre a prática, em geral, envolvendo os sujeitos do processo de investigação. Permite criar resultados práticos, como atividades, linguagens, materiais didáticos e formas de organização.

(PINHEIRO, 2003, pp. 182-3).

Nesse estudo, há a presença da professora-pesquisadora em sala de aula, que é a mediadora atuante e intencional no processo de construção e sistematização do conceito de paisagem. Como é feita a análise do processo de mediação pedagógica? Como já enfatizamos, os materiais utilizados na pesquisa, são três formas de linguagens, os diálogos, aqui transcritos, a palavra escrita, através de questionários respondidos pelas crianças e também os desenhos produzidos para a representação da paisagem. Tudo isto sempre coletado em duas etapas, na etapa de levantamento de conhecimentos prévios, como na etapa seguinte às discussões debates. Segundo LÜDKE e ANDRÉ (1982) tais materiais (documentos) podem ser considerados informações que contém significados que foram produzidos por um grupo social em um determinado contexto sociocultural. Diante dessas produções para a análise do processo de conceitualização, é preciso entender como se processa a construção do conceito de paisagem em uma abordagem cultural. Esses dados servem para a problematização; a detecção e sondagem de idéias prévias; instrumento de análise do contexto histórico-cultural e, conseqüentemente, as argumentações colocadas pelas crianças e para a avaliação do conteúdo trabalhado, especialmente na aquisição do conceito geográfico da paisagem.

Qual é o efeito da palavra paisagem nas crianças?

Bem, se os conceitos não podem ser construídos de forma linear, como conceituar paisagem se esta é inerentemente construída de maneira também não linear?

Há diversas maneiras de se conceituar e elas se entrelaçam. FONTANA (1996) nos coloca que os conceitos são produtos da realidade histórica, isso faz com que os mesmos sejam recheados de significantes a eles atribuídos pelos homens a seu tempo e estejam sujeitos às forças sociais determinantes da época. Os conceitos, então devem se relacionar às condições socioeconômicas de um determinado grupo social e é isto que lhe dará validação social (materialidade). A mesma autora coloca que

Inserida num contexto cultural historicamente constituído, a criança, desde seus primeiros momentos de vida, está imersa em um sistema de significações sociais. Os adultos procuram ativamente incorporá-la à reserva de significados e ações elaborados e acumulados. Na mediação do/pelo outro revestida de gestos, atos e palavras (signos) a criança vai integrando-se, ativamente, às formas de atividade consolidadas (e emergentes) de sua cultura, num processo em que pensamento e linguagem articulam-se dinamicamente.
(FONTANA, 1996, pp. 15).

CAVALCANTI (2005) ressalta a interatividade entre os outros colegas e entre o adulto, no caso, a professora-mediadora, como fundamentais para o desenvolvimento das chamadas Funções Psicológicas Superiores (VYGOTSKY, 1989, b), específicas do ser humano, ou seja, a construção dos conhecimentos, a inteligência, nossa capacidade de formar conceitos, através das ferramentas da linguagem. A mesma autora também levanta a importância de considerarmos o meio histórico, social e cultural no qual acontece esse processo de formação/ construção de conceitos, uma vez que somos fruto de um tempo-espaço e temos uma forma de entender o mundo e mesmo uma forma geográfica de entender o mundo. Daqui levantamos a necessidade de partirmos daquilo que as crianças conhecem efetivamente, ou seja, sua forma prévia de apreender a realidade e com ela dialogarmos para construirmos o conceito escolar de paisagem.

1.4) As categorias investigativas de análise

1.4.1) Textos e Diálogos

Para VYGOTSKY (1989, a), a palavra pode ser um reflexo generalizado do pensamento e este, o reflexo generalizado da realidade, pois necessita da experiência. Ela desempenha, através da fala, uma função intelectual, pois exprime diferentes sensações e percepções do homem acerca de sua realidade. É uma ferramenta que nasce de uma necessidade que é essencialmente humana, a de construir cultura, ou

seja, se relacionar com o meio. Para haver comunicação, segundo o mesmo autor, é preciso significado, isto é, generalizações.

A verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante, que constitui um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra.

(VYGOTSKY, 1989, PP. 05, a).

As palavras, então, são as formas de comunicação, de contato social e de relacionamento que o homem desenvolve para mediar sua relação com o meio e com os outros.

As palavras não podem ser entendidas fora do contexto e dos sujeitos que as falam.

(CAVALCANTI, 2005, pp. 198).

Como se sabe, o meio é composto de inúmeros e diferentes objetos e sujeitos que se interrelacionam. A criança é parte deste meio e participa ativamente dessa relação e sua atividade é de suma importância na construção dos conceitos. Para tanto, ela precisa atribuir significados e sentidos aos objetos e as relações estabelecidas num contexto sociocultural. A paisagem está repleta de sujeitos e objetos que se interrelacionam e essa dinâmica é nela materializada. A paisagem é constantemente construída nas relações socioculturais, nas relações e entre sujeitos, contextualizadas, com papéis e lugares sociais definidos. Como, então, conceituá-la?

Segundo VYGOTSKY (1989, a),

(...) para se iniciar o processo, é necessário confrontar o sujeito com a tarefa.

VYGOTSKY (1989, PP. 49, a).

A tarefa é, então, problematizada pela professora-mediadora.

Acreditamos não haver a possibilidade de se trabalhar com palavras isoladas. Segundo LURIA (1986), as palavras são polissêmicas. Assim, é necessário que o aluno escolha qual significado utilizar, para ser mais preciso. Os passos que sugerimos para a análise das produções, com fundamentação no trabalho de COMPIANI (1996), então, foram:

1) Analisar as produções textuais, os diálogos transcritos e os desenhos, separamos as idéias-chaves que mostravam pistas em direção ao conceito de paisagem a ser construído.

2) Processar a análise, durante a aula de levantamento de conhecimentos prévios, sem responder imediatamente à criança se o que ela fala, desenha e/ou escreve é aquilo que a professora-mediadora almeja.

3) Analisar, da mesma forma colocada em 2) aquilo que a criança fala/escreve ao longo do processo de mediação, quando trabalharemos as colocações feitas pelas crianças na primeira aula (aula de levantamento de conhecimentos prévios, que também será gravada e transcrita), para estabelecer comparações e analisar o diálogo entre as concepções de paisagem apresentadas.

4) Analisar se a proposta de ensino-aprendizagem foi válida a partir dos objetivos lançados para este trabalho.

A idéia central do trabalho de VYGOTSKY (1989, a) é de que a palavra têm vários significados, que expressam pensamentos. O pensamento é um reflexo generalizado da realidade, construído mediante um diálogo entre as diversas formas de conhecimento que os alunos já trazem estruturadas, as diversas mediações realizadas, intencionalmente ou não, dentro ou fora da escola, contextualizadas ou não, a partir de diversas interferências. Por isso, a fala exerce uma função intelectual, pois o pensamento necessita de experiência interpessoal e intrapessoal para existir e ser construído. Assim, a palavra, expressa pela fala, atividade essencialmente humana, permite a diferenciação entre sensações, percepções e abstrações acerca de algo ou alguém. Segundo FONTANA (1996), quando uma criança **fala**, ela está inserida em

uma prática social dialógica, que é mediada pela palavra, ela atribui significado aos elementos que a cercam que, por sua vez, é fruto de uma realidade histórico-temporal.

Uma primeira discussão a ser pontuada aqui é como se processa a construção do conceito de paisagem pela mediação da professora-pesquisadora. O trabalho é feito, como se sabe, a partir do levantamento de idéias prévias, diálogos, leituras, perguntas textos e desenhos (COMPIANI, 1996; TAMAIO, 2002). Pois bem, como a criança entende a paisagem e como a professora, na qualidade de mediadora intencional desse processo de conceitualização, deve elaborar sua prática pedagógica afim de que o conhecimento geográfico da paisagem seja construído.

De acordo com FONTANA (1996, 1999), todos os conceitos são produtos da realidade histórica e, portanto, seus significados foram atribuídos pelos homens ao longo do tempo e estão sujeitos as historicidades que os cercam. O conceito é, então, marcado pela palavra e é condicionado a avaliação histórica e social, só assim poderá se materializar. Uma outra condição para a validação do conceito, segundo a mesma autora, é a sua capacidade de interação com os signos atribuídos aos objetos circundantes. Podemos concluir o constante processo de significação a qual os conceitos se sujeitam. A palavra é dita, então, em contextos sociais e culturais, constituída empiricamente e expressa de forma dinâmica pela linguagem. Acredita-se que a dimensão cultural de um conceito jamais deve ser esquecida, pois ela é dada através das relações no/do cotidiano, como TAMAIO (2002) coloca,

Os conceitos são processos historicamente determinados e culturalmente organizados, e o seu desenvolvimento na criança ocorre através da experiência vivenciada, mediada pela prática social, principalmente pela palavra na interação com os demais.

(TAMAIO, 2002, pp. 30).

A paisagem inclui em seu conceito esta dinamicidade. A paisagem é constituída e construída pelas sociedades humanas ao longo do tempo-espço. Ela é cultural e sua única constante é a transformação. Porém, não foi bem assim que encontramos a

noção de paisagem entre as crianças. Sabemos que o conceito é elaborado e produzido de várias formas e tal processo também depende da situação em que ocorre e do discurso no qual o conceito se insere. Pode acontecer de concepções diferenciadas serem apresentadas às crianças, o que é algo interessante na medida em que suscita discussões e pluralidade de idéias. Sabemos que ao solicitarmos às crianças que desenhem uma paisagem e falem sobre ela (ao responderem aos questionários), elas recorrerão, em grande medida, à memória em detrimento à percepção do entorno. Para expressar tais ações, utilizam a linguagem. Para MARGALEF (1987), a linguagem resume a realidade, conferindo-lhe operacionalidade e ordenamento temporal. Isto permite a consonância entre realidade e passado e lhe confere intencionalidade, pois a percepção que as crianças têm dos objetos requer uma estrutura cognitiva que levará a uma percepção seletiva e culturalmente determinada.

Para FONTANA (1996), o papel do professor-mediador é articular e discutir as concepções que aparecem. Cada conceito é um movimento histórico e ideológico e a ele pode haver outros conceitos relacionados, como acontece com a paisagem. Isto implica no cuidado com os diversos significados e sentidos atribuídos à paisagem pelas crianças, ao longo do processo de mediação. Como nos coloca LURIA (1986), é necessário que o professor, em seu papel de mediador seja capaz de entender que

A palavra não somente designa uma coisa e separa suas características. A palavra generaliza uma coisa, a inclui em uma determinada categoria, ou seja, possui uma complexa função intelectual de generalização.

(LURIA, 1986, pp. 37 - grifos do autor).

(...) a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição de palavras parecidas à primeira situação imediata pela experiência anterior, etc.

(LURIA, 1986, pp. 35).

A construção de conceitos que nós, professores, mediamos na escola, não é um processo espontâneo, mas sim, mediado e sistematizado. Mediado pelos professores, pela época, pelas determinantes históricas e sociais, pela cultura e pelos agentes participantes, seus discursos, suas relações, sua linguagem, quer seja a falada ou a iconográfica. As mediações que ocorrem na escola estão inseridas em uma lógica escolar, na qual a componente curricular Geografia elabora um Plano de Ensino, com unidades didáticas específicas para cada série, para cada bimestre e assim sucessivamente.

Quando uma criança, de cerca de 11 ou 12 anos, ouve a palavra “paisagem”, ela provavelmente não busca em sua memória o conceito geográfico. Ela trouxe conceitos como o de ambiente, situações associadas ao turismo, lazer e assim por diante. Ela poderá associá-la a alguma coisa e /ou outra eventual mediação que lhe faz sentido dentro de suas experiências, que, por sua vez está diretamente relacionado a certos conceitos prévios que ela traz. Quando construímos o conceito de paisagem, obrigatoriamente iremos reconstruir os diálogos que a criança tem a esse respeito. Fazemos isto porque estamos inseridos em um ambiente cultural que determina comportamentos. A linguagem expressa pela fala também se transforma.

1.4.2) Desenhos: a representação iconográfica

Uma das bases que sustenta a teoria sócio-cultural de Vygotsky é a idéia de interação, que ocorre no tempo-espaço entre sujeitos, objetos e seu(s) meio(s). Para compreender a realidade, os sujeitos interagem, ao longo de sua história de vida, com outros sujeitos e com os diversos objetos constituintes do meio em que vivem e essas interações são mediadas pela época e pelas relações sociais. Nesse processo, sabemos que a criança despande esforços para compreender o mundo real e tais esforços têm como ferramentas de intermediação as relações sociais. Esse esforço para a compreensão, para o entendimento da realidade, tem como essência a linguagem, expressa pela fala, escrita e simbólica (iconográfica, ou seja, desenhos).

A mediação para Vygotsky constitui um processo de intervenção de elementos sócio-históricos nas relações entre

o sujeito e o mundo (...) esta relação entre o sujeito e o mundo passa a ser mediada por elementos tais como um instrumento, um signo.(grifos nossos).

(DEL-MASSO, acesso em 15/07/2005).

Portanto, não só o domínio da linguagem falada (discursos textuais e transcritos) mostra-se como fator essencial na construção de conhecimentos, mas também os desenhos, aqui chamados de representações iconográficas. Eles são formas de entender, expressar e conhecer a realidade, conseqüentemente, conceituá-la.

Existe, então, a realidade conceituada, que só é possível de entendimento pela linguagem. Esta, por sua vez, precisa ter significado e sentido, que só acontecem quando a criança interage com a realidade (meio e sujeitos). Somente assim ela é capaz de significá-la e de lhe atribuir um sentido. Quando a criança **desenha**, ela elabora um conceito, pois ela expressa aquilo que lhe faz sentido, em uma retomada de suas experiências, das mediações até então já realizadas por ela. Ela identifica e significa objetos, segundo sua apreensão da realidade. Concordamos com ARNHEIN (1980), visto que o desenho de uma criança origina-se no abstrato, naquilo que é descontextualizado, e não no concreto. Ao desenhar a paisagem, ela expressa aquilo que será a realidade por ela conceituada, aquilo que lhe remete à referências em sua experiência de vida. Segundo FERREIRA (1998), o que faz sentido para a criança é aquilo que ela conhece aquilo que lhe é identificável e isto será expresso pela linguagem, pela palavra, cujos significados são histórica e socialmente constituídos. A linguagem faz a mediação entre o sentido atribuído pela criança, fundamentado e estruturado em acordo com seus conhecimentos prévios e aquilo que a paisagem é efetivamente (materialidade cultural).

A preocupação da criança não é representar as coisas tais como são, e sim figurá-las de maneira que sejam mais identificáveis. Quanto mais um desenho quer dizer coisas, mais interessa à criança.

(FERREIRA, 1998, referência a WILDLÖCHER, 1988, pp. 27).

Para fazer o desenho da paisagem, a criança utiliza-se de sua imaginação, que nada mais é do que uma forma de retomar as experiências anteriores, ou seja, recorrer aos seus conhecimentos prévios, estabelecendo relações, com a intenção de expressar tal realidade. Para FERREIRA (1998), faz-se aqui uma nova forma de se representar os fenômenos. A mesma autora nos coloca que

No caso do desenho, os significados são expressos não pelas figuras, mas pela linguagem. Esta mediatiza as significações e o reflexo do mundo. (...) A realidade contida no desenho é a realidade significativa: a realidade que tem significado e sentido para a criança(...).

(FERREIRA, 1998, pp. 34-5).

Quando pedimos às crianças que desenhem paisagens, seu primeiro desenho está fundamentado em seus conhecimentos prévios, em sua gama de experiências. A criança determina de que forma isto será representado, para que os mesmos expressem seu sentido, sua visão de mundo acerca da paisagem. Ela fará associações, relações e estabelecerá vínculos com as estruturas existentes no contexto em que ela se insere para que o seu desenho seja pragmático, isto é, comunique e expresse seus desejos e pensamentos explicitamente. Seu desenho da paisagem é uma representação iconográfica, com certo sentido, daquilo que ela vê, será a realidade por ela representada, o que lhe faz sentido, que ela atribuiu alguma expressão, algum significado, que lhe é identificável e que ela é capaz de expressar pela linguagem.

Desenhar, como atividade humana, implica funções psicológicas superiores como a percepção, a atenção, a memória, a imaginação, é constituída e mediada por signos, pela linguagem e pelo "outro".

(FERREIRA, S. 1998, pp. 47).

A comunicação humana depende da história particular de cada um, que é formada e constituída de suas experiências, de suas interações e percepções em relação aos objetos e aos sujeitos, das diversas mediações que são promovidas por diversos

atores, tais como os meios de comunicação e as mídias, formando assim um contexto de produção de sentidos, que deve ser entendido a partir de toda essa complexidade. Essa comunicação expressa aspectos peculiares da experiência individual. Se o desenho da paisagem, anteriormente às aulas-debate, estiver próximo ao conceito geográfico, poderemos inferir que a criança promove diálogo entre as formas que ela conhece a paisagem. Ela talvez já consiga compreender as leis que o regulam e é capaz de elaborar um código que é o expresse. Por outro lado, se durante o levantamento de idéias prévias, observarmos que há uma divergência entre aquilo que se considera paisagem (conceito geográfico) e aquilo que a criança desenha, é certo que devemos buscar uma outra direção através da mediação pedagógica intencional, que levará a outras formas de representação que, segundo GARCIA (2004), caminha para transformação, no caso, ao conceito geográfico de paisagem.

Todavia, acreditamos que também é possível que as significações atribuídas pelas crianças à paisagem sejam múltiplas. Elas podem caminhar ou não para o conceito geográfico. Há resultados que mostram isso. Ao longo do processo de mediação, os novos conceitos, expressos nos novos signos e significados se mesclam aos já existentes, formando um amálgama que determinará o seu novo sistema pragmático. O produto final, o desenho final das paisagens terá algumas possibilidades:

- a) Novos significados foram incorporados, com pouca manutenção das idéias prévias;
- b) Novos significados foram incorporados, mas ainda notamos traços marcantes das idéias prévias;
- c) Novos significados não foram incorporados, indicando uma possível fase de transição, na qual a criança mescla idéias prévias com as novas;
- d) Novos significados não foram incorporados, com manutenção das idéias prévias.

Este produto final também pode ser ainda segundo GARCIA (2004), o resultado de novas elaborações cognitivas, pois o desenho nos oferece a possibilidade de entendimento de uma outra habilidade humana de construção do conhecimento, que é a simbólica. Ela ocorre toda vez que tentamos resolver situações problematizadoras, buscando elementos iconográficos que possam representar significados para quem desenha. Assim, essa autora nos coloca que o código simbólico que aparece em um desenho têm significados relacionados a experiências cotidianas e formas de se

perceber a realidade circundante assim como são poderosas ferramentas de comunicação na medida em que nos mostram percepções, pensamentos e sentimentos. A expressão iconográfica é o nosso impulso primário de representação do mundo e não deve ser menosprezada na medida em que se trata de uma forma organizada de expressão do pensamento em construção. A referência do desenho das crianças não pode ser separada da imagem do conceito, pois a representação iconográfica é parte dela, constitui a cognição em processo.

Como interpretar o significado dos desenhos das crianças?

Sabemos que o mundo atual é fundamentalmente simbólico; a comunicação se faz por ícones. Sabemos que sempre houve maior destaque à língua escrita e falada em detrimento à linguagem dos desenhos, principalmente porque a primeira conta com um código, gramática e a norma culta; já a segunda, não. Um outro aspecto é a aceitação no ambiente em que se vive. A linguagem (língua materna) exige uma forma convencional de aprendizagem; o desenho, não. É sempre excluído como forma de representação do real. Não concordamos com isto, pois já discutimos o papel dos signos na mediação entre os sujeitos e a realidade, eles representam percepção, pensamento, sentimento que a criança tem em relação à paisagem. GARCIA (2004) reforça essa concepção quando coloca que considera

(...) as representações iconográficas das crianças como resultado de uma construção da realidade pensada e sentida (...). que funciona com dois níveis com cocientes distintos de comunicabilidade: específico (informativo, pontual e consciente) e inespecífico (implícito).

(GARCIA, 2004, pp. 49-50).

Portanto, ao analisarmos os desenhos das crianças, precisamos ter em mente o fato de que eles foram feitos em um ambiente cultural contextualizado, no qual existem representações e mediações que são influenciadas pela época e pelo lugar. São os conteúdos específicos das representações. Além disso, como já ressaltamos, a criança utiliza-se de sua imaginação e memória para desenhar, o que concede a seu desenho

certa subjetividade, ou seja, os conteúdos que não são diretamente específicos, mas que podem significar algo dentro do contexto, algo que o professor-mediador não pode desconsiderar ao realizar suas análises e principalmente quanto for pontuar os resultados de sua prática de ensino-aprendizagem. Um exemplo disso pode ser dado quando a criança contextualiza o conceito ao desenhar paisagens referentes ao problema da seca no Acre, em 2005. Nós partimos de uma prática descontextualizada, mas os alunos trouxeram para a sua realidade algo que é produto das mediações realizadas em outras aulas e também pelas diversas mídias, uma vez que o conceito de paisagem cultural envolve diretamente a ação antrópica sob o meio físico e, em um primeiro momento, esse fato, era para muitos, desconsiderado.

FERREIRA (1988) coloca a construção da imagem a partir de um jogo combinatório que ocorre em três níveis: a realidade sensível, a percepção e a imaginação. Para desenhar, ao recorrer à imaginação, a criança se relaciona com as paisagens fundamentada em suas experiências vividas, em seus desejos e fantasias. Ela tem intenções claras de significar algo em suas representações ao mesmo tempo em que nelas expressam seus pensamentos relacionados a seus conhecimentos prévios e mediados na escola. Visualizamos, assim, que os desenhos nos representam combinações entre tais conhecimentos prévios (conceituais, afetivos, de atitudes) acerca do conceito (no caso, de paisagem) que a criança traz consigo, as experiências compartilhadas com os amigos em sala de aula, na situação de ensino-aprendizagem e a mediação que é feita pela professora, que introduz o conceito sistematizado de paisagem. Quando solicitamos, inicialmente, à criança que desenhe uma paisagem, e mesmo ao longo do processo de mediação, nós a colocamos diante da necessidade de buscar soluções para os problemas de representação. Isso as remete, segundo GARCIA (2004) e LURIA (1986) não somente nas estruturas e características externas dos objetos, mas também a leva à procura de significados, a partir de seu modelo de mundo.

O desenho é, então, comunicativo. Como nos coloca ARNHEIN (1980):

(...) o trabalho pictórico é um instrumento para a tarefa de identificar, entender e criar ordem de complexidade crescente.

(ARHEIN, 1980, pp. 195).

Há vários sentidos de comunicação nos desenhos. Eles podem ser sentidos diretos ou não, se estiverem relacionados e sentidos dependentes a outros objetos que aparecerem. Isto depende da significância que as crianças desejam expressar em seus desenhos. No fim, poderemos dizer que a articulação desses sentidos representados nos desenhos lhe conferem um tema. Buscamos então, que a paisagem, seja representada, nos desenhos das crianças, como uma construção cultural, nossa abordagem do conceito. Pretendemos ao longo do processo de conceitualização, que as representações das crianças se transformem, a fim de que nos mostrem em que medida suas respostas em desenhar / representar a paisagem, ao longo da mediação, incorporaram novos significados diante das novas experiências na aula. Isso poderá ser evidenciado através de novas simbologias, mais complexas, e assim, poderemos constatar se houve (ou não) um diálogo entre as idéias prévias sobre paisagem, fundamentadas no cotidiano e nas experiências das crianças e o conceito sistematizado de paisagem.

2.1) Sondagens acerca do conceito de paisagem

Esse trabalho se fundamenta na pesquisa-ação, como colocado anteriormente. Nesse capítulo, mostramos no processo de conceitualização, como procedemos para construir o conceito de paisagem, nas aulas de Geografia, em uma perspectiva cultural. Optamos pelo registro por meio da narrativa. Segundo FLICK (2004), as narrações são formas de interação, nas quais o pesquisador (a professora-investigadora) interage com o mundo experiencial/ vivido daqueles com os quais ela (eu) realiza a pesquisa, de um modo mais amplo e profundo. As narrativas também viabilizam apresentar e conhecer o lugar (com)vivido dos alunos antes, o que torna possível estabelecermos uma organização das ações bem como das atividades de ensino-aprendizagem, ao longo dessa trajetória. O mesmo autor também coloca que as narrações permitem construir um viés de análise do pensamento através de uma problemática. Para estabelecer um ponto de partida, resolvemos que era necessário verificar, entender e analisar qual era o conceito de paisagem que as crianças traziam. Esta foi a primeira etapa de nosso trabalho, que assim se realizou:

- 1) Solicitação para que as crianças desenhassem uma paisagem.
- 2) Elaboração e aplicação de um pequeno questionário com quatro perguntas: O que é paisagem? Como as paisagens se formam? As paisagens são sempre iguais? e O que é possível observar em uma paisagem?

Trabalhamos em um grupo de 36 crianças que foram aleatoriamente divididas em grupos de 3, 4 ou 5 componentes. Para essa aula, que chamamos de inicial, recolhemos os seguintes dados:

- desenhos sobre paisagem (linguagem iconográfica)
- respostas às perguntas (questionários, que chamamos de discursos textuais)
- transcrição do diálogo gravado de um grupo, que será acompanhado.

As aulas de Geografia são minhas, portanto, atuei na condição de professora mediadora, em caráter intencional. A classe escolhida conta com 47 alunos, dos quais 36 participaram de todo o processo. Os demais, por se tratar de uma época de muitas viagens e feriados (12 e 15 de outubro), faltaram em uma ou outra etapa e, como não concretizaram todas, não considerei suas produções para esse trabalho, mas eles participaram ativamente das aulas nas quais compareceram. Logo ao chegar à sala e ao apresentar a proposta, percebo que os alunos se mostram bastante motivados e envolvidos. Quando disse que gravaria alguns depoimentos em meu gravador de mão, ou “de repórter”, como muitas crianças o chamaram, notei uma certa disputa. Resolvi que este deveria ser manuseado tanto por mim quanto pelos alunos, para que eles ficassem mais tranquilos e pudessem dividir uma responsabilidade comigo: registrar os diálogos. FLICK (2004) ressalta que quando há a presença e influência da gravação,

(...) se recomenda que o uso da tecnologia de gravação se limite à coleta de dados necessários à pergunta de investigação e ao marco teórico (...) deve-se preferir o aparelho que passe mais despercebido. Em todo caso, o investigador deve limitar suas gravações ao que seja absolutamente necessário à sua pergunta de investigação, tanto do ponto de vista da quantidade de dados como da minuciosidade da gravação.

(FLICK, 2004, pp. 184, tradução minha).

Assim, com o gravador em mãos, a espontaneidade aparece como marca registrada, inclusive nas várias vezes que o aparelho cai e notam-se barulhos externos, quando o botão errado é apertado e os alunos gravam por cima do diálogo do colega, mas nada que pudesse considerar como impedimento à transcrição e ao entendimento fidedignos dos diálogos.

Também optamos pela organização da classe em grupos. O aspecto interativo na coleta de dados e as discussões entre os sujeitos (alunos) permitem o diálogo e o debate de idéias e, obviamente, a produção/ construção de novos conhecimentos. Nesse sentido, quando os alunos foram organizados em grupos, para a produção dos

desenhos, responder as perguntas e dialogar entre si nessa aula sobre o levantamento de idéias e conceitos prévios, há um grande intercâmbio de opiniões e de hipóteses entre eles na medida em que lhes foi atribuída uma tarefa, a de pensar e representar a paisagem.

Diante da situação-problema, a criança busca em sua memória, em suas experiências e também nas relações com o outro, formas de resolvê-la. A forma como a paisagem a estimula faz com que ela escolha o que deseja representar, de maneira falada, escrita e pictórica. Seu instrumento para isso é a linguagem falada, escrita e iconográfica (desenhos). Assim, ela dirige a sua atenção para essa tarefa e, mais tarde, com a minha presença mediadora, viabilizará a intermediação do desenvolvimento, ou seja, trabalharemos na ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), base da teoria sócio-cultural de Vygotsky.

Para Vygotsky (1984), o homem realiza sua mediação com o ambiente por meio de instrumentos, de signos (linguagem, escrita, sistemas de números etc) que são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana, mudando a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

(FREITAS, 1994, p. 90, a).

Os trabalhos em grupo, que permitem essa troca e intercâmbio de idéias, representam uma importante ferramenta para a construção e (re)elaboração do conceito de paisagem. Além disso, as discussões abrem possibilidades para construção de outros conceitos, já que os grupos elaboram novas interpretações sobre os temas que estão em discussão. O grupo sempre busca o consenso.

2.2) As atividades e as situações de ensino-aprendizagem desenvolvidas

2.2.1) Idéias Prévias – a linguagem textual, os desenhos e os diálogos transcritos.

A aula inicial, organizada com o objetivo de sondar quais seriam as idéias prévias dos alunos acerca do conceito de paisagem, contou com 50 minutos nos quais os alunos

deveriam desenhar uma paisagem, e, no verso do sulfite, responder a quatro perguntas: O que é paisagem? Como as paisagens se formam? As paisagens são sempre iguais? Por quê? O que é possível observar em uma paisagem? Consideramos essas perguntas de investigação essenciais. Elas, assim como os desenhos e os diálogos, nos permitem traçar um cenário acerca das idéias iniciais, dos conceitos prévios sobre paisagem. Com esses dados, constituiremos um panorama sobre a temática para organizarmos nossas atividades subseqüentes. Após recolher os 36 desenhos/questionários, aplicamos uma prancha de análise¹ para cada um deles e para cada tipo de discurso, iconográfico e textual.

As pranchas de análise, tanto para os desenhos, quanto para os discursos textuais, foram elaboradas com base nos objetos que eram mais evidentes, em nosso ponto de vista e que pudessem nos oferecer critérios para a classificação em categorias. As pranchas de análise, aplicadas em todos os 36 desenhos e discursos textuais (questionários), visam, estabelecer categorias de estudo, para que seja viável ponderar sobre os dados recolhidos; fundamentar uma teoria sobre os mesmos; representar e arrolar as situações de ensino-aprendizagem nas quais os dados aparecem e se desdobram. Assim se estabelecem critérios, como nos coloca FLICK (2004). Essas categorias possuem um certo grau de abstração, fundamentado na nossa experiência de sala de aula. Sabemos que não há neutralidade na produção do conhecimento científico e julgamos importante que o professor se posicione, mas não tendencie seus alunos, pois não há conceito, sobretudo geográfico, avulso no espaço e no tempo, eles são produzidos e legitimados em uma sociedade e em um contexto histórico-cultural.

A prancha de análise dos desenhos foi dividida em três eixos, afim de que seja feito um diagnóstico dos elementos presentes nos desenhos; se há ou não a presença humana, como indicativo de construção da paisagem, assim como traços de cultura e, finalmente, como as paisagens se constroem. Com isto, além de traçarmos um diagnóstico, capaz de mostrar se o conceito que as crianças trazem de paisagem está ou não próximo ao conceito geográfico, foi possível definirmos as categorias analíticas

¹ Os modelos de pranchas aplicados encontram-se nos anexos desse trabalho.

e a direção que tomaremos na aula seguinte. Observe o modelo da prancha de análise dos desenhos:

1) Elementos predominantes

- a) Naturais (tudo que existe à revelia do homem (incluindo animais, domésticos ou não - Meio)
- b) Naturais e Humanizados (incluindo animais domésticos) em harmonia.
- c) Naturais e Humanizados (incluindo animais domésticos) em desarmonia.
- d) Humanizados Exclusivamente.

2) Homem

- a) Faz parte da paisagem e a ela se integra.
- b) Não faz parte da paisagem.
- c) Está em harmonia com outros elementos.
- d) Não está em harmonia com os outros elementos.

3) Construção da Paisagem

- a) Elementos naturais (meio) exclusivamente
- b) Elementos naturais com a influência humana (apresentando traços de culturas caracterizados)
- c) Elementos humanos exclusivamente

Todos os desenhos aqui apresentados representam o grupo de trabalho (9 desenhos) dos 36 alunos que fora selecionado. O critério por nos escolhido era o de acompanhar a evolução do processo de ensino-aprendizagem através da mediação pedagógica num grupo de alunos, inseridos no universo da pesquisa. Portanto, é desse grupo que utilizamos os desenhos, os discursos os diálogos transcritos. Nas produções escritas e nos diálogos, aplicamos as pranchas de análise e transcrevemos aqui exatamente da forma que as crianças escreveram, não realizamos nenhum tipo de correção. Na transcrição dos diálogos, na gravação aparecem os nomes das crianças, mas para mantermos o rigor científico, preferimos apenas deixar a inicial de seu nome, por exemplo, P.

Após a tabulação dos dados, obtivemos os seguintes resultados:

- 14 desenhos bem definidos, nos quais os itens 1)a), 2)b) e 3)a) são predominantes, classificados como Categoria 1: Paisagem Meio, nos quais existem claras evidências de que a criança entende a paisagem como essencialmente o meio, formada e constituída apenas pelos elementos e/ou objetos que lá existem à revelia do homem e este não faz parte dela, enfatizando a dicotomia homem-natureza. Consideramos que as crianças apreendem o meio como algo ainda não apropriado pelo trabalho das sociedades, ao longo do tempo e das diversas culturas. Vejamos um exemplo:

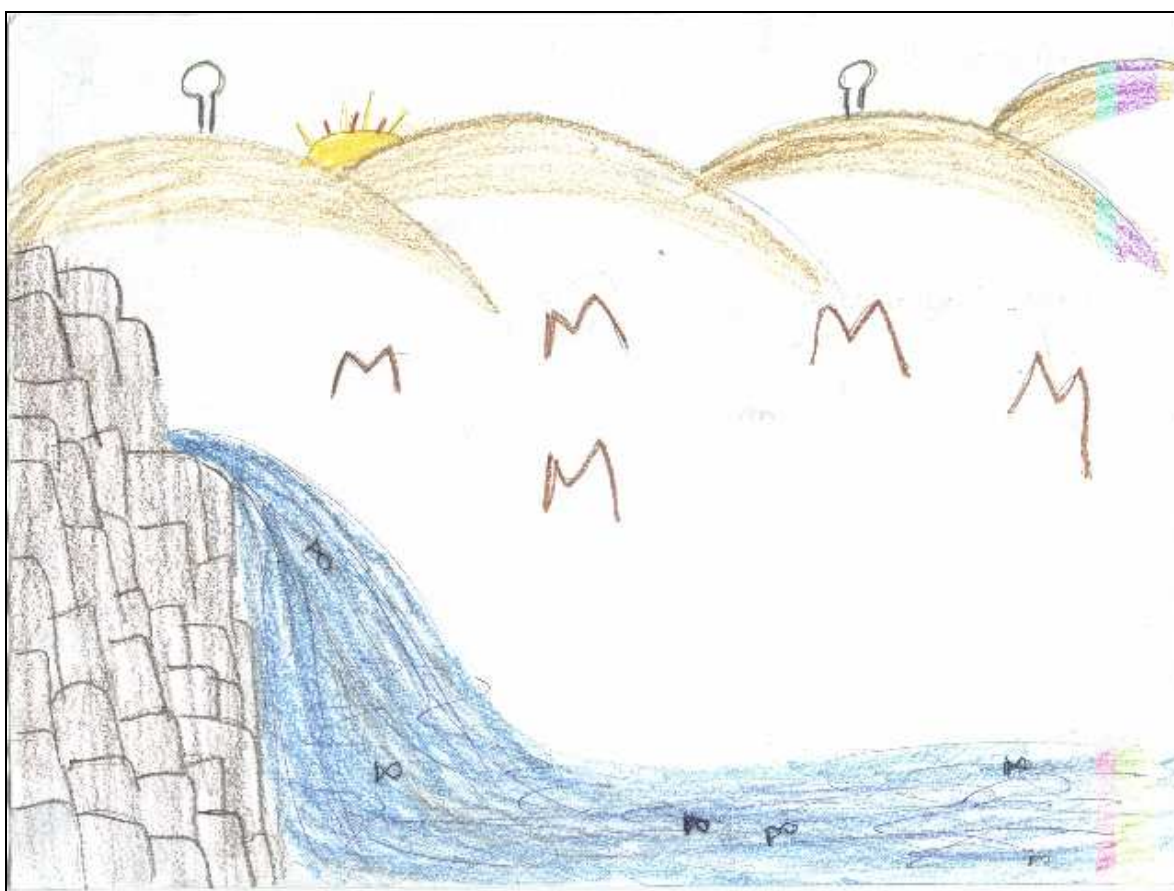


Figura 2.1: Desenho de N., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio.

Observem que a aluna não faz nenhuma referência à presença humana. É como se o homem não fizesse parte da natureza. Destacamos montanhas ao fundo, com o sol, algumas árvores e, em primeiro plano uma cachoeira com um rio e vários peixinhos. O seu texto, na resposta da 1ª pergunta (o que é paisagem), confirma o conteúdo desenho:

Paisagem é natural, pois paisagem que é poluída, não é exatamente uma paisagem. É um lugar limpo e bem arejado, com muitas águas.

- 13 desenhos nos quais predominam os itens 1) b), 2) a) e b) e 3) b), que nos mostra um certo equilíbrio entre a atuação antrópica e natural, classificados como Categoria 2: Paisagem Bucólica, nos quais o homem sempre está em harmonia completa com o meio, quase em estado contemplativo da mesma, com referências à situações campestres e/ou, associadas ao lazer, à fuga da vida agitada das grandes cidades, o desejo. A paisagem aqui é formada tanto pela ação humana (evidenciando traços culturais), quanto pela ação dos elementos do meio físico, mas raramente a primeira interfere negativamente na segunda. Segue um exemplo:



Figura 2.2: Desenho de B.S., 11 anos, categoria 2 – Paisagem Bucólica.

A aluna desenha, em primeiro plano, uma família, em um momento de lazer na praia. A mãe descansa embaixo do guarda-sol, as crianças brincam na areia sob os cuidados do pai, em pé, à direita. São traços antrópicos – o uso da praia para o lazer, turismo – que demonstram uma incipiente noção de paisagem como construção cultural. Em seus discursos textuais, notamos uma colocação enfática acerca da presença do homem, que não aparece nos discursos textuais de N. (autora do desenho da Figura 2.1), veja a sua resposta da primeira questão (o que é paisagem):

Para mim, paisagem que eu estou desenhando é uma paisagem natural, pois o homem não destruiu AINDA!

Interessante perceber que a presença do homem, nas paisagens, em certas situações, é considerada negativa, associada à destruição. Isso nos mostra, na categoria 2, o bucolismo inerente a esse conceito. Entendemos por bucólico algo diretamente associado à harmonia, à simplicidade e, até mesmo à ingenuidade. Por bucolismo também associamos os desejos das crianças, como, por exemplo, de estar em outras paisagens que nelas nunca tenham estado antes. Para essas crianças, o conceito de paisagem pode remeter-se a algo distante, no qual elas podem estar somente em momentos de lazer, férias ou, até mesmo, em uma outra situação diferente da agitação de uma cidade como Campinas. Em alguns casos, a paisagem parece mesmo estar associada somente a momentos de lazer, férias. Em outros, a paisagem pode estar distante. Observem a resposta de B.S. (Figura 2.2) à segunda pergunta (como as paisagens se formam):

A paisagem da praia foi formada através da natureza, mas é habitada por seres humanos.

Uma outra representação da paisagem, que mostra a presença do homem, enquanto agente construtor da mesma, categoria 2, que traz as características do bucolismo bem emblemáticas, é a que segue:



Figura 2.3: Desenho de E., 12 anos, categoria 2 – Paisagem Bucólica.

Quando perguntado sobre o que é paisagem (pergunta 1), o aluno escreve:

É quando têm imagens. Exemplos: moinhos com plantações.

Notamos que, tanto em desenho quanto em suas colocações textuais, o aluno associa a paisagem aquilo que ele vê (imagens) e que lhe expressa algo, pois moinho e plantações são objetos de um ambiente rural e sua utilização está associada à atividades características do meio rural. Uma outra situação pode ser vista na placa de entrada do sítio. “Sítio Luzia”, que nos coloca um elemento tipicamente da zona rural, provavelmente já vivido pelo aluno. Como o moinho não é um elemento típico dos ambientes rurais brasileiros, acreditamos que sua presença no desenho mostre mesmo

que a criança relaciona o conceito de paisagem a uma outra mediação que o remeteu a uma relação afetiva, mais concreta, pois,

O sentido depende sempre do contexto do qual emerge.
(FREITAS, 1994, p. 174, a).

Já na segunda questão, como as paisagens se formam, o aluno responde:

Por pessoas, animais e Natureza.

Confirmando o caráter bucólico que o aluno confere ao conceito de paisagem, ele se remete a ela com a presença da natureza e a coloca com letra maiúscula, de modo a destacar sua presença no desenho e também na sua forma prévia de construção deste conceito. Isto também é reforçado pelas suas colocações na terceira pergunta - As paisagens são sempre iguais? Por quê?, na qual responde:

Não porque as pessoas destroem e depois constrói.

Percebemos como ele é enfático nesta colocação – primeiro há um processo de destruição, provavelmente o que se faz para a construção de um sítio, ou de uma chácara, a retirada de parte da cobertura vegetal para que se construam os elementos como a casa, o moinho, as plantações e outros elementos característicos de habitações rurais, como ele confirma na pergunta 4: o que é possível observar em uma paisagem?

As naturezas, os lugares, pessoas e animais.

Podemos concluir, portanto, que a presença humana acontece, a idéia de que o homem constrói paisagens também, porém com a presença de harmonia entre homem e meio (natureza). O homem, que apesar de não aparecer de forma explícita no desenho, é representado por E. através de um sítio, cujo nome é “Luzia”. Veja o contraste com o seguinte desenho, da categoria 1:



Figura 2.4: Desenho de W., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio.

A referência é outra, não há presença humana, apenas de animais, no caso uma preguiça na árvore da esquerda, com um macaco que desce a mesma e uma tartaruga na parte de baixo. Chama a atenção o fato das árvores não terem copas, ou seja, folhas. Uma possibilidade de entendimento é que estávamos em uma época do ano em que se inicia primavera e muitas árvores ainda apresentam esse aspecto, sem folhas. A escola na qual realizamos essa pesquisa situa-se em uma área da periferia de Campinas. É cercada por antagonismos: de um lado, uma parcela considerável de reflorestamento (eucaliptos) e vegetação secundária (que é originária de um possível desmatamento e que veio a nascer novamente); de outro lado, ocupações ilegais, áreas de favelamento e de extremo risco de ocupação (margens de córregos, por exemplo), sem as mínimas condições de infra-estrutura. As áreas de ocupações aparecem sempre com construções inacabadas, desmatamentos, queimadas, lixo e entulho por toda parte e quase durante o ano todo. Nas épocas de seca (agosto, setembro e

princípio de outubro), quando realizamos essa pesquisa, a situação agrava-se: há queimadas, tanto da vegetação quanto do lixo, é freqüente observarmos árvores sem copa. Isso fica associado às próprias condições do tempo atmosférico e da mudança de estação (equinócio da Primavera). Isso, sem dúvida, influencia a percepção das crianças acerca da paisagem.

Em sua resposta à pergunta 1 (o que é paisagem), o mesmo aluno mostra uma grande diferença à resposta anterior, referente ao desenho da Figura 2.3., observe:

Céu, nuvem, árvores, animais e grama.

- 9 desenhos nos quais predominam as categorias 1) b), 2) a) e 3)b), que mostram elementos humanizados bem definidos. Aqui notamos a presença de elementos do meio sim, mas os elementos humanos, o trabalho como forma de apropriação do meio, que declaram a construção cultural da paisagem e nela estão enfatizados. A esses desenhos, estabelecemos a Categoria 3: Paisagem Humanizada. A paisagem conta com elementos do meio sim, porém com a predominância, já no primeiro plano do desenho, de elementos antrópicos. Vejamos um exemplo:



Figura 2.5: Desenho de A.C., 11 anos, categoria 3 – Paisagem Humanizada.

Em primeiro plano, o barco, com sua comandante, no caso, a autora do desenho, além das bandeiras, incluindo a nacional. São elementos que representam a predominância do homem na construção da paisagem. Os elementos do meio, em contraste com as figuras anteriores, estão em segundo plano, como o mar, o sol e o céu (atmosfera). Seu entendimento do que é paisagem mostra um traço interessante, que mapeamos durante o levantamento de conhecimentos prévios, a apreensão da paisagem através dos cinco sentidos humanos. Vejamos seu discurso transcrito sobre o que é paisagem:

É tudo o que podemos ver e imaginar, como barcos, rios, mares, animais e outros.

Em seguida, ela escreve, na pergunta 3 (as paisagens são sempre iguais? por quê?)

Sim. Todas são conhecidas pelos 5 sentidos, o que muda são os elementos que lá existem.

Essa concepção é originária do trabalho que é feito com o conceito de paisagem, nas apostilas das séries iniciais do Ensino Fundamental, principalmente da 4ª série. É interessante, pois se considerarmos que a forma de conceitualizar dos alunos está diretamente relacionada ao meio em que vivem/ convivem, aos seus conhecimentos prévios e às situações cotidianas e ao seu grau de interação social o entorno social (outros grupos sociais/ pessoas). Apreender a paisagem por meio dos sentidos é uma forma de representar traços culturais, nosso objetivo. Cabe uma observação. Essa forma de entendimento da paisagem foi encontrada em seis desenhos da primeira categoria, dois da segunda e seis da terceira. Isso nos revela posições antagônicas, porém coerentes com a realidade circundante das crianças. Os sentidos permitem a apreensão daquilo que a natureza constrói e, pelos dados obtidos, é sempre associado a adjetivos positivos. Ao contrário, os sentidos também permitem o entendimento de adjetivos negativos, como “sujeira”, “poluição” e “feio”, por exemplo, mas na terceira categoria, que aparecem associados a condutas humanas. Isso nos apresenta a paisagem humanizada associada a algo ruim, por isso, a predominância de traços culturais (humanizados) em detrimento de aos traços do meio. Essa constante dicotomia homem-meio além de ser muito presente, é uma evidência da influência da realidade de pobreza, violência, abandono à qual grande parte das crianças em questão está submetida. Como sabemos, a paisagem sempre associada pelos multimeios como o paraíso, a praia deserta, à fuga da realidade (até mesmo em sua tradução direta do inglês, *landscape*), ao campo é desconcertante com a paisagem socialmente construída dos bairros em que vivem.

Vejamos a resposta textual de A.C. acerca da questão 2: Como as paisagens se formam:

Tanto a natureza constrói quanto o homem.

Retomando nosso objetivo, propor o diálogo entre os conhecimentos prévios e os escolares, realizamos análise dos discursos textuais, fundamentada numa prancha, cujo modelo segue. Para elaborarmos a prancha de análise dos textos, procuramos seguir os mesmos critérios das pranchas utilizadas para os desenhos, ou seja, elencando os objetos mais evidentes. Aqui também são evidenciados os desenhos do grupo selecionado que representa 36 alunos.

1) Elementos naturais (meio) / verbetes

- a) Sol (pôr do sol; nascer do sol)
- b) Água (mares, lagos, oceanos, neve, cachoeiras; chuvas)
- c) Minerais (sal)
- d) Vegetação (mata, plantas marinhas, sementes, folhas, flores, coqueiros, florestas, grama, côco).
- e) Relevo (praia, terra, montanhas)
- f) Ar, vento.
- g) Animais (marinhos, pássaros, peixes)
- h) Ambiente, meio ambiente, recursos naturais.
- i) Homem, pessoas.
- j) Universo, sistema solar.

2) Elementos que remetem à cultura

- a) Poluição (provocada e/ou desencadeada pelo homem)
- b) Sujeira (provocada e/ou desencadeada pelo homem)
- c) Agropecuária (sítio, plantações, espantelho, fertilizantes)
- d) Atribuições humanas (pensar, imaginar, identificar, construir)
- e) Transporte (barcos, aviões, naves espaciais)
- f) Lazer (parques; skate)

3) Adjetivos

- a) Limpo
- b) Sujo
- c) Poluído
- d) Bravo

- e) Calmo
- f) Quente
- g) Frio
- h) Bonito
- i) Feio

O procedimento adotado é o mesmo de análise dos 36 desenhos. No primeiro item de nossa prancha de análise, enfatizamos os elementos identificáveis de forma direta nos discursos textuais, buscando uma generalização e uma especificação, que mostra certos conteúdos visivelmente identificáveis, entre parênteses. Já no segundo item, nossa intenção era o mapeamento de verbetes, palavras que nos levassem diretamente ao ser humano e à cultura, conseqüentemente e, o terceiro item, os adjetivos que podem nos informar pistas sobre a forma de conhecer a paisagem, como paisagem meio, paisagem bucólica ou paisagem humanizada. Conforme a presença do item, os discursos remetiam a uma ou outra categoria de entendimento da paisagem. Com a tabulação de dados, obtivemos:

- Na Categoria 1 (Paisagem Meio)
 - item 1): predominância dos tópicos b), d) e e)
 - item 2): predominância do tópico d)
 - item 3): predominância dos tópicos g) e h)

- Na Categoria 2 (Paisagem Bucólica)
 - item 1): predominância dos tópicos d), h) e i)
 - item 2): predominância do tópico c) e d)
 - item 3): predominância dos tópicos h)

- Na Categoria 3 (Paisagem Humanizada)
 - item 1): predominância dos tópicos h) e i)
 - item 2): predominância do tópico d)
 - item 3): predominância dos tópicos h)

É especialmente interessante a predominância do segundo item, tópico d) - Atribuições humanas (pensar, imaginar, identificar, construir) -. A justificativa aqui é precedente, a apreensão da paisagem através dos cinco sentidos humanos, utilizados para entender todo tipo de paisagem, como fora anteriormente colocado.

Quando se constrói o conceito geográfico de paisagem, ou qualquer conceito escolar, obrigatoriamente se reconstrói as atividades cognitivas que a criança tem a esse respeito, gerando diálogos e controvérsias internas. Isto ocorre porque todos se inserem em um ambiente sociocultural, determinado por comportamentos institucionalizados. A linguagem expressa pela fala, também se transforma. O processo de reconstrução de conceitos, segundo VYGOSTKY (1989, b), é inerente à humanidade, é dialógico, pois assim como as paisagens, o homem está em constante transformação. Para o mesmo autor, as mudanças nos contextos sociais também produzem mudanças nos comportamentos mentais, ou seja, novas estruturas de pensamento são originadas de novas elaborações culturais, novas épocas.

(...)

A idéia básica de sua (de Vygostky) lei geral de desenvolvimento cultural é que as funções psicológicas superiores se desenvolvem em dois planos consecutivos: o plano social (processo interpsicológico) e o plano individual (processo intrapsicológico). É desta forma que os níveis de generalização na criança correspondem aos níveis de desenvolvimento da interação social. A psicologia humana está relacionada com a atividade individual concreta que tem seu lugar no coletivo, isto é, junto com outra pessoa. A atividade humana individual é um sistema apenas compreensível dentro do sistema de relações sociais, pois ela não existe sem essas relações.

(FREITAS, 1994, pp. 87-88, a).

A última fonte de dados recolhida, com o objetivo de mapear e sondar concepções prévias sobre paisagem foram os diálogos, aqui transcritos. Eles foram gravados de

forma espontânea, como colocamos. O gravador circulava pela sala e transcrevemos aqui alguns trechos² de um grupo de alunos que acompanharemos ao longo de todo processo, para avaliar a construção do conceito de paisagem, em uma abordagem cultural.

Passemos à transcrição, que foi gravada no mesmo dia em que os desenhos e discursos textuais foram recolhidos. Lembremos de que a aula tem 50 minutos. Aqui eles não aparecem na seqüência na qual foram gravados, mas sim em uma organização que fizemos a fim de separar por idéias que aparecem com maior incidência de acordo com a categoria de análise e que serão comentadas adiante.

A: Aluno; P: Professora; V. Nome do aluno que foi omitido.

Categoria 1: Paisagem Meio

P: O que é paisagem? O que é que vocês estão desenhando aí?

Fala pra mim.

A: Uma praia.

A: Eu tou desenhando uma floresta.

P: Fala de novo pra mim, porque eu não ouvi...

A: É uma praia

P: A.?

A: É um lugar natural.

(...)

P: O que é essa paisagem que vocês estão desenhando aí?

P: O que é essa paisagem aí A. Fala pra mim o que você está desenhando.

A: Ah, é um lugar que tem um rio, uma cachoeira, várias árvores, tipo uma floresta.

² A transcrição completa encontra-se nos anexos desse trabalho.

P: Como foi que essa paisagem que você está desenhando se formou?

A: Ah eu imaginei um lugar bonito, assim, tentei desenhar ele.

P: Essa paisagem é sempre igual?

A: Não.

P: Por que que não é?

A: Ah....

P: O que é que mudou, o que é que não mudou..?

A: Ah, às vezes a gente não consegue desenhar direito tudo o que é real exatamente...

P: Como é que ela se formou?

A: Ah usando a imaginação ...

P: Mas o que você desenhou como você acha que se formou?

A: Ah, misturando alguns lugares tipo, uma floresta, tem bastante árvore, um lugar que já tem rios, cachoeiras, essas coisas...

Observemos que nesse primeiro grupo de colocações, da categoria 1 (Paisagem Meio), alguns verbetes confirmam a tabulação de dados que realizamos com os discursos textuais (questionários). Os verbetes praia e floresta são associados à paisagem na colocação das crianças. Na seqüência, a paisagem meio fica mais enfática ainda, há rio, várias árvores, floresta e tudo isso associado à beleza, que, por sua vez, nos leva um certo distanciamento das cidades. Para desenhar uma paisagem “bonita” (e nessa categoria, a paisagem é sempre bonita), é preciso usar, então a imaginação. Eles também colocam que as paisagens se formam através da articulação entre os elementos naturais, quando mencionam estes já existiam e que, é só haver a interação entre eles para que a paisagem se forme. Observemos seu desenho:



Figura 2.6: Desenho de Al.Ca., 11 anos, categoria 1 – Paisagem Meio.

Quando examinamos seus discursos textuais, notamos uma construção bem rudimentar do conceito de paisagem. Sua resposta à primeira pergunta, o que é paisagem, é:

Têm árvores, água e natureza.

Já na quarta pergunta, o que é possível observar na paisagem, ela coloca:

A natureza.

Quando se propôs a construir o conceito de natureza, TAMAIO (2002) nos relata que encontrou uma situação semelhante a que evidenciamos aqui. Seus alunos, quando perguntados sobre natureza, traziam conceitos prévios que reforçavam a exclusão do homem em relação à mesma. O autor, então, coloca a necessidade de propormos práticas pedagógicas que possibilitem o reconhecimento do papel do entorno no

desenvolvimento cognitivo, pois sabemos que as paisagens são dinâmicas e fruto direto dessas relações.

Categoria 2: Paisagem Bucólica

(...)

P: Quem fala pra mim o que é que tá desenhando aí?

A: Uma praia.

P: E que paisagem é essa que você fez?

P: O que é que tem no desenho aí?

A: Bom, tem areia, tem uma ilha e mar, bastante mar.

P: Como é que ela se formou, essa paisagem aí?

A: É, quando o planeta foi se esfriando né, daí a água foi se formando e daí a água bate nas rochas e vai virando areia.

P: E essas paisagens aí são sempre iguais?

A: Não.

P: Por que elas não são sempre iguais? Por que é que elas mudam?

A: Porque nada é igual.

P: Por que que nada é igual? O que é que tem de diferente aí na paisagem que vai mudar?

A: A areia....

Essa parte é interessante, especialmente quando se fala no processo de esfriamento da Terra e a formação da litosfera, hidrosfera e atmosfera. Notamos um domínio do processo de formação do nosso planeta. Segundo o aluno, é assim que as paisagens se formam, com a areia se transformando em rocha. A criança, nesse caso, tem 11 anos e apreende o conceito geográfico de paisagem em toda a sua dinâmica. Seu entendimento da paisagem ser remete ao caráter histórico-cultural da Geografia, pois:

O geógrafo baseia-se naquilo que tem sob os olhos, no presente, e só recorre ao passado, através do procedimento

regressivo, quando pretende alcançar uma compreensão do presente, para compreender sua evolução.

(DOLFUSS, 1973, pp. 109).

Observemos que isto fica mais claro em seus discursos textuais :

1) O que é paisagem?

Tudo aquilo que se pode usar os nossos 5 sentidos:

Vejo: água, plantas, areia, sol, céu; toco: água, plantas, areia; ouço: água vento; olfato: água, coqueiro; areia, pássaros.

2) As paisagens são sempre iguais? Por quê?

Não, por que a espreçura da areia muda de região para região, a temperatura da água: se o mar é "bravo" ou é "calmo".

3) Como as paisagens se formam?

Com o resfriamento da terra, a chuva (água) inundou as partes mais baixas da terra formando assim os oceanos, a água batendo nas rochas as quebram em pequenos pedaços assim rolando pelo "chão" do oceano viram areia.

4) O que é possível se observar em uma paisagem?

Água (oceano), areia, sol, céu.

Categoria 3: Paisagem Humanizada

P: O que vocês estão desenhando?

A: Nós estamos desenhando paisagens.

P: Que tipo? O que é que tem nessa paisagem?

A: É sobre o rural.

P: O que é que tem aí na sua paisagem que você fez?

A: Ah eu fiz um espantalho com uma cerquinha e eu tou fazendo um avião jogando agrotóxico.

P: Essa paisagem muda ou é sempre igual?

A: Muda. Eu acho que muda.

P: Por que ela muda?

A: Porque ... Por causa do vento...

P: Vento, que mais?

A: O avião que se mexe... O espantalho vai se mexendo, as folhas vai tirando e colocando de novo... e as plantações.

Essa citação está relacionada à categoria 3, de paisagem humanizada. Veja que o aluno se refere ao “rural” como paisagem. Isso nos mostra a evidência de traços culturais, ou seja, a presença do homem, no processo de construção das paisagens. O vento serve para dissipar o agrotóxico e, conseqüentemente, melhorar os resultados da lavoura.



Figura 2.7: Desenho de G.R., 12 anos, categoria 3 – Paisagem Humanizada.

Seguem colocações que se referem às categorias 1 e 2:

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Eu tou desenhando uma floresta é.. como o tema pede, com ser humano na floresta. É uma paisagem natural.

P: Por que o ser humano ta na floresta? O que ele ta fazendo aí, esse que você desenhou?

A: Ele foi, tipo, ele é um cientista...Biólogo, né? Daí ele foi para ver os animais, pra ver se tinha um novo tipo de planta.

Quando o aluno diz “como o tema pede”, notamos que, sua noção prévia de paisagem inclui, obrigatoriamente, elementos antrópicos, pois a presença do ser humano está

associada à da floresta. Notamos que, no caso desse aluno, inexistia a dicotomia homem-meio. Interessante ver que o aluno ressalta uma profissão, a de biólogo. No caso, sabemos que é a profissão de seu irmão mais velho, muito admirado pelo aluno. Aqui houve uma interrupção, pois o aluno apertou o botão errado do gravador, seguem as colocações:

P: Fala sobre o seu desenho.

A: Eu tou fazendo aqui um lago, com vários peixes, nada de poluição, é como um reservatório, tem animais e rochas para eles se ajeitarem, árvores...

(...)

P: O que você desenhou aí?

A: Tou desenhando uma praia, porque eu acho que é uma paisagem bem natural assim, pessoas tomando sol, brincando na praia, assim, correndo.

P: O homem faz parte da paisagem natural?

A: É, sei lá, não sei.

P: Você acha que sim?

A: É também.

P: O que é que você desenhou aí?

A: É o lugar que eu mais gosto de passar as férias que é na praia.

P: O que é que tem aí no seu desenho?

A: Tem areia, o mar, também tem um carinha surfando.

Quando nos referíamos à questão das férias, o exemplo anterior é elucidativo. A paisagem, quando existe a presença humana, é somente um lugar de lazer ou férias. É lugar da prática de atividades prazerosas, que nos remetem ao descanso, ao bucolismo. Em seguida, quando o aluno se refere a um momento de descanso é bem característico, mas a natureza continua a ser o agente principal de construção da paisagem:

(...)

P: O que é que você desenhou?

A: Uma praia e um carinha tirando um ronco aqui.... (ronc!).

P: É paisagem isso?

A: É.

P: E essas pessoas fazem parte dela?

A: Fazem.

(...)

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Tou desenhando uma paisagem com um monte de coqueiro.

P: Além dos coqueiros, o que é que tem na sua paisagem?

A: É, um sol, pessoa e eu tou fazendo um tipo de uma aurora.

P: Quem construiu essa paisagem aí?

A: Natureza.

(...)

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Bom, tou desenhando uma casa, aqui tá a vegetação e sem poluição no ar;

P: O que é que você desenhou aí?

A: Eu desenhei uma cachoeira com algumas montanhas atrás.

Essas duas últimas seqüências também fazem referências à 3ª Categoria (Paisagem Humanizada), quando o garoto se refere à pista de Skate. O seu colega fala de momentos de lazer, que nos remete à segunda categoria, com colocações significativas do bucolismo. Ao final, E. fala sobre a Barbie, nave espacial, mega sena, novamente elementos humanizados, a paisagem, então, seria somente construída pelo homem.

(...)

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Um carinha dormindo na rede.

P: L. (aqui aparece o nome do aluno, mas omitimos, deixando apenas a inicial).

A: Isso é tipo assim, eu vou viajar, eu gosto de pescar... Eu vou desenhar um carinha pescando.

A: Eu tou desenhando uma pista de skate, porque é o lugar que eu sempre gosto, né, porque é assim: é nós.

(...)

P: O que é que você desenhou?

A: Eu desenhei a Nave Barbie.

P: O que é que você desenhou?

A: Desenhei a espaçonave Barbie.

P: Que mais?

A: A lua.

P: Que paisagem é essa?

A: O planeta. É pra fazer uma viagem que eu ganhei 50 milhões de dólar, que eu ganhei na megasena

Observe o desenho representativo da Paisagem Humanizada, na qual, até mesmo um elemento natural, o sol, aparece de forma “humanizada”, de piercing e de óculos escuros:

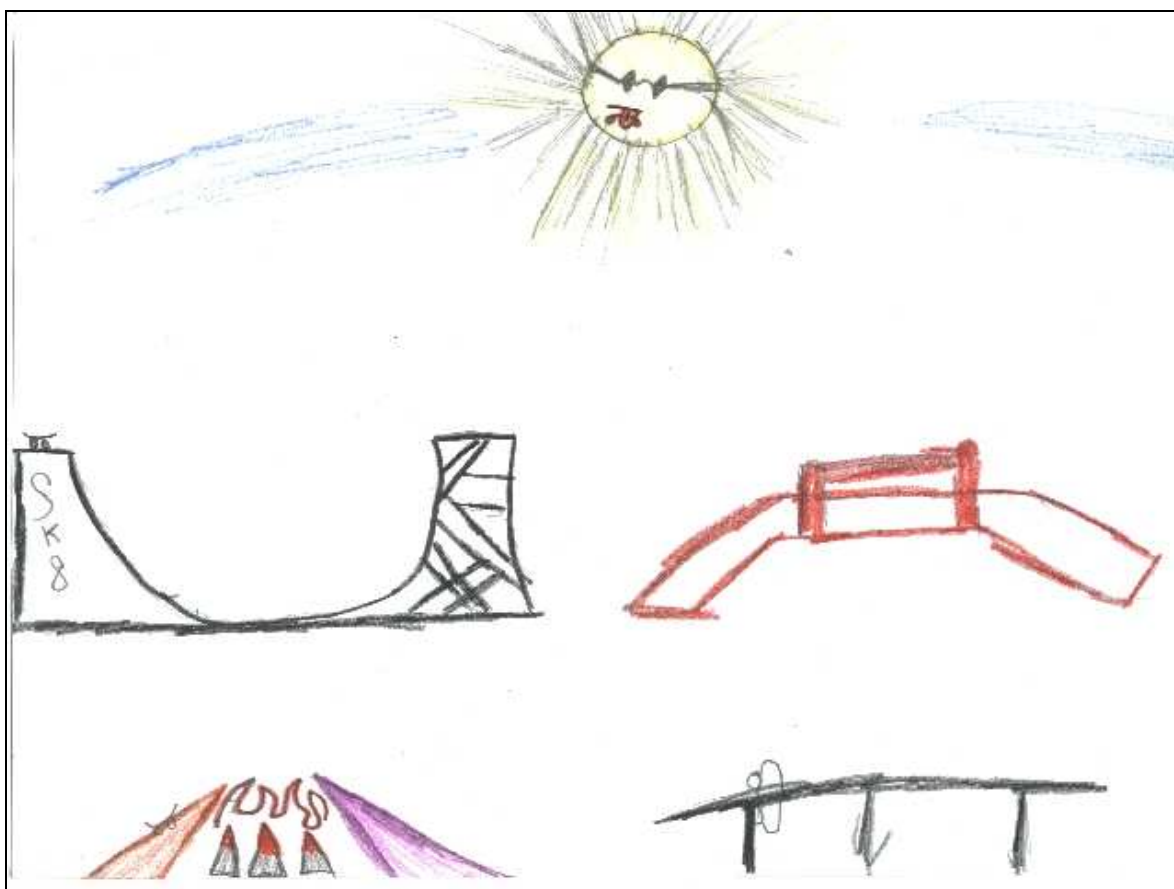


Figura 2.8: Desenho de V., 12 anos, categoria 3: Paisagem Humanizada.

Um outro exemplo de paisagem humanizada é o desenho de El., sobre a Nave da Barbie. Ela coloca um misto de objetos humanos em primeiro plano, mas seu discurso transcrito evidencia seu entendimento acerca da paisagem. Isto fica bem claro quando observamos seu discurso textual, referente à terceira pergunta: como as paisagens se formam:

A paisagem se formam pelo homem e a natureza que eles faz.

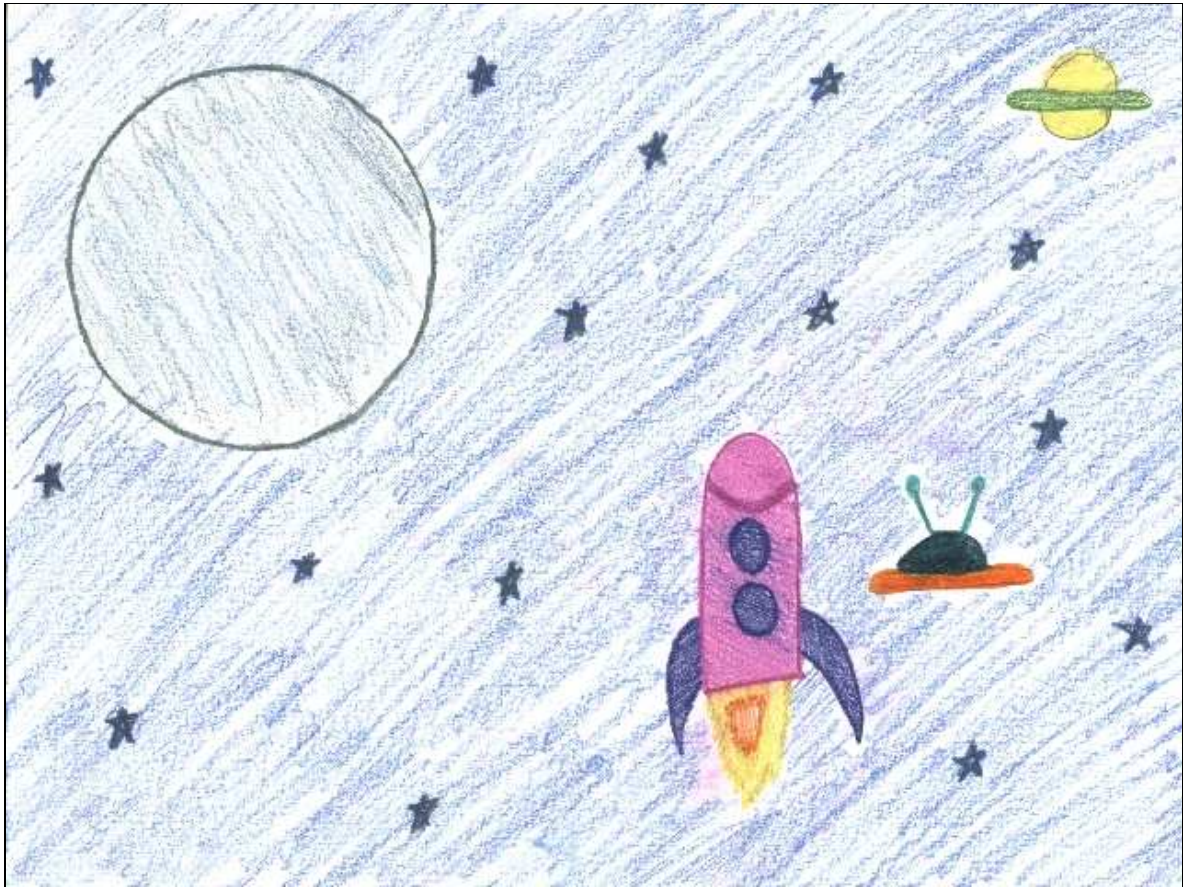


Figura 2.9: Desenho de El., 12 anos, categoria 3: paisagem humanizada.

Assim terminamos a primeira etapa de nosso trabalho, que era o levantamento das idéias prévias das crianças acerca do conceito de paisagem. Nossa hipótese inicial, de que havia uma parcela considerável de alunos que consideravam a paisagem somente a partir dos elementos do meio, confirmou-se. Julgamos que esse conceito precisa, agora, dialogar com o conceito escolar de paisagem. Para estimular essa interação, elaboramos a segunda parte dessa pesquisa-ação, que é a aula-debate, na qual proporcionaremos momentos intencionais, que visam dar continuidade ao processo de mediação pedagógica do conceito e a sua construção sistematizada.

2.2.2) A aula-debate – novas aprendizagens começam a acontecer

Após debruçar-me sobre esses resultados preliminares, pensei ativamente como trabalhar esses saberes já constituídos, de maneira intencional, afim de que os alunos

pudessem construir novas aprendizagens, com o diálogo e a interação com o conceito geográfico de paisagem, no qual esta é uma construção cultural. Organizei novamente a sala, nos mesmos grupos da primeira aula. Aqui havia um número maior de alunos, 47. Como foi dito, a sala tem um total de 47 alunos. Na primeira aula, contamos com 36. Nessa, como havia a lotação completa da sala, obviamente todos participaram, mas considero, para o estudo presente, somente aqueles alunos que estiveram na primeira aula, na qual levantamos as idéias preliminares acerca do conceito de paisagem.

Distribuí os desenhos entre as crianças e, em seguida, cada uma recebeu uma folha, na qual havia um poema sobre paisagem, enfatizando características do meio e bucólicas da mesma e um fragmento de um artigo publicado na Revista Isto é, sobre paisagens urbanas e a sua transformação, que partiu de iniciativas da sociedade civil, principalmente de um grupo de jovens adolescentes. A escolha por esses textos foi fundamentada no estudo minucioso que fizemos sob os dados recolhidos na aula inicial. Com a poesia, tivemos o objetivo de mostrar aos alunos que elementos bucolizados, elementos do meio e em harmonia são paisagens sim, mas que a paisagem não se resume somente a isso. Justamente para provocar essa discussão, a poetiza fala sobre o sul de Minas, que é relativamente distante dos grandes centros urbanos, realidade na qual desenvolvemos esse estudo (a periferia da cidade de Campinas/SP). Já o texto que fala sobre a recuperação de uma paisagem degradada foi escolhido porque em duas coisas se aproximava do cotidiano das crianças, na condição de abandono na qual os jovens que aparecem no texto estavam e como eles reverteram isto através da arte em mosaicos, que fora trabalhado na escola, nas aulas de Artes.

Vejamos os textos trabalhados:

PAISAGEM

Nas estradas do Sul de Minas
paisagens que acalmam
o espírito inquieto
do caminhante solitário.

O verde exuberante
trazem a visão
de um novo dia.
O verde das montanhas,
parecem encontrar com o azul do céu.
As nuvens deslizam no ar
num ritmo harmônico,
e me vejo então,
dançando com elas.
No Teatro aconchegante
ao som excitante da
Orquestra Sinfônica,
fluem melodias de uma forma romântica
despertando n'alma
um sentimento afetuoso
de um tempo distante,
em que a música fazia
surgir os mistérios do amor.

Luiza Helena G. Viglioni Terra

Fonte: <http://www.prosaepoesia.com.br/poesia/diversas/paisagem2.asp>(acesso em 14/03/05)

POESIA CONCRETA: ARTE NOS MUROS HUMANIZA A PAISAGEM DE CENTROS URBANOS - (RITA MORAES)

Em São Paulo, também há promessa de nova paisagem. Meninos de rua, pequenos infratores e alunos da rede pública e particular de São Paulo estão dando novas cores à metrópole. Envolvidos pelo Projeto 100 Muros, jovens e crianças de várias instituições, entre elas a Febem e o Instituto Laramara (que atende crianças cegas), estão produzindo mosaicos de azulejos coloridos para cobrir uma centena de muros da cidade. O projeto, patrocinado pela Fiat Automóveis e pela Fundação BankBoston, é desenvolvido pela Escola da Rua, braço artístico do Projeto Aprendiz que trabalha a

educação por meio da mídia. Autores da nova paisagem, as crianças deixam nos muros cinzas traços de suas próprias histórias. Nas oficinas de arte, comandadas pela artista plástica Flávia Del Pra, temas como a cidade, a música, a escola e a vida dessas crianças se convertem literalmente em novos horizontes. "Percebi que posso fazer muitas coisas", diz Fábio de Brito, 16 anos, interno da Febem. "Até a tensão do ambiente melhorou. A arte acalma e ocupa a nossa mente", completa. Odília Sharon de Oliveira, 14 anos, resgatada das ruas do centro pelo Projeto Travessia, também vibra. "Eles estão ajudando nós e nós ajudando eles. Eu me achei muito legal quando vi o serviço pronto", diz ela se referindo à Praça José Afonso de Almeida, na zona sul da cidade. "Essa praça era um lixo e agora está linda."

Fonte: **ISTO É**, N ° 1562 – 8 de setembro de 1999, acessada em <http://www.terra.com.br/istoe/comport/156226.htm> (14/03/05)

Com esse material, continuei o processo de mediação, agora com a aula-debate, que foi gravada e transcrita, como segue. Para entendermos melhor as transcrições que seguem, optamos por numerar as linhas, para depois, dividi-la em quatro partes. Vamos acompanhar os diálogos, aqui transcritos. Mantivemos exatamente a forma como os alunos falaram e nossos comentários seguem por partes:

A: Aluno; P: Professora; V. Nome do aluno que foi omitido; © Interrupção Feita.

1. *P.: Hoje a gente vai fazer uma discussão sobre os dois textos, o primeiro, uma poesia sobre paisagem e o segundo o artigo da Revista Isto é, sobre paisagem. Eu vou dar uns 5 minutinhos para vocês fazerem a leitura do texto e depois eu vou passar o gravador para a gente conversar sobre ele, tá?*
2. *P: Quem fala para mim o que é o assunto dos textos?.*
3. *A: Natureza e natural e fala como a paisagem é calma e outras coisas aí...*
4. *P: Qual é a diferença dos textos?*
5. *A: A diferença é que um é poesia e o outro, um texto normal.*

6. *P: Alguém mais percebeu alguma diferença? Hein?*
7. ©.
8. *A: Um fala sobre paisagem rural e o outro sobre paisagem urbana.*
9. ©.
10. *P: O que é que é o tema do primeiro texto aí?*
11. ©.
12. *A: Sobre a calma das paisagens, a maioria de que a gente fala das paisagens tipo rurais, naturais. E no finalzinho fala também sobre o teatro, como que ele assim o som dele agrada a gente e outras coisas...*
13. *P: Quem fala um pouquinho mais sobre o primeiro texto para mim?*
14. ©.
15. *A: Bom, o texto 1 está descrevendo uma paisagem natural, tipo árvores, céu e montanhas, verdes, árvores e essas coisas.*
16. ©.
17. *P: Que mais que tem no texto 1?*
18. *A: Que as paisagens que fala aqui, no começo, fala que as estrelas do sul de Minas, então aqui a maioria das paisagens, eu acho que é do tipo do estado de Minas.*
19. *P: Vocês concordam com que o V. falou?*
20. *V. falou?*
21. *A: (vários) Concordamos.*
22. ©.
23. *P: Vocês acham que é do Sul de Minas?*
24. *A: (vários) Não!*
25. *P: Por que que não é, R.?*
26. *Fala aí. Por que que é do sul de Minas?*
27. *A: Não, eu falei que não é professora...*
28. *P: Por que que não é?*

29. A: Ué, porque não pode ser de um outro lugar, professora?
30. P: Pode ser de outro lugar?
31. A: (vários) Pode!
32. P: Peraí. Fala C. J.
33. Desculpe.
34. A: Mas professora, tá escrito que é no Sul de Minas aqui. Ta escrito que é no sul de Minas.
35. P: Tá escrito no sul de Minas e...
36. P: Por que que não vai ser....? ©.
37. P: Pode ser o sul de Minas, mas pode ser algum lugar aqui perto da gente?
38. A: Pode, lógico! (Vários).
39. P: Quem conhece algum lugar parecido com o que está sendo descrito aí no primeiro?
40. A: Ubatuba... assim, esses lugares do litoral de São Paulo... têm várias montanhas.
41. ©.
42. P: Que tipo de paisagem a gente consegue ver aí nesse primeiro texto?
43. A: No texto 1 está falando mais sobre paisagens calmas do que paisagens que obtemos mais armas mais brigas e são mais, ao mesmo tempo, são mais feias do que as paisagens já naturais do local.
44. P: Quem fala pra mim que tipo de elementos a gente vê nessa paisagem aí?
45. A: A gente que fala sobre as estrelas do Sul de Minas, fala sobre as montanhas, as árvores... o teatro... é... fala que essa paisagem é calma, fala sobre tudo que tem numa paisagem natural.
46. P: R...
47. o que que você falou?
48. A: é... nuvens, céu....

49. P: *Nuvens, céu, que mais?*
50. A: *(vários) – Montanhas, florestas, árvores, plantas...*
51. P: *Vocês acham que os elementos que estão aí, gente, eles fazem parte de uma paisagem?*
52. A: *(vários) Fazem!*
53. P: *Eu posso dizer que o primeiro texto, ele fala sobre paisagem?*
54. A: *(vários) Pode!*

Essa primeira parte acima trata do diálogo sobre o primeiro texto, que é um poema. Nela, notamos a presença de várias referências aos conceitos prévios de paisagem dos alunos que comprovam a relação com a idéia de que a paisagem é somente aquilo que é parte do meio, que enquadrámos na categoria 1, chamada de Paisagem Meio. Já no início do diálogo, quando pergunto o assunto do texto, uma criança se remete ao meio supostamente não apropriado pelas sociedades, via trabalho, e o associa ao adjetivo calmo. Para TAMAIO (2002), essas relações estabelecidas entre alunos e meio e entre os próprios alunos para como as paisagens é mediada e inclui contribuições de todos que são constituintes de uma realidade. Esse diálogo deve ser histórica e socialmente entendido na medida em que, ao longo da vida escolar dessa criança, o conceito de paisagem é sempre muito associado ao meio, a aquilo que é distante, do qual o homem não faz parte.

Interessante observar que na linha 8, um aluno faz diferença entre paisagens urbanas e rurais. Essa é a primeira noção de que as paisagens são construídas a partir das intervenções humanas, ou seja, é a noção embrionária do conceito de paisagem que tentamos construir. Mas sentimos que o conceito ainda dialogava com seus saberes prévios, como vemos na linha 12, onde a paisagem rural é associada a sons de harmonia, calma, ou seja, a paisagem á algo sempre agradável. Isso nos remete à segunda categoria que havíamos estabelecido, de paisagem bucólica, como mostram os elementos que a criança apontou na linha 15. Existem, nessa primeira parte, vários adjetivos associados também à segunda categoria de entendimento da paisagem, que é a paisagem bucólica. Desenhos associados tanto à paisagem meio quanto à bucólica, mostravam-nos montanhas, árvores e praias, em sua maioria, e também aqui

aparecem, como nas linhas 40, 45 e 50. Até a linha 54, prevalecem, portanto, a idéia primária e bucólica de paisagem, com um princípio de entendimento da mesma como construção cultural. Colocamos o trabalho com esse poema intencionalmente, na medida em que diagnosticamos esse resultado no estudo das idéias prévias sobre paisagem.

O segundo texto, também proposital, serve de ponte entre tais idéias e o conceito escolar de paisagem. Vejamos as primeiras interlocuções que nos mostram um diálogo entre os conceitos:

55. P: *Beleza. Agora eu queria que vocês dessem uma olhadinha no segundo texto.*
56. © - *gravador caiu.*
57. P: *O assunto do segundo texto é o mesmo do primeiro?*
58. A: *(vários) Não!*
59. P: *O texto é sobre paisagens, só que é agora é diferente. O texto 2 fala das paisagens que é paisagens do homem e o texto 1, da paisagem natural.*
60. P: *O que eles estão fazendo G.?*
61. A: *Mosaico.*
62. P: *É o mesmo tipo de assunto?*
63. A: *(vários) Não!*
64. A: *Aqui fala sobre, assim, crianças estão em um projeto para deixar a metrópole mais bonita, que eles são da Febem, de um Instituto... aqui mostra até exemplos de alguns.*
65. P: *O segundo texto fala de paisagem?*
66. A: *(vários) Fala!*
67. P: *Quem acha que fala, levanta a mão...*
68. A: *Fala, só que é uma paisagem urbana.*
69. P: *Então, estou vendo aqui que a maioria acha que fala sobre paisagem. Mas então é a mesma paisagem do primeiro texto?*
70. A: *(vários) Não!*

71. A: *Totalmente diferentes.*
72. P: *Totalmente diferentes? Por quê?*
73. A: *Porque aqui falou sobre as paisagens naturais e aqui fala sobre a metrópole, que eles estão fazendo mosaicos e outras coisas.*
74. A: *A primeira fala sobre as paisagens naturais e a segunda fala sobre as paisagens humanas, que os seres humanos construíram.*
75. P: *Alguém concorda?*
76. P: *Quem acha que não, não tem nada a ver?*
77. P: *Todo mundo concorda. Eu posso dizer que os dois textos falam sobre paisagens ou não?*
78. A: *(vários) Pode!*
79. P: *Uai, então são iguais.*
80. A: *(vários) Não!*
81. P: *Vocês falaram para mim que são iguais...*

Uma segunda parte dos diálogos começa quando abrimos para a interpretação do segundo texto. Aqui notamos que os alunos se sentem incomodados com as minhas inferências, pois, ao interpretarmos um poema (que é uma forma de discurso também) que ressalta os atributos do meio e os bucólicos da paisagem, eu perguntei se o primeiro texto também tratava do mesmo assunto. O “não” emblemático da linha 58 delata o conflito entre homem-natureza, confirmado pelas colocações da criança na linha 59, cujo colega ao lado já fala de uma atividade, o mosaico. Quando novamente insisti se o assunto era o mesmo, mais uma vez um “não” (linhas 62 e 63). Mas quando intencionei o debate, perguntando se o texto dois era sobre paisagem, a maioria coloca que sim, mas, ao mesmo tempo, diferencia-a da primeira, com o atributo “paisagem urbana”, como vemos nas linhas 65 até 68. Indaguei sobre as diferenças e percebi que aquelas noções anteriores, bem simplistas, mas que delineavam uma primeira forma de entender a paisagem como conceito cultural começam a sofrer um refinamento com a minha mediação, isto é comprovado pelos diálogos das linhas 69 a 81. Uma vez que o conceito geográfico começava a ser construído, iniciamos uma outra colocação, que segue na terceira parte dos diálogos:

82. A: São paisagens, mas existem várias formas de paisagens. Tem a paisagem natural e a paisagem, como o G.
83. falou... humana.
84. P: Quem tinha levantado a mão? V.
85. A: Professora aqui fala sobre paisagem só que de tipos diferentes... Uma sobre a natural e a outra sobre a urbana.
86. P: Repete V.
87. Mais alto para a galera ouvir.
88. A: Aqui fala sobre o tema paisagem, só que de paisagens de modo diferentes, uma de natural, a outra de urbana.
89. P: Quem fala para mim, levante a mão, qual é a diferença é, como o V. falou, uma paisagem urbana, uma paisagem rural?
90. A: A paisagem rural ela têm montanha, árvores, céu e nuvens; e a paisagem urbana ela fala mas sobre a cidade, os automóveis....
91. A: Paisagem rural é natural, não foi o homem que fez; já a paisagem urbana, as cidades, é tudo construído pela mão do homem.
92. P: A paisagem rural é natural?
93. A: Pra mim rural nem sempre é natural... Uma chácara, o homem que constrói.
94. P: O gente, olha... o V.
95. falou um negócio legal. Fala V.
96. A: Que uma paisagem rural ela não é sempre uma paisagem natural. Porque tipo uma fazenda é o homem que constrói e ela também ... isso é uma paisagem rural.
97. P: Quem fala para mim a diferença entre uma paisagem rural e uma natural?
98. A: A rural foi o homem quem construiu e a natural, não.
99. P: Quem que construiu a paisagem natural?
100. A: (vários) A natureza!

101. P: *Foi a natureza?... o que é a natureza?*
102. A: *Ah, os anos que constroem a natureza... os anos, o vento... os passarinhos trazendo sementes de um lugar para o outro, a erosão.*
103. P: *O que é erosão? Quem fala para mim o que é erosão? Vocês falaram aí de erosão, o que é?*
104. □
105. A: *Erosão é o que é causada pela chuva, pelos ventos, assim, tipo em rochas.. da própria rocha, da própria montanha, essas coisas...*
106. ©.
107. P: *Fala da erosão aí que você estava falando.*
108. A: *Erosão é causada pelo vento, pela chuva, que ocasiona desmoronamento de algum lugar ou a diminuição de alguma coisa.*
109. ©.
110. P: *A erosão, ela forma uma paisagem?*
111. A: *(vários) Forma!*
112. A: *Depende da mudança de tempo.*
113. P: *Jóia. E, o gente, tem erosão no segundo texto?*
114. A: *(vários) Não!*
115. P: *O que é que tem no segundo texto formando paisagem?*
116. A: *O ser humano! Meninos de rua.*
117. P: *Quem são os meninos de rua?*
118. A: *Ex-viciados.*

Nessa parte, há o estabelecimento de uma diferença fundamental entre paisagens urbanas, naturais (meio) e rurais sem dicotomias e, apesar da ainda insistência no bucolismo, aparecem noções mais apuradas de paisagem contextualizada ao conceito que desejamos construir. Um ponto que julgamos bem interessante aparece nas linhas 90 e 91, onde a criança estabelece de modo enfático que o campo, que denomina de paisagem rural, é também construído pelo homem assim como as cidades. Em seguida, quando pergunto a diferença, como forma de comprovar se evidentemente as crianças

havam entendido, elas fazem referência aos agentes externos de formação do relevo, como indicativos da paisagem sendo construída sem a interferência humana, apesar dos homens serem também agentes de formação do relevo, como a erosão eólica e das águas também, como vemos nas linhas 97 a 112. A partir daqui, percebemos que a erosão e o fato deste fenômeno atingir áreas de risco, uma quarta parte se inicia quanto o conceito geográfico parece ser construído efetivamente, pois notamos que os alunos associam a construção das paisagens também à experiências vividas, como o fato da erosão atingir áreas residenciais nas quais nossos alunos moram. A realidade dos bairros periféricos que circundam nossa escola comprovam isso, como colocamos anteriormente, nossa escola atende crianças que moram na periferia de Campinas. Nessa parte, também percebemos que os alunos se referem à ação humana, enquanto agente construtora a paisagem, como proposital, relacionado à transformação, nas linhas 113 a 118, principalmente nas linhas 115 e 116, o homem é entendido como parte construtora da realidade e, conseqüentemente, das paisagens, apesar de nessas linhas serem enfatizados aspectos negativos – meninos viciados em drogas.

119. P: *Legal. Bom, olhando os 2 textos, vocês acham que os dois são paisagens?*

120. A: *(Vários) São! Sim!*

121. A: *E os dois tem a mão-de-obra.*

122. P: *O ser humano destrói a paisagem?*

123. A: *Também, a urbana ou às vezes a rural.*

124. A: *Eu tenho uma pergunta: por exemplo, uma plantação de milho, é uma paisagem natural ou é uma paisagem construída pelo homem?*

125. P: *Uma plantação de milho: rural, ou construída pelo homem, ou natural?*

126. A: *Ela é construída pelo homem e é ao mesmo tempo é rural, pois as plantações elas não estavam, é, antigamente, elas estavam ali sozinhas, mas quando elas têm um propósito, ela é feita pelo homem.*

127. P: *Beleza. Então... a gente constrói as paisagens?*

128. A: *Algumas sim... de certo modo.*

129. P: *Por que de certo modo...*
130. (...)[©]- erro - gravador caiu.
131. A: *Porque a gente também pode destruir a paisagem, a natureza também pode transformar a paisagem que a gente construiu em outra coisa.*
132. P: *Fala um pouco mais sobre essa transformação.*
133. A: *Igual professora... o homem pode destruir a paisagem natural e a natural pode destruir a paisagem do homem também... tipo o exemplo da erosão, ela pode destruir alguma coisa que o homem criou e o homem também pode destruir a natureza que tinha naquele certo lugar para plantar o milho.*
134. [©].

Essa quarta parte parece dar indícios (linha 120) que o conceito que desejamos construir já começa a ser discutido. A seqüência que se apresenta, das linhas 122 até 126, sobre uma plantação de milho, nos mostra que, certamente, os alunos conseguiram romper a barreira do bucolismo, quando aparece a palavra “de propósito” (linha 126). As linhas 131 até 133 continuam a discussão sobre a plantação de milho, mas nelas, observamos que existe um diálogo que a criança faz, que coloca bem as diferenças que ela construiu acerca dos conceitos. Notamos, assim, que o conceito geográfico dialogava gradualmente com os conceitos prévios, mas a noção de tempo com a construção da paisagem se fez necessária. Além disso, gostaríamos de esclarecer um pouco mais acerca de sua influência e presença nos elementos que constituem as paisagens, bem como priorizar um enfoque na perspectiva cultural das mesmas. Para tanto, intencionei a discussão, como parte da mediação que faço:

135. P: *Se eu pegar, gente, uma paisagem, igual a que todo mundo olhe no primeiro texto, tenta fazer na cabeça uma imagem da paisagem que ta sendo falada pela autora aí da poesia. Tenta imaginar...*
136. [©].
137. *E agora olha o segundo texto, tenta imaginar também na cabeça a paisagem que é descrita aí. Tenta montar as duas*

- figuras aí na mente, uma de cada paisagem. Só faça um exercício de viajar um pouquinho.*
138. *Todo mundo pensou? Beleza? Ótimo.*
139. *Agora eu quero que vocês pensem essas paisagens aí, esses dois textos, há 10 anos atrás... Quando vocês nasceram, mais ou menos.*
140. ©.
141. *Essa paisagem mudou ao longo do tempo?*
142. *A: (vários) Mudou!*
143. *P: Por que mudou?*
144. *A: A tecnologia foi aumentando cada vez ficando cada vez melhor e ocasionou em novos carros, automóveis, prédios mais modernos e outras máquinas.*
145. *P: E a primeira, ela mudou?*
146. *A: Mudou, professora, porque antigamente, tipo aquele verde às vezes até não existia, as vezes lá era só terra... porque naquele tempo ainda as árvores são verdes, elas não cresciam e aí um monte coisas...*
147. ©.
148. *P: Começa a frase...*
149. *A: A escola mudou porque o homem modificou ela.*
150. *P: Como que a escola mudou?*
151. *A: A partir da ação do homem.*
152. *P: O que mais mudou? Quem fez essa mudança?*
153. *A: (vários) O homem!*
154. *P: Por que que o homem mudou?*
155. *A: Pra escola melhorar.*
156. *A: O homem queria mudar a aparência para chamar mais pessoas.*
157. *P: É pra ficar melhor?*
158. *A: (vários) SIM!*

159. P: Quem acha que as mudanças sempre vem pra melhorar as coisas? Tou vendo aqui a maioria. Quem fala um exemplo de que mudou para melhorar?
160. A: O método de ensino mudou para melhorar.
161. P: E na escola?
162. A: O portão dali não melhorou não, maior apertado pra sair!
163. A: (risos) Também acho!
164. A: Ali (apontando para a estradinha) antes era terra, agora é asfalto.
165. A: A pracinha mudou, antigamente era terra a pracinha, agora já ta cimentado, com piso e tudo.
166. P: Quem teve um irmão mais velho, um pai, uma mãe, um primo, que estudou aqui há um certo tempo aí? Que já saiu da escola? Vamos contar: (...) 19! Então, a gente tem 47 alunos e dos 47, 19 já tiveram parentes mais velhos que já saíram da escola. Como que era a escola?
167. A: O uniforme era diferente, tinha um símbolo da escola bem aqui e era azul, num era vermelho.
168. P: Sobre o tênis?
169. A: Ah, o tênis também mudou, professora.
170. A: O tênis muda todo ano, né professora?
171. P: É...
172. (...)©- gravador caiu.
173. A: A fazenda era aberta.
174. P: A fazenda era aberta? era né...
175. A: É.. no Nordeste, tipo as casas, a maioria das casas são feitas de barro, argila e aqui na metrópole, como São Paulo, é tudo feito com cimento e outros lugares é feito com madeira, e isso influencia...a cultura influencia na paisagem, urbana e rural.
176. P: Já que vocês falaram que a cultura influencia, que mais, queria mais um exemplo assim....

177. A: *Ah, tem aquelas casas pontudas assim para quando o gelo cair num ficar acumulado.*
178. P: *Fala P.*
179. A: *Ah, o telhado é pontudo porque lá tem muito terremoto e é bom para ter menos riscos.*
180. P: *Quem mais fala um exemplo para mim?*
181. A: *A casa dos índios...*
182. P: *O que tem a casa dos índios?*
183. A: *É uma oca assim, fechada, assim, com tipo de uma palha... e a nossa não, a nossa já é mais fechada em construção.*
184. P: *Beleza.*
185. P: *Se eu pegar duas metrópoles, São Paulo e Campinas, além da diferença lógica, do tamanho, né, óbvia, além da diferença do tamanho, são duas metrópoles, não são?*
186. A: *(vários) São!*
187. P: *Qual outra diferença, relacionado a isso, que eu posso encontrar? Fala A.*
188. A: *Pessoas de vários tipos de várias línguas.*

Nessa última parte um aluno cita a tecnologia (linha 144), o que nos leva a considerar o fato de que o conceito de paisagem, aqui entendido como uma construção cultural, estava muito próximo e que o diálogo caminhava bem. Ainda nessa parte, os alunos começam a fazer referências às mudanças e transformações que ocorreram na escola ao longo dos anos, desde quando começaram a estudar na mesma, verificado nas linhas 149 até 159. Citam o uniforme, o portão e até mesmo o método de ensino (linha 160). Aqui considero o conceito geográfico bem estruturado nas crianças, pois elas se referem à paisagem como parte de suas vivências, colocam na discussão aspectos de seu dia-a-dia e conseguem perceber a importância do tempo e da cultura na construção da paisagem. O fato de também, mais adiante haver uma referência às mudanças quando os irmãos e/ou outros familiares estudavam na escola é também fato de que o conceito está em processo de elaboração adiantado. Na discussão final, que vai das linhas 175 a 188, nas quais as crianças fazem alusões às diferenças nas paisagens

associadas a diversos grupos culturais – casas do Nordeste, de lugares frios, de indígenas - e até mesmo à língua, percebemos que há referências à cultura, mais uma vez, nos mostra que, através do processo de mediação, podemos considerar que o conceito de paisagem que intencionávamos assumiu um significado para aquela turma de alunos e alunas.

Agora, acreditamos ser necessário averiguar como processo até então transcorrido permitiu o aprendizado do conceito de paisagem, em uma perspectiva cultural. Para isto, em uma terceira aula, também de cinquenta minutos, proporemos o desenho de paisagens, para ver como as crianças procedem na construção diferenciada (ou não) do conceito tanto quanto evidenciamos na aula em que iniciamos a mediação. Esta análise será o tema de nosso capítulo conclusivo.

Capítulo III: As novas aprendizagens construídas e a articulação de saberes

Nossa intenção, nesse capítulo, é averiguar os efeitos surtidos pelo processo de mediação pedagógica na construção de conceitos, pela metodologia da pesquisa-ação realizada, assim como das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas, para entendermos e balizarmos como aconteceu o diálogo entre os conceitos prévios acerca da paisagem e o conceito geográfico. Desejamos mostrar como o processo caminhou e avaliá-lo. Como se trata de uma pesquisa qualitativa, a nossa ênfase é justamente no processo e não nos produtos finais. Julgamos que estes, representados por novos desenhos, novos diálogos e novos discursos transcritos, representam fator importante, mas faz-se necessário também examinarmos o contexto no qual foram realizados.

Um outro fato importante que devemos considerar é a influência dos outros meios na conceitualização, como por exemplo, a mídia, os conteúdos trabalhados na componente Geografia anteriormente e também pelas outras componentes curriculares, durante o terceiro bimestre de 2005 (final de setembro até meados de outubro), época da realização dessa pesquisa.

A aula na qual recolhemos esses dados também foi de 50 minutos. A sala fora novamente organizada nos mesmos grupos de antes, eu entreguei outra folha de sulfite para as 36 crianças e pedi que as mesmas desenhassem uma paisagem. A pergunta era óbvia: “A mesma da aula de antes de ontem?”. Respondi que era para desenhar uma paisagem, não ofereci maiores detalhes. À medida em que desenhavam, começo a notar que suas produções estão diferenciadas das primeiras, da aula inicial. Recolhi os desenhos e debrucei-me à sua análise. Apliquei, a cada um deles, uma prancha de análise, um pouco parecida com as anteriores, procurando categorizar os desenhos, mas respeitando as categorias que os mesmos pertenciam antes. Separei conforme essas categorias antigas e, por fim, cheguei às conclusões que apresentarei.

Vejamos a prancha de análise dos desenhos:

I) Elementos predominantes

- a) Permanência de elementos naturais exclusivamente (meio), sem a presença do homem.
- b) Presença de elementos naturais e humanizados, com a idéia de harmonia e bucolismo ainda permanente.
- c) Presença de elementos naturais e humanizados, com a idéia de que o homem somente constrói a paisagem em desarmonia com o meio.
- d) Presença de elementos humanizados exclusivamente, com a forte dicotomia homem-meio.
- e) Presença da paisagem cultural ⇒ conceito geográfico.

II) Homem / Cultura

- a) Continua a não fazer parte da paisagem (dicotomia).
- b) Faz parte da paisagem e a ela se integra, de maneira harmônica (presença do bucolismo ainda).
- c) Não está em harmonia com os outros elementos (idéia de que o homem só faz parte da paisagem em sentido negativo).
- d) É entendido como agente / sujeito que participa, através da cultura, na construção cotidiana da paisagem (conceito geográfico).

III) Construção da Paisagem

- a) Predominância de elementos naturais somente (meio).
- b) Elementos naturais com a influência humana (apresentando traços de culturas caracterizados, porém ainda com a noção bucólica e/ou lazer).
- c) Elementos humanos exclusivamente, com a noção de que o homem só participa da construção da paisagem com sentido negativo.
- d) Presença de elementos do cotidiano vivido – conceito geográfico de paisagem.

IV) Outros

A análise qualitativa dos desenhos, na etapa final desse processo de mediação contou com os seguintes procedimentos:

- coleta dos dados – desenhos;
- categorização dos desenhos coletados segundo as três categorias estabelecidas no levantamento de idéias prévias, para avaliar se houve ou não diálogo entre as diversas concepções de paisagem;
- aplicação da prancha de análise, mantendo as categorias antigas e vislumbrando as novas construções e os diálogos estabelecidos, bem como as interferências externas na conceitualização de paisagem em uma perspectiva cultural.
- comparação e análise entre os desenhos dos alunos explicitados no capítulo II.

A primeira categoria que estabelecemos, no processo de levantamento de idéias prévias, foi chamada de Paisagem Meio. Ela se caracteriza pela presença exaltada e, muitas vezes, exclusiva, de elementos do meio como formadores e constituintes das paisagens. Nessa categoria, os desenhos não mostravam a presença humana, nem como parte da paisagem, nem como presente em seu processo de formação/construção. A paisagem é aqui entendida unicamente a partir do meio e sua formação, também é associada à dicotomia homem-meio. Os processos de formação do relevo, como erosão e o ciclo das águas aparecem sem a mínima relação com a interferência humana, nem mesmo no caso de paisagens rurais. No capítulo II, temos as figuras 2.1, 2.4 e 2.6, que representam essa categoria. A produção da aluna que representa a figura 2.1, na etapa final desse processo de mediação, foi esta:



Figura 3.1: Desenho de N., 11 anos, antiga categoria 1 – Paisagem-Meio, ao final do processo de mediação, após a aula-debate.

No novo desenho da aluna, percebemos dois prédios, um de tamanho superior, em primeiro plano, e outro, em segundo plano. Há uma casa, que recebe a iluminação direta do sol, que, por sua vez, sorri. Contamos também com uma árvore, à direita, com flores. Mesmo que a criança tenha formado um conceito romantizado da paisagem, consideramos que houve um salto qualitativo na interpretação, pois já notamos que ela considera a ação humana, ou seja, a cultura, no processo de construção da paisagem.

No desenho anterior de W., (figura 2.4, capítulo II), predominavam os mesmos elementos do meio que encontramos nos desenhos de N. Ao longo do processo de mediação, apesar do diálogo entre os conceitos sobre paisagem, vemos as árvores, no segundo plano do desenho, que parecem estar sem copa, porém não há indícios da

presença antrópica. O fato das árvores estarem sem copa, como já colocado, pode mostrar uma influência da estação do ano na qual nos encontrávamos à época da realização do trabalho. Observe:



Figura 3.2: Desenho de W., 11 anos, antiga categoria 1 – Paisagem-Meio.

Já a aluna Al.Ca. (figura 2.6, capítulo II), também apresentava um desenho com todas as características da primeira categoria, de paisagem meio. Após todas as nossas discussões, no processo de mediação, não averiguamos um diálogo concernente entre conceitos, vejam o que ela desenha no momento seguinte:



Figura 3.3: Desenho de Al.Ca., 11 anos, antiga categoria 1 – Paisagem-Meio.

O desenho representa o fundo do mar, constatamos somente animais, o principal deles, uma baleia, em primeiro plano. Como não há nenhuma referência à presença humana, nem traços de cultura, notamos que conceito de paisagem permanece aquele que era seu conceito prévio, sem um diálogo mais intenso entre as concepções sobre paisagem.

A segunda categoria que estabelecemos foi denominada de Paisagem Bucólica. Nela encontrávamos elementos e traços da presença humana na construção da paisagem, mas estes eram diretamente associados a ações sempre positivas, havia uma constante harmonia entre os elementos do meio e os culturais além do fato dessas paisagens estarem associadas a épocas específicas, como férias e à ações de lazer. O ser humano não era entendido como agente construtor, do ponto de vista efetivo, da paisagem. A paisagem existia ali para seu aproveitamento e deleite apenas. Um exemplo é o desenho de E. (figura 2.3, capítulo II). Na etapa seguinte do processo de

mediação, E. toma uma posição radical em relação à intervenção humana no processo de construção das paisagens, como podemos notar:



Figura 3.4: Desenho de E., 12 anos, antiga categoria 2 – Paisagem Bucólica.

Vemos um homem ateando fogo à floresta, o rio em níveis baixos. Uma possível interlocução que a criança fez pode estar relacionada a comentários exaustivos que a mídia, principalmente a TV, fez à época, da seca em Rio Branco (AC). Isto chamou muito a atenção dos alunos, pois além de ser um tema que havíamos estudado no primeiro semestre (climatologia e climas do Brasil), nas aulas de Ciências, o tema era água e a questão da escassez e das mudanças climáticas. A semana anterior (primeira quinzena de outubro) ao desenvolvimento dessa pesquisa (segunda quinzena de outubro), trabalhamos com um artigo sobre a seca no Acre, publicado da Revista Veja, intitulado “*Inferno na Selva*” (Revista Veja, 05/10/2005, Edição 1925).

O mesmo aconteceu com a aluna B.S. (figura 2.2, capítulo II), que havia representado uma praia e uma família, compartilhando momentos agradáveis no lugar, agora apresenta uma nova concepção. Vejamos o desenho, após a aula-debate:

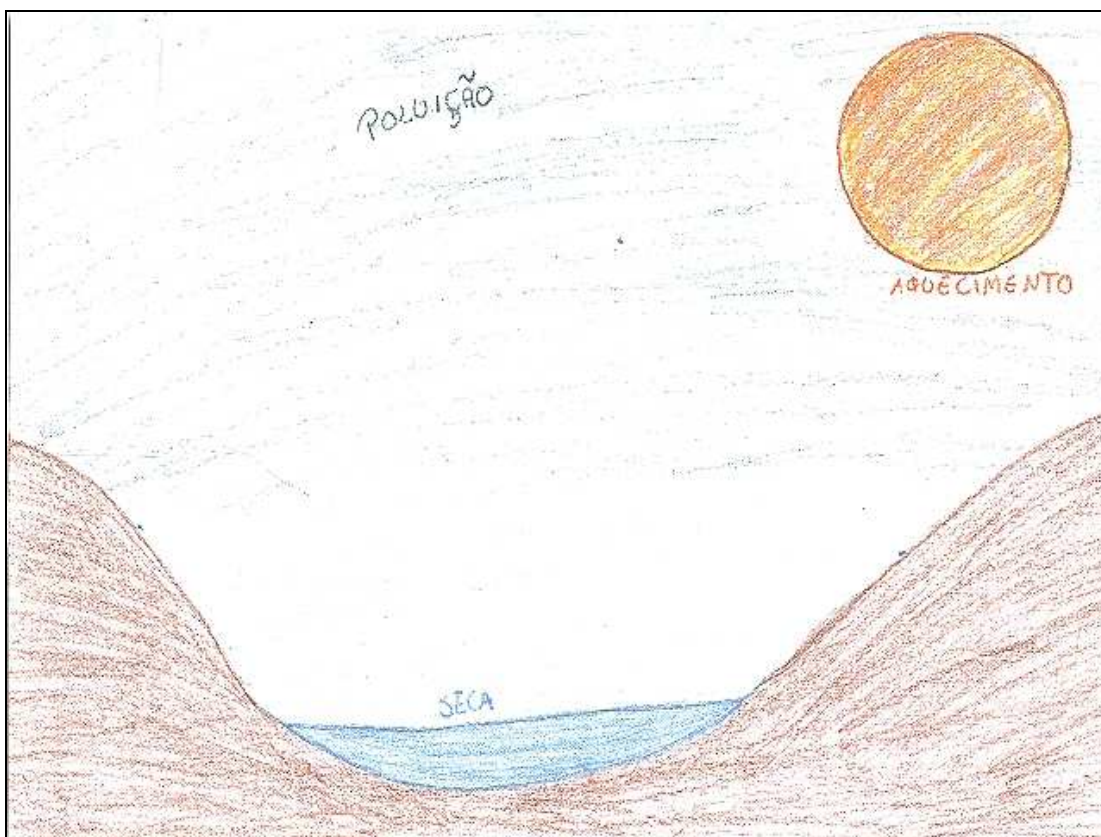


Figura 3.5: Desenho de B.S., 11 anos, antiga categoria 2 – Paisagem Bucólica.

A aluna enfatiza elementos do meio, mas com algumas palavras que passam a fazer parte do desenho. Destaco as palavras “aquecimento”, que aparece próxima ao sol, que contracenam com um vale, um rio, que é associado à palavra “seca” e ao ar, onde notamos a palavra “poluição”. Apesar de encontrarmos um destaque aos elementos do meio, as palavras aludem diretamente a ações humanas, ou seja, o conceito geográfico de paisagem é apreendido, mas, assim como E., de uma forma radical – as intervenções humanas são negativas. B.S. também é muito influenciada pelos estudos que fizemos anteriormente sobre a seca no Acre. Esse tema foi exaustivamente mencionado nos meios de comunicação, principalmente através de imagens apelativas, que mencionam comparações com o sertão nordestino, aludindo ao fato de que o Acre, agora com tal problema, apresenta paisagens que mais parecem o sertão do que a Amazônia.

Uma outra forma de construção da paisagem fora associada diretamente ao homem e à cultura, que chamamos de Paisagem Humanizada. Nela, observamos a predominância de elementos humanos e estes apareciam em destaque. A presença de elementos do meio estava em segundo plano. Um exemplo dessa categoria é representado pelo desenho da figura 2.5, do capítulo II. A ilustração do barco, com um passageiro e uma bandeira nacional nos indicam que a criança assume a paisagem em uma perspectiva cultural. Nossa preocupação era se somente desta forma acontecia o entendimento da paisagem. Na etapa final de nosso processo de mediação, constatamos que além desse domínio do conceito, havia o domínio do conceito geográfico também. Isto pode ser melhor ilustrado através do novo desenho, no qual encontramos um outro tipo de paisagem, a paisagem bucólica, que não deixa de ser uma paisagem. A diferença essencial aqui é que as crianças que, inicialmente, entendiam e apreendiam a paisagem unicamente a partir de uma perspectiva primária ou bucólica, não eram capazes de apreender o conceito de outra forma, ou seja, tinham dificuldade de dialogar concepções. Esta aluna já havia estruturado, precocemente, esse diálogo. Vejamos o desenho:

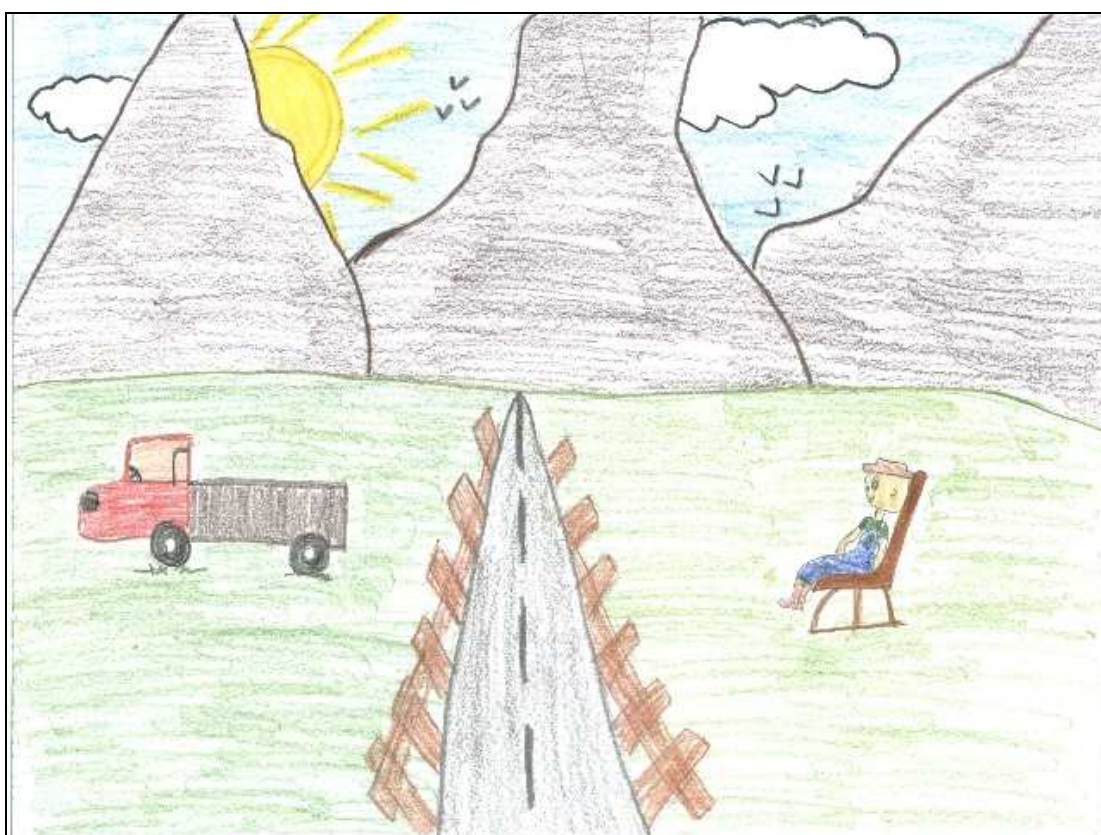


Figura 3.6: Desenho de A.C., 11 anos, antiga categoria 3 – Paisagem Humanizada.

Na figura acima, notamos que a criança associa o meio, aqui representado principalmente pelas montanhas, sol e nuvens estão em harmonia com a intermediação humana, ou seja, com traços culturais. Há uma estrada e um caminhão, elementos que representam o trabalho, meio através do qual o homem se apropria do meio e o próprio homem, descansa, ao lado, aparentando uma pequena folga ao longo de um dia de trabalho ou mesmo um momento de lazer, próximo à estrada, em estado contemplativo.

Ainda pertencentes à antiga categoria três, havia o desenho de EI. (figura 2.9, capítulo II), na qual naves espaciais e o próprio espaço sideral se apresentavam. A criança continua a entender a paisagem unicamente do ponto de vista humano, mas agora, aprofunda suas idéias, desenhando elementos do meio – uma floresta em chamas. Aqui também acreditamos existir a influência das aulas referentes ao clima do Brasil e também do problema da seca em Rio Branco (AC), que é marcante ao longo do processo de conceitualização. Notamos que as discussões com outras vozes foi fundamental para a construção conceitual. Além disso, como já mencionamos anteriormente, ao desenhar a paisagem pela primeira vez, as crianças também fazem referência aos seus desejos e fantasias. Segue a produção:



Figura 3.7: Desenho de El., 12 anos, antiga categoria 3: Paisagem Humanizada.

O desenho de V. (figura 2.8, capítulo II) também nos mostrava uma paisagem humanizada, mas curiosamente associada ao lazer. Até mesmo o elemento do meio presente, o sol com piercing, levava-nos a uma paisagem cultural, construída pelo homem, para o lazer, com seu desejo de estar ali, usufruindo do local e da prática do skate. A concepção de paisagem é bem interessante, ao longo da mediação, o conceito geográfico parece ter estabelecido um diálogo interessante com as concepções prévias. O desenho agora mostra elementos naturais associados a elementos antrópicos, só que voltados a uma situação bucólica e de lazer. O aluno parece ter significado a paisagem com um outro sentido que anteriormente não estava muito claro. Curiosamente, o aluno coloca com ênfase o elemento água, ao contrário das outras crianças, que se influenciaram bastante pela seca. Isso comprova o fato que diferentes vivências, diferentes repertórios são influenciados de forma heterogênea pelos meios e pelas circunstâncias. Segue o novo desenho:



Figura 3.8: Desenho de V., 12 anos, antiga categoria 3: Paisagem Humanizada.

Um outro desenho que mostra uma construção interessante do conceito de paisagem em uma perspectiva cultural é o desenho de G.R. (figura 2.7, capítulo II), que, na categoria 3, nos mostrava elementos de uma área rural logo no primeiro plano, sem deixar de mencionar as inferências humanas, como o espantalho e o uso de agrotóxicos. Agora, o mesmo aluno ainda continua a representar o campo, mas como uma outra influência do homem, como nos mostram as árvores queimando ao lado do poço de água. É mais uma circunstância na qual notamos a determinante influência dos nossos trabalhos sobre climatologia e também acerca do problema no Acre naquele ano:

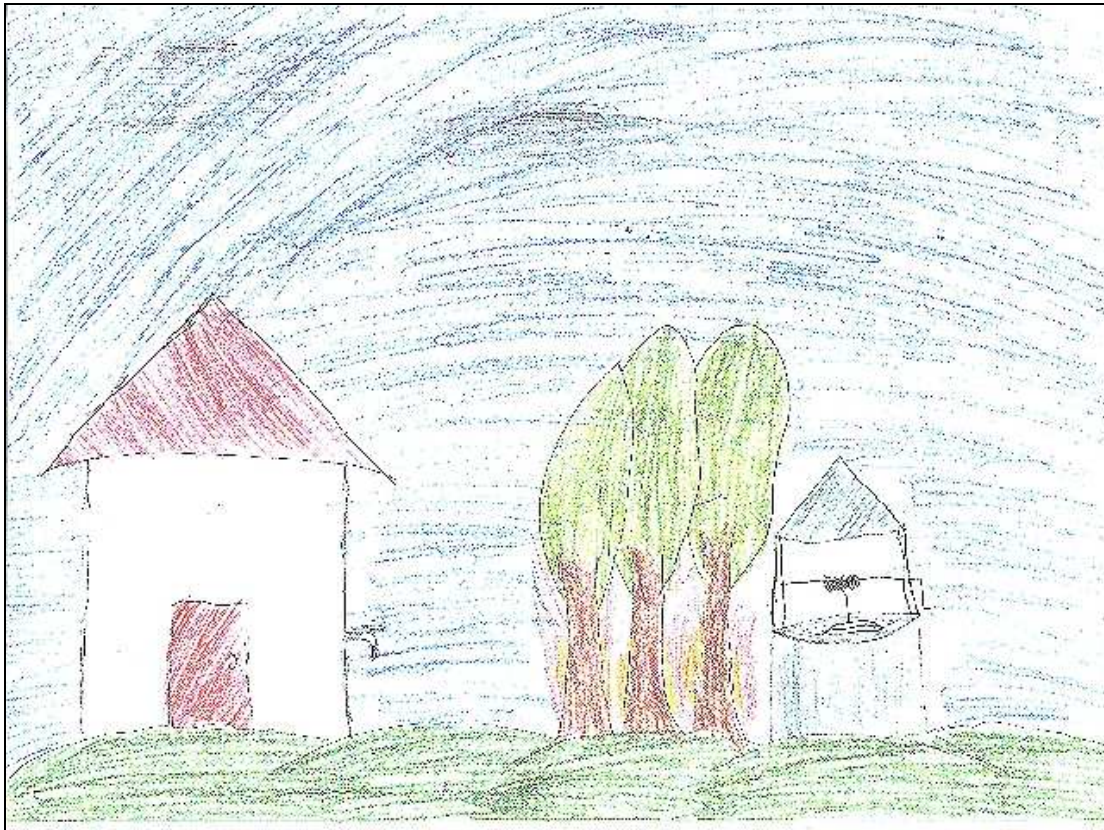


Figura 3.9: Desenho de G.R., 12 anos, antiga categoria 3 – Paisagem Humanizada.

Assim sendo, acreditamos que ao desenhar as paisagens, em um primeiro momento, as crianças contam com seus conhecimentos e idéias prévias acerca do conceito, mas não podemos nos esquecer que, antes do meu processo de mediação propriamente dito, outras mediações aconteceram. Elas foram escolares, familiares, entre amigos, entre o próprio aluno e seu meio, entre os multimeios e a mídia e assim sucessivamente. Em um mundo recheado de conexões e fluxos, com a presença multifacetada da informação, os diálogos entre conhecimentos são múltiplos e o professor precisa estar ciente de que todas as vozes presentes no cotidiano dos alunos, dentro e fora da escola, são capazes de fomentar diálogos entre os seus conhecimentos. A criança é inserida em uma realidade historicamente construída e extremamente dinâmica.

O homem é produto e produtor social, que utiliza a linguagem (fala, desenhos) para mediar sua relação com o meio e com os outros sujeitos. Desta complexa relação são

construídos conceitos, através de associações entre elementos, objetos e ações, contextualizadas no tempo e espaço, com significados legitimados social e culturalmente, enfim, dinamicamente vividos. Para VYGOTSKY (1989, b)

... a alteração provocada pelo homem sobre a natureza, altera a própria natureza do homem.

(VYGOTSKY, 1989, pp. 62).

E o mesmo autor complementa que os homens são

... participantes ativos e vigorosos da sua própria existência. (...) a cada estágio de desenvolvimento, a criança adquire os meios para intervir de forma completamente no seu mundo e em si mesma.

(VYGOTSKY, 1989, pp. 139).

Quando se elabora o conceito geográfico de paisagem, faz-se um convite à premissa de abordagem sociocultural, a de que os conceitos se constroem a partir das relações entre os sujeitos e dos mesmos para com o meio. Isto é mediado pelo trabalho e imerso em um sistema cultural, acordante com a época e o lugar, inseridos numa realidade. As nossas aulas, fundamentadas numa unidade didática, também estão inseridas numa realidade, que é diretamente influenciada, assim como os alunos. A Geografia, como componente curricular, deve ser capaz de oferecer subsídios para que os alunos possam interpretar e redirecionar os conceitos de modo a significar as paisagens, a partir de uma perspectiva cultural. Entendemos que o conceito prévio (romântico, bucólico, de paisagem-meio e de tudo aquilo que pode ser apreendido pelos sentidos humanos) representa paisagens, mas, em nosso entendimento, não é unicamente isto. Acreditamos que essa experiência possa abrir novos caminhos na nossa prática pedagógica diária.

O processo de construção do conceito de paisagem na 5ª série do Ensino Fundamental, a partir de uma abordagem sócio-cultural toma como pressuposto práticas pedagógicas que viabilizem um processo de ensino-aprendizagem diferenciado. A proposta aqui desenvolvida é diferenciada. Ela é marcada pela presença de diversas mediações em sala de aula e fora dela, que proporcionam o estabelecimento de uma maneira de ensinar. Distinta da maioria das práticas pedagógicas tradicionais, a pesquisa-ação singulariza-se por valorizar o papel do professor enquanto mediador e pesquisador de sua própria prática e também do aluno e de sua gama de conhecimentos prévios. Tal metodologia permite que se parta de uma prática descontextualizada, que fomente o entendimento das interações que acontecem entre os sujeitos, entre sujeitos e o meio e um contexto mais amplo, como aqui aconteceu, das diversas mediações (mídias e outras aulas, por exemplo).

Ao desenhar paisagens e ao responder a quatro perguntas sobre o assunto, constatamos que a grande maioria dos alunos associava a paisagem unicamente a elementos bucólicos ou exclusivamente referenciados ao meio, excluindo-se o homem e sua atuação na mesma. Era constante a presença de praias, árvores, sol, campo, sítio, fazendas e coisas do gênero, valorizando a dicotomia homem-meio. Quando o homem era referenciado, ele sempre existia em harmonia com a natureza. Obviamente que as crianças desenharam paisagens, mas temos que ensiná-las que a paisagem, para a Geografia, não se restringe a esse ponto. Com a base de dados concretos e com as reflexões realizadas a partir das discussões teórico-metodológicas, elaboramos uma aula teórico-expositiva sobre o tema na qual trabalhamos com o processo de mediação pedagógica, através de uma poesia, que ressaltava elementos da paisagem rural e bucólica e um fragmento de texto, extraído de uma revista que mostrava adolescentes que se propuseram a transformar uma praça em uma paisagem mais agradável de se conviver. Após as discussões e diálogos, solicitei mais desenhos e que os alunos respondessem às mesmas perguntas sobre paisagem e, como apontamos no capítulo três, houve um diálogo entre os conceitos.

Com esses dados também vislumbramos algumas possibilidades:

- a) Novos significados foram incorporados, com pouca manutenção das idéias prévias;
- b) Novos significados foram incorporados, porém com a manutenção de traços fortes das idéias prévias;
- c) Novos significados não foram incorporados, indicando uma possível fase de transição, na qual a criança mescla as idéias prévias com as novas;
- d) Novos significados não foram incorporados, com a manutenção das idéias prévias.

Uma boa parte dos alunos estudados consegue se aproximar do conceito geográfico de paisagem, desenhando paisagens urbanas e mesmo situações de agressão ao meio ambiente. Foi marcante e definitiva a influência das circunstâncias daquele momento, como a seca no Acre e também a sua exaustiva cobertura por parte da mídia. Além disso, como mostramos no segundo capítulo, uma semana antes havíamos trabalhado com o tema da seca em Rio Branco, e, com a ajuda da mídia, conseguimos ver como todo esse entorno influenciou nossa pesquisa e seus resultados. Analisamos 36 desenhos/textos/discursos, dos quais, inicialmente havíamos classificado: 14 como Paisagem Meio; 13 como Paisagem Bucólica e 09 como Paisagem Humanizada. Dessas 36 produções, apenas 09 tinham participado do processo por completo, ou seja, os desenhos, os discursos textuais (questionários) e os discursos gravados. E são justamente essas 18 produções colocadas que analisamos em nossa dissertação. Aqui temos 3 produções em cada uma das categorias supra-citadas. Dessas 09, temos: 4 mostraram que a) Novos significados foram incorporados, com pouca manutenção das idéias prévias; 4 que b) Novos significados foram incorporados, porém com a manutenção de traços fortes das idéias prévias; Nenhum que c) Novos significados não foram incorporados, indicando uma possível fase de transição, na qual a criança mescla as idéias prévias com as novas; 1 que d) Novos significados não foram incorporados, com a manutenção das idéias prévias.

Apenas uma criança não incorporou um novo significado á sua produção, ao seu conceito de paisagem. As demais, mesmo que não chegando ao que almejávamos, realizaram diálogos entre os conhecimentos prévios e escolares a fim de acrescentar algo. A abordagem sócio-cultural veio, então, de encontro à nossa necessidade de ensinar o conceito de paisagem de uma forma não-linear, não sedimentada e nos

possibilitou o trabalho e a consideração dos diálogos que se estabelecem entre concepções prévias e as geográficas, provocando a (re) construção de conceitos e a (re) elaboração dos mesmos. O processo de construção do conceito de paisagem, em uma abordagem cultural fomenta as relações entre sujeitos, sujeitos e objetos e entre sujeitos e o meio, inseridos e pautados pela cultura de sua época.

A escolha da pesquisa-ação como método de trabalho mostrou-se muito interessante, na medida em que permite que a própria sala de aula e os materiais nela produzidos sejam a fonte principal de dados da pesquisa. Como docente, pude desenvolver um olhar de professora-mediadora e também de pesquisadora, para analisar os produtos obtidos. É também interessante a possibilidade de trabalho com o diálogo entre idéias/conhecimentos prévios e os conhecimentos geográficos que desejávamos construir, pois a paisagem, assim como os conceitos, está em constante transformação.

Os diálogos, transcritos no trabalho, nos mostram elementos importantes que todo professor deve ter em mente quando iniciar uma atividade de ensino-aprendizagem: a importância e a relevância do meio no qual essas crianças se inserem. Se a Geografia se propõe a oferecer um conjunto de ferramentas para que os alunos possam entender a realidade criticamente, acreditamos que a pesquisa-ação aliada à mediação pedagógica é capaz de ensinar de forma expressiva, pois as crianças aprendem aquilo que lhes traz algum significado cultural. Isto só pode ser concebido a partir dessa abordagem.

Por fim, a proposta aqui lançada singulariza-se por partir de uma prática descontextualizada, por enfatizar aspectos da memória ao conceitualizar a paisagem e viabilizar que os próprios alunos sejam capazes de fazer a contextualização, ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso, notamos que as crianças ampliaram suas idéias para a questão ambiental e suas preocupações em relação à degradação do meio físico. Notamos também que, de certa forma, as crianças já traziam o conceito de paisagem humanizada, mas foram capazes de ampliá-lo, utilizando-se de outras mediações que não se restringiram aquelas que propusemos em sala de aula na nossa disciplina. Entendemos que os alunos, ao longo do meu processo de mediação, foram além da proposta, pois aliaram ao conceito geográfico, suas conexões com a

memória, com seus desejos, vontades. Assim, o entendimento da paisagem, em uma perspectiva cultural abre a possibilidade da criança se tornar parte agente integrante do próprio conteúdo de Geografia em sala de aula. Acreditamos que isto pode gerar modificações na estrutura de ser, pensar e de agir da maioria dos alunos, evidenciadas pela melhoria significativa do rendimento dos mesmos e também pela transformação de suas atitudes.

Não existe uma fórmula para o trabalho do professor, pois os conceitos não são concretos, estão em constante transformação, a partir de inúmeras mediações possíveis. Nesse estudo, ao desenharem inicialmente a paisagem, a memória, o desejo e a vontade estavam associados aos conhecimentos prévios que os alunos traziam. Ao longo do processo de mediação em sala de aula, contamos também com outras mediações, como a mídia, as outras aulas de outras componentes curriculares, a intervenção da preocupação das crianças em relação ao meio ambiente e a seca no Acre. Tudo isso sempre esteve presente em nossa prática e acreditamos que, se há essa atenção por parte dos alunos, poderemos, em uma etapa posterior desse estudo, abrir possibilidades para o trabalho com a realidade circundante, com as paisagens do entorno. Acreditamos que tal continuidade se faz necessária em uma outra oportunidade de pesquisa, para que sejam possíveis práticas pedagógicas que fomentem um aluno atuante e que seja capaz de pensar geograficamente sua realidade.

Anexos

Prancha para análise discursos textuais e transcritos

Nome: _____

Idade: _____

Data: _____

1) Elementos naturais / verbetes

- Sol (pôr do sol; nascer do sol)
- Água (mares, lagos, oceanos, neve, cachoeiras; chuvas)
- Minerais (sal)
- Vegetação (mata, plantas marinhas, sementes, folhas, flores, coqueiros, florestas, grama, côco).
- Relevo (praia, terra, montanhas)
- Ar, vento.
- Animais (marinhos, pássaros, peixes)
- Ambiente, meio ambiente, recursos naturais.
- Homem, pessoas.
- Universo, sistema solar.

2) Elementos que remetem à cultura

- Poluição (provocada e/ou desencadeada pelo homem)
- Sujeira (provocada e/ou desencadeada pelo homem)
- Agropecuária (sítio, plantações, espantalho, fertilizantes)
- Atribuições humanas (pensar, imaginar, identificar, construir)
- Transporte (barcos, aviões, naves espaciais)
- Lazer (parques; skate)

3) Adjetivos

- Limpo
- Sujo
- Poluído
- Bravo
- Calmo
- Quente
- Frio
- Bonito
- Feio

4) Entendimento da paisagem através dos sentidos (apostila 4ª série)

Categoria 1: 6 alunos

Categoria 2: 2 alunos

Categoria 3: 6 alunos

Prancha para análise dos desenhos.

Nome: _____

Idade: _____

Data: _____

1) Elementos predominantes

- Naturais exclusivamente (tudo que existe è revelia do homem (incluindo animais, domésticos ou não)
- Naturais e Humanizados (incluindo animais domésticos) em harmonia.
- Naturais e Humanizados (incluindo animais domésticos) em desarmonia.
- Humanizados Exclusivamente.

2) Homem

- Faz parte da paisagem e a ela se integra.
- Não faz parte da paisagem.
- Está em harmonia com outros elementos.
- Não está em harmonia com os outros elementos.

3) Construção da Paisagem

- Elementos naturais exclusivamente
- Elementos naturais com a influência humana (apresentando traços de culturas caracterizados)
- Elementos humanos exclusivamente

Prancha para análise dos desenhos pós-mediação.

Nome: _____

Idade: _____

Data: _____

I) Elementos predominantes

- Permanência de elementos naturais exclusivamente, sem a presença do homem.
- Presença de elementos naturais e humanizados, com a idéia de harmonia e bucolismo ainda permanente.
- Presença de elementos naturais e humanizados, com a idéia de que o homem somente constrói a paisagem em desarmonia com o meio.
- Presença de elementos humanizados exclusivamente, com a forte dicotomia homem-meio.
- Presença da paisagem cultural ⇒ conceito geográfico construído.

II) Homem / Cultura

- Continua a não fazer parte da paisagem (dicotomia).
- Faz parte da paisagem e a ela se integra, de maneira harmônica (presença do bucolismo ainda).
- Não está em harmonia com os outros elementos (idéia de que o homem só faz parte da paisagem em sentido negativo).
- É entendido como agente / sujeito que participa, através da cultura, na construção cotidiana da paisagem (Conceito construído).

III) Construção da Paisagem

- Predominância de elementos naturais somente.
- Elementos naturais com a influência humana (apresentando traços de culturas caracterizados, porém ainda com a noção bucólica e/ou lazer).
- Elementos humanos exclusivamente, com a noção de que o homem só participa da construção da paisagem com sentido negativo.
- Presença de elementos do cotidiano vivido – conceito geográfico de paisagem construído.

IV) Outros

Levantamento de idéias e de conhecimentos prévios (1 aula de 50 minutos) – na 5ª série A – 11/10/2005.

Procedimentos:

- 1) Os alunos se organizaram em grupos. Entreguei uma folha sulfite a cada um e pedi que desenhasse uma paisagem e, em seguida, respondesse, no verso do desenho, às quatro perguntas.
- 2) Apliquei, em cada um dos 36 desenhos e questionários, as pranchas de análise, para depois, agrupá-los categorias, uma vez que os alunos, mesmo em grupos, realizaram produções diferenciadas.
- 3) Selecionei três desenhos de cada categoria em um grupo que acompanharei o processo de construção do conceito de paisagem.
- 4) Aqui se encontra a descrição que o grupo fez – desenhos e respostas aos questionários (no verso dos desenhos)
- 5) Na medida em que desenhavam, coletei os depoimentos dos alunos, que acompanho até o final.

O que foi desenhado	O que foi respondido			
Categoria I: Paisagem Meio.	1) O que é paisagem?	2) Como as paisagens se formam?	3) As paisagens são sempre iguais?	4) O que é possível observar em uma paisagem?
Aluna (1), Aluna (2), Aluno. (3),	<p>(1) <i>Paisagem é natural, pois paisagem que é poluída não pé exatamente uma paisagem. É um lugar limpo e bem arejado, com muitas águas.</i></p> <p>(2) <i>A minha paisagem é tudo aquilo que consigo sentir com meus sentidos. Tato: água, areia, pássaro; oufato: água; areia; audição: o barulho do mar, do vento, dos pássaros.</i></p> <p>(3) <i>Céu, nuvem,</i></p>	<p>(1) <i>Se formam a partir de um negociinho bem pequeno e daí fica enorme.</i></p> <p>(2) <i>Elas se formam com a natureza.</i></p> <p>(3) <i>É uma coisa natural a formação da paisagem.</i></p>	<p>(1) <i>Não. Por que tem paisagem bonita e paisagem feita, limpa (não poluída) e suja (poluída).</i></p> <p>(2) <i>Não em algumas regiões o mar tem mais onda, a areia mais fina mais grossa.</i></p> <p>(3) <i>Não, porque todas tem uma diferença.</i></p>	<p>(1) <i>É possível observar águas, peixes, pedra, árvores, montanhas etc.</i></p> <p>(2) <i>É possível observar água do mar a areia o sal os peixes.</i></p> <p>(3) <i>Uma pequena florestas e com poucos animais.</i></p>

	<i>árvores, animais e grama.</i>			
--	----------------------------------	--	--	--

O que foi desenhado	O que foi respondido			
Categoria II: Paisagem Bucólica.	1) O que é paisagem?	2) Como as paisagens se formam?	3) As paisagens são sempre iguais?	4) O que é possível observar em uma paisagem?
Aluna (1), Aluno (2), Aluno (3).	<p>(1) <i>Para mim, a paisagem que eu estou desenhando é uma paisagem natural, pois o homem ainda não a destruiu AINDA!</i></p> <p>(2) <i>Paisagem é uma coisa natural tem água, areia, pessoas e tudo mais.</i></p> <p>(3) <i>É com mato, plantações, casas, homem etc.</i></p>	<p>(1) <i>As paisagens não são sempre iguais porque igual à praia ela é quente, dá para se nadar, agora as montanhas do Monte Everest é BEM FRIA e não dá para se nadar, dá para se esquiara! Igual a praia eu acho que pode ter mudado um pouco, talvez a água alguma vez foi poluída e a limparam.</i></p> <p>(2) <i>Não, porque tem paisagens poluídas com pouca poluição, muitas árvores outras tem água.</i></p> <p>(3) <i>Não, pois elas podem estar em movimento, ou pode ser modeladas pelo homem ou natureza.</i></p>	<p>(1) <i>A paisagem da praia foi formada através da natureza, mas é habitada por seres humanos.</i></p> <p>(2) <i>As paisagens se formão a partir das natureza, com pedaços de plantas.</i></p> <p>(3) <i>Pela natureza ou pelo homem.</i></p>	<p>(1) <i>A praia pode ser observar água, areia, animais e plantas marinhas e também pessoas.</i></p> <p>(2) <i>Em uma paisagem é possível observar coisas bonitas, mares rios e plantas.</i></p> <p>(3) <i>Arvores, casa, pessoas, terra, mato etc.</i></p>

O que foi desenhado	O que foi respondido			
Categoria III: Paisagem Humanizada.	1) O que é paisagem?	2) Como as paisagens se formam?	3) As paisagens são sempre iguais?	4) O que é possível observar em uma paisagem?
Aluna (1), Aluna (2), Aluno (3).	<p>(1) <i>É tudo o que podemos imaginar como barcos, rios, mares, animais, objetos e outros.</i></p> <p>(2) <i>É tudo o que agente vê e pensa.</i></p> <p>(3) <i>No meu desenho as paisagens são: o avião, sol, nuvens.</i></p>	<p>(1) <i>Sim. Todas são conhecidas pelos 5 sentidos, o que muda são os elementos que lá existem</i></p> <p>(2) <i>Sim, o que muda são os elementos que possuem.</i></p> <p>(3) <i>Não, pois elas sempre mudam ao decorrer do tempo.</i></p>	<p>(1) <i>Tanto a natureza constrói quanto o homem.</i></p> <p>(2) <i>A paisagem se forma pelo homem e a natureza que eles faz.</i></p> <p>(3) <i>Ele se transforma pela ajuda da natureza do ser humano.</i></p>	<p>(1) <i>Elementos da natureza ou construídos pelo homem.</i></p> <p>(2) <i>São os elementos.</i></p> <p>(3) <i>Os seus movimentos, cheiros, tamanhos e cores.</i></p>

Observação: As considerações que envolvem a paisagem como tudo aquilo que pode ser apreendido pelos e através dos sentidos humanos é a concepção do conceito trabalhada nas apostilas do curso de 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental.

**Depoimentos de um grupo (1 aula de 50 minutos) – na 5ª série A – 11/10/2005 –
Levantamento de Idéias e Conhecimentos Prévios**

Observação.: P: Professora; A: Aluno(a); © Interrupção Feita.

P: O que é paisagem? O que que vocês estão desenhando aí? Fala pra mim.

A: Uma praia.

A: Eu tou desenhando uma floresta.

P: Fala de novo pra mim, porque eu não ouvi...

A: É uma praia

P: AA: É um lugar natural.

©

P: O que é essa paisagem que vocês estão desenhando aí?

P: O que é essa paisagem aí Aline, fala pra mim o que você está desenhando.

A: Ah, é um lugar que tem um rio, uma cachoeira, várias árvores, tipo uma floresta.

P: Como foi essa paisagem que você está desenhando se formou?

A: Ah eu imaginei um lugar bonito assim, tentei desenhar ele.

P: Essa paisagem é sempre igual?

A: Não.

P: Por que que não é?

A: Ah....

P: O que que mudou, o que que não mudou..?

A: Ah, as vezes a gente não consegue desenhar direito tudo o que é real exatamente...

P: Como é que ela se formou?

A: Ah usando a imaginação ...

P: Mas o que você desenhou como você acha que se formou?

A: Ah, misturando alguns lugares tipo, uma floresta, tem bastante árvore, um lugar que já tem rios cachoeiras, essas coisas...

©

P: Quem fala pra mim o que é que ta desenhando aí?

A: Uma praia.

P: E que paisagem é essa que você fez?

P: O que é que tem no desenho aí?

A: Bom, tem areia, tem uma ilha e mar, bastante mar.

P: Como é que ela se formou essa paisagem aí?

A: É, quando o planeta foi se esfriando né, daí a água foi se formando e daí a água bate nas rochas e vai virando areia.

P: E essas paisagens aí são sempre iguais?

A: Não.

P: Por que elas não são sempre iguais? Por que é que elas mudam?

A: Porque nada é igual.

P: Por que que nada é igual? O que e que tem de diferente aí na paisagem que vai mudar?

A: A areia....

⊙

P: O que vocês estão desenhando?

A: Nós estamos desenhando paisagens.

P: Que tipo? O que é que tem nessa paisagem?

A: É sobre o rural.

P: O que é que tem aí na sua paisagem que você fez?

A: Ah eu fiz um espantalho com uma cerquinha e eu tou fazendo um avião jogando agrotóxico.

P: Essa paisagem muda ou é sempre igual?

A: Muda. Eu acho que muda.

P: Por que ela muda?

A: Porque ... Por causa do vento...

P: Vento, que mais?

A: O avião que se mexe... O espantalho vai se mexendo, as folhas vai tirando e colocando de novo... e as plantações.

⊙

P: O que você está desenhando?

A: Eu tou desenhando um banheiro, bem luxuoso assim, uma banheira, eu, de hidromassagem.

P: Que mais que tem no banheiro?

A: Ah tem uma banheira bem bonita, como já disse, tem, ah, massagem de ofurô, é...

P: Quem construiu o banheiro?

A: Um arquiteto bem famoso.

⊙

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Tou desenhando uma paisagem com um monte de coqueiro.

P: Além dos coqueiros, o que é que tem na sua paisagem?

A: É, um sol, pessoa e eu tou fazendo um tipo de uma aurora.

P: Quem construiu essa paisagem aí?

A: Natureza.

⊙

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Bom, tou desenhando uma casa, aqui ta a vegetação e sem poluição no ar;

P: O que é que você desenhou aí?

A: Eu desenhei uma cachoeira com algumas montanhas atrás.

⊙

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Um carinha dormindo na rede.

P: L.

A: Isso é tipo assim, eu vou viajar, eu gosto de pescar... Eu vou desenhar um carinha pescando.

A: Eu tou desenhando uma pista de skate, porque é o lugar que eu sempre gosto, né, porque é assim: é nós.

⊙

P: O que é que você está desenhando aí?

A: Eu tou desenhando uma floresta é.. como o tema pede, com ser humano na floresta. É uma paisagem natural.

P: Por que o ser humano ta na floresta? O que ele ta fazendo aí, esse que você desenhou?

A: Ele foi, tipo, ele é um cientista...Biólogo, né? Daí ele foi para ver os animais, pra ver se tinha um novo tipo de planta.

⊙ - aluno apertou o botão errado do gravador.

P: Fala sobre o seu desenho.

A: Eu tou fazendo aqui um lago, com vários peixes, nada de poluição, é como um reservatório, tem animais e rochas para eles se ajeitarem, árvores...

⊙

P: O que você desenhou aí?

A: Tou desenhando uma praia, porque eu acho que é uma paisagem bem natural assim, pessoas tomando sol, brincando na praia, assim, correndo.

P: O homem faz parte da paisagem natural?

A: É, sei lá, não sei.

P: Você acha que sim?

A: É também.

P: O que é que você desenhou ai?

A: É o lugar que eu mais gosto de passar as férias que é na praia.

P: O que é que tem aí no seu desenho?

A: Tem areia, o mar, também tem um carinha surfando.

⊙

P: O que é que você desenhou?

A: Uma praia e um carinha tirando um ronco aqui.... (ronc!).

P: É paisagem isso?

A: É.

P: E essas pessoas fazem parte dela?

A: Fazem.

**2ª aula: Aula-debate e discussão dos dois textos - 5ª série A – 25/10/05.
Transcrições da aula debate.**

- Retomei os desenhos nessa segunda aula e entreguei os textos aos alunos. O gravador circulava, enquanto dialogávamos e realizávamos a aula-debate.

Observação.: P: Professora; A: Aluno(a); © Interrupção Feita.

P.: Hoje a gente vai fazer uma discussão sobre os dois textos, o primeiro, uma poesia sobre paisagem e o segundo o artigo da Revista Isto é, sobre paisagem. Eu vou dar uns 5 minutinhos para vocês fazerem a leitura do texto e depois eu vou passar o gravador para a gente conversar sobre ele, tá?

P: Quem fala para mim o qual é o assunto dos textos?.

A: Natureza e natural e fala como a paisagem é calma e outras coisas aí...

P: Qual é a diferença dos textos?

A: A diferença é que um é poesia e o outro, um texto normal.

P: Alguém mais percebeu alguma diferença? Hein?

©

A: Um fala sobre paisagem rural e o outro sobre paisagem urbana.

©

P: O que que é o tema do primeiro texto aí?

©

A: Sobre a calma das paisagens, a maioria de que a gente fala das paisagens tipo rurais, naturais. E no finalzinho fala também sobre o teatro, como que ele assim o som dele agrada a gente e outras coisas...

P: Quem fala um pouquinho mais sobre o primeiro texto para mim?

©

A: Bom, o texto 1 está descrevendo uma paisagem natural, tipo árvores, céu é montanhas, verdes, árvores e essas coisas.

©

P: Que mais que tem no texto 1?

A: Que as paisagens que fala aqui, no começo, fala que as estrelas do Sul de Minas, então aqui a maioria das paisagens, eu acho que é do tipo do Estado de Minas.

P: Vocês concordam com que o V. falou?

A: (vários) Concordamos.

©

P: Vocês acham que é do Sul de Minas?
A: (vários) Não!
P: Por que que não é R.
? (...) Fala aí. Por que que é do Sul de Minas?
A: Não, eu falei que não é professora...
P: Por que que não é?
A: Ué, porque não pode ser de um outro lugar, professora?
P: Pode ser de outro lugar?
A: (vários) Pode!
P: Peraí. Fala C. J. desculpe.
A: Mas professora, tá escrito que é no Sul de Minas aqui. Tá escrito que é no Sul de Minas.
P: Tá escrito no Sul de Minas e...
P: Por que que não vai ser....? ©
P: Pode ser o Sul de Minas, mas pode ser algum lugar aqui perto da gente?
A: Pode, lógico! (Vários).
P: Quem conhece algum lugar parecido com o que está sendo descrito aí no primeiro?
A: Ubatuba... assim, esses lugares do litoral de São Paulo... têm várias montanhas.

©

P: Que tipo de paisagem a gente consegue ver aí nesse primeiro texto?
A: No texto 1 está falando mais sobre paisagens calmas do que paisagens que obtemos mais armas mais brigas e são mais, ao mesmo tempo, são mais feias do que as paisagens já naturais do local.
P: Quem fala pra mim que tipo de elementos a gente vê nessa paisagem aí?
A: A gente que que fala sobre as estrelas do Sul de Minas, fala sobre as montanhas, as árvores... o teatro... é... fala que essa paisagem é calma, fala sobre tudo que tem numa paisagem natural.
P: R. O que que você falou?
A: é... nuvens, céu....
P: Nuvens, céu, que mais?
A: (vários) – Montanhas, florestas, árvores, plantas...
P: Vocês acham que os elementos que estão aí, gente, eles fazem parte de uma paisagem?
A: (vários) Fazem!
P: Eu posso dizer que o primeiro texto, ele fala sobre paisagem?
A: (vários) Pode!
P: Beleza. Agora eu queria que vocês dessem uma olhadinha no segundo texto.

© – gravador caiu.

P: O assunto do segundo texto é o mesmo do primeiro?
A: (vários) Não!
P: O texto é sobre paisagens, só que é agora é diferente. O texto 2 fala das paisagens que é paisagens do homem e o texto 1, da paisagem natural.
P: O que eles estão fazendo G.?
A: Mosaico.

P: É o mesmo tipo de assunto?
A: (vários) Não!
A: Aqui fala sobre, assim, crianças estão em um projeto para deixar a metrópole mais bonita, que eles são da Febem, de um Instituto... aqui mostra até exemplos de alguns.
P: O segundo texto fala de paisagem?
A: (vários) Fala!
P: Quem acha que fala, levanta a mão...
A: Fala, só que é uma paisagem urbana.
P: Então, estou vendo aqui que a maioria acha que fala sobre paisagem. Mas então é a mesma paisagem do segundo texto?
A: (vários) Não!
A: Totalmente diferentes.
P: Totalmente diferentes? Por quê?
A: Porque aqui falou sobre as paisagens naturais e aqui fala sobre a metrópole, que eles estão fazendo mosaicos e outras coisas.
A: A primeira fala sobre as paisagens naturais e a segunda fala sobre as paisagens humanas, que os seres humanos construíram.
P: Alguém concorda?
P: Quem acha que não, não tem nada a ver?
P: Todo mundo concorda. Eu posso dizer que os dois textos falam sobre paisagens ou não?
A: (vários) Pode!
P: Uai, então são iguais.
A: (vários) Não!
P: Vocês falaram para mim que são iguais...
A: São paisagens, mas existem várias formas de paisagens. Tem a paisagem natural e a paisagem, como o G. falou... humana.
P: Quem tinha levantado a mão? V.
A: Professora aqui fala sobre paisagem só que de tipos diferentes... Uma sobre a natural e a outra sobre a urbana.
P: Repete V. mais alto para a galera ouvir.
A: Aqui fala sobre o tema paisagem, só que de paisagens de modo diferentes, uma de natural, a outra de urbana.
P: Quem fala para mim, levante a mão, qual é a diferença é, como o V. falou, uma paisagem urbana, uma paisagem rural?
A: A paisagem rural ela têm montanha, árvores, céu e nuvens; e a paisagem urbana ela fala mas sobre a cidade, os automóveis...
A: Paisagem rural é natural, não foi o homem que fez; já a paisagem urbana, as cidades, é tudo construído pela mão do homem.
P: A paisagem rural é natural?
A: Pra mim rural nem sempre é natural... Uma chácara, o homem que constrói.
P: O gente, olha... o V. falou um negócio legal. Fala V.
A: Que uma paisagem rural ela não é sempre uma paisagem natural. Porque tipo uma fazenda é o homem que constrói e ela também ... isso é uma paisagem rural.
P: Quem fala para mim a diferença entre uma paisagem rural e uma natural?
A: A rural foi o homem quem construiu e a natural, não.
P: Quem que construiu a paisagem natural?
A: (vários) A natureza!
P: Foi a natureza?... o que que é a natureza?

A: Ah, os anos que constroem a natureza... os anos, o vento.... os passarinhos trazendo sementes de um lugar para o outro, a erosão.

P: O que que é erosão? Quem fala para mim o que é erosão? Vocês falaram aí de erosão, o que que é?

⊙

A: Erosão é o que é causada pela chuva, pelos ventos, assim, tipo em rochas.. da própria rocha, da própria montanha, essas coisas...

⊙

P: Fala da erosão ai que você estava falando.

A: Erosão é causada pelo vento, pela chuva, que ocasiona desmoronamento de algum lugar ou a diminuição de alguma coisa.

⊙

P: A erosão, ela forma uma paisagem?

A: (vários) Forma!

A: Depende da mudança de tempo.

P: Jóia. E, o gente, tem erosão no segundo texto?

A: (vários) Não!

P: O que é que tem no segundo texto formando paisagem?

A: O ser humano! Meninos de rua.

P: Quem são os meninos de rua?

A: Ex-viciados.

P: Legal. Bom, olhando os 2 textos, vocês acham que os dois são paisagens?

A: (Vários) São! Sim!

A: E os dois tem a mão-de-obra.

P: O ser humano destrói a paisagem?

A: Também, a urbana ou às vezes a rural.

A: Eu tenho uma pergunta: por exemplo, uma plantação de milho, é uma paisagem natural ou é uma paisagem construída pelo homem?

P: Uma plantação de milho: rural, ou construída pelo homem, ou natural?

A: Ela é construída pelo homem e é ao mesmo tempo é rural, pois as plantações elas não estavam, é, antigamente, elas estavam ali sozinhas, mas quando elas têm um propósito, ela é feita pelo homem.

P: Beleza. Então... a gente constrói as paisagens?

A: Algumas sim... de certo modo.

P: Por que de certo modo...

⊙ – erro – gravador caiu.

A: Porque a gente também pode destruir a paisagem, a natureza também pode transformar a paisagem que a gente construiu em outra coisa.

P: Fala um pouco mais sobre essa transformação.

A: Igual professora... o homem pode destruir a paisagem natural e a natural pode destruir a paisagem do homem também... tipo o exemplo da erosão, ela pode destruir

alguma coisa que o homem criou e o homem também pode destruir a natureza que tinha naquele certo lugar para plantar o milho.

©

P: Se eu pegar, gente, uma paisagem, igual a que todo mundo olhe no primeiro texto, tenta fazer na cabeça uma imagem da paisagem que ta sendo falada pela autora aí da poesia. Tenta imaginar...

©

P: E agora olha o segundo texto, tenta imaginar também na cabeça a paisagem que é descrita aí. Tenta montar as duas figuras aí na mente, uma de cada paisagem. Só faça um exercício de viajar um pouquinho.

Todo mundo pensou? Beleza? Ótimo.

Agora eu quero que vocês pensem essas paisagens aí, esses dois textos, há 10 anos atrás... Quando vocês nasceram, mais ou menos.

©

P: Essa paisagem mudou ao longo do tempo?

A: (vários) Mudou!

P: Por que que mudou?

A: A tecnologia foi aumentando cada vez ficando cada vez melhor e ocasionou em novos carros, automóveis, prédios mais modernos e outras máquinas.

P: E a primeira, ela mudou?

A: Mudou, professora, porque antigamente, tipo aquele verde às vezes até não existia, as vezes lá era só terra... porque naquele tempo ainda as árvores são verdes, elas não cresciam e aí um monte coisas...

©

P: Começa a frase...

A: A escola mudou porque o homem modificou ela.

P: Como que a escola mudou?

A: A partir da ação do homem.

P: O que mais mudou? Quem fez essa mudança?

A: (vários) O homem!

P: Por que que o homem mudou?

A: Pra escola melhorar.

A: O homem queria mudar a aparência para chamar mais pessoas.

P: É pra ficar melhor?

A: (vários) SIM!

P: Quem acha que as mudanças sempre vem pra melhorar as coisas? Tou vendo aqui a maioria. Quem fala um exemplo de que mudou para melhorar?

A: O método de ensino mudou para melhorar.

P: E na escola?

A: O portão dali não melhorou não, maior apertado pra sair!

A: (risos) Também acho!

A: Ali (apontando para a estradinha) antes era terra, agora é asfalto.

A: A pracinha mudou, antigamente era terra a pracinha, agora já ta cimentado, com piso e tudo.

P: Quem teve um irmão mais velho, um pai, uma mãe, um primo, que estudou aqui há um certo tempo aí? Que já saiu da escola? Vamos contar: (...) 19! Então, a gente têm 47 alunos e dos 47, 19 já tiveram parentes mais velhos que já saíram da escola. Como que era a escola?

(a aula de mediação contou com todos os alunos presentes da sala, e não os 36 utilizados na aula de levantamento dos conhecimentos prévios, isto porque a aula citada se situava antes de um feriado, acarretando em muitas faltas, mas este estudo restringe-se aos 36 alunos iniciais, os outros apenas participaram como ouvintes).

A: O uniforme era diferente, tinha um símbolo da escola bem aqui e era azul, num era vermelho.

P: Sobre o tênis?

A: Ah, o tênis também mudou, professora.

A: O tênis muda todo ano, né professora?

P: É...

© – gravador caiu.

A: A fazenda era aberta.

P: A fazenda era aberta? era né...

A: É.. no Nordeste, tipo as casas, a maioria das casas são feitas de barro, argila e aqui na metrópole, como São Paulo, é tudo feito com cimento e outros lugares é feito com madeira, e isso influencia...a cultura influencia na paisagem, urbana e rural.

P: Já que vocês falaram que a cultura influencia, que mais, queria mais um exemplo assim....

A: Ah, tem aquelas casas pontudas assim para quando o gelo cair num ficar acumulado.

P: Fala P.

A: Ah, o telhado é pontudo porque lá tem muito terremoto e é bom para ter menos riscos.

P: Quem mais fala um exemplo para mim?

A: A casa dos índios...

P: O que tem a casa dos índios?

A: É uma oca assim, fechada, assim, com tipo de uma palha... e a nossa não, a nossa já é mais fechada em construção.

P: Beleza.

P: Se eu pegar duas metrópoles, São Paulo e Campinas, além da diferença lógica, do tamanho, né, óbvia, além da diferença do tamanho, são duas metrópoles, não são?

A: (vários) São!

P: Qual outra diferença, relacionado a isso, que eu posso encontrar? Fala A.

A: Pessoas de vários tipos de várias línguas.

(...)

P: O que é que você desenhou?

A: Eu desenhei a Nave Barbie.

P: O que é que você desenhou?

A: Desenhei a espaçonave Barbie.

P: Que mais?

A: A lua.

P: Que paisagem é essa?

A: O planeta. É pra fazer uma viagem que eu ganhei 50 milhões de dólar, que eu ganhei na megasena.

Diálogos transcritos – Após a aula-debate

Observação.: P: Professora; A: Aluno(a); © Interrupção Feita.

P.: Hoje a gente vai fazer uma discussão sobre os dois textos, o primeiro, uma poesia sobre paisagem e o segundo o artigo da Revista Isto é, sobre paisagem. Eu vou dar uns 5 minutinhos para vocês fazerem a leitura do texto e depois eu vou passar o gravador para a gente conversar sobre ele, tá?

P: Quem fala para mim o que é o assunto dos textos?.

A: Natureza e natural e fala como a paisagem é calma e outras coisas aí...

P: Qual é a diferença dos textos?

A: A diferença é que um é poesia e o outro, um texto normal.

P: Alguém mais percebeu alguma diferença? Hein?

©

A: Um fala sobre paisagem rural e o outro sobre paisagem urbana.

©

P: O que é que é o tema do primeiro texto aí?

©

A: Sobre a calma das paisagens, a maioria de que a gente fala das paisagens tipo rurais, naturais. E no finalzinho fala também sobre o teatro, como que ele assim o som dele agrada a gente e outras coisas...

P: Quem fala um pouquinho mais sobre o primeiro texto para mim?

©

A: Bom, o texto 1 está descrevendo uma paisagem natural, tipo árvores, céu é montanhas, verdes, árvores e essas coisas.

©

P: Que mais que tem no texto 1?

A: Que as paisagens que fala aqui, no começo, fala que as estrelas do Sul de Minas, então aqui a maioria das paisagens, eu acho que é do tipo do Estado de Minas.

P: Vocês concordam com que o V. falou?

A: (vários) Concordamos.

©

P: Vocês acham que é do Sul de Minas?

A: (vários) Não!

P: Por que que não é R.? (...) Fala aí. Por que que é do Sul de Minas?

A: Não, eu falei que não é professora...

P: Por que que não é?
A: Ué, porque não pode ser de um outro lugar, professora?
P: Pode ser de outro lugar?
A: (vários) Pode!
P: Peraí. Fala C. J. desculpe.
A: Mas professora, tá escrito que é no Sul de Minas aqui. Tá escrito que é no Sul de Minas.
P: Tá escrito no Sul de Minas e...
P: Por que que não vai ser....? ©
P: Pode ser o Sul de Minas, mas pode ser algum lugar aqui perto da gente?
A: Pode, lógico! (Vários).
P: Quem conhece algum lugar parecido com o que está sendo descrito aí no primeiro?
A: Ubatuba... assim, esses lugares do litoral de São Paulo... têm várias montanhas.

©

P: Que tipo de paisagem a gente consegue ver aí nesse primeiro texto?
A: No texto 1 está falando mais sobre paisagens calmas do que paisagens que obtemos mais armas mais brigas e são mais, ao mesmo tempo, são mais feias do que as paisagens já naturais do local.
P: Quem fala pra mim que tipo de elementos a gente vê nessa paisagem aí?
A: A gente que fala sobre as estrelas do Sul de Minas, fala sobre as montanhas, as árvores... o teatro... é... fala que essa paisagem é calma, fala sobre tudo que tem numa paisagem natural.
P: R. o que que você falou?
A: é... nuvens, céu....
P: Nuvens, céu, que mais?
A: (vários) – Montanhas, florestas, árvores, plantas...
P: Vocês acham que os elementos que estão aí, gente, eles fazem parte de uma paisagem?
A: (vários) Fazem!
P: Eu posso dizer que o primeiro texto, ele fala sobre paisagem?
A: (vários) Pode!
P: Beleza. Agora eu queria que vocês dessem uma olhadinha no segundo texto.

© – gravador caiu.

P: O assunto do segundo texto é o mesmo do primeiro?
A: (vários) Não!
P: O texto é sobre paisagens, só que é agora é diferente. O texto 2 fala das paisagens que é paisagens do homem e o texto 1, da paisagem natural.
P: O que eles estão fazendo G.?
A: Mosaico.
P: É o mesmo tipo de assunto?
A: (vários) Não!
A: Aqui fala sobre, assim, crianças estão em um projeto para deixar a metrópole mais bonita, que eles são da Febem, de um Instituto... aqui mostra até exemplos de alguns.
P: O segundo texto fala de paisagem?
A: (vários) Fala!

P: Quem acha que fala, levanta a mão...

A: Fala, só que é uma paisagem urbana.

P: Então, estou vendo aqui que a maioria acha que fala sobre paisagem. Mas então é a mesma paisagem do segundo texto?

A: (vários) Não!

A: Totalmente diferentes.

P: Totalmente diferentes? Por quê?

A: Porque aqui falou sobre as paisagens naturais e aqui fala sobre a metrópole, que eles estão fazendo mosaicos e outras coisas.

A: A primeira fala sobre as paisagens naturais e a segunda fala sobre as paisagens humanas, que os seres humanos construíram.

P: Alguém concorda?

P: Quem acha que não, não tem nada a ver?

P: Todo mundo concorda. Eu posso dizer que os dois textos falam sobre paisagens ou não?

A: (vários) Pode!

P: Uai, então são iguais.

A: (vários) Não!

P: Vocês falaram para mim que são iguais...

A: São paisagens, mas existem várias formas de paisagens. Tem a paisagem natural e a paisagem, como o G. falou... humana.

P: Quem tinha levantado a mão? V.

A: Professora aqui fala sobre paisagem só que de tipos diferentes... Uma sobre a natural e a outra sobre a urbana.

P: Repete V.mais alto para a galera ouvir.

A: Aqui fala sobre o tema paisagem, só que de paisagens de modo diferentes, uma de natural, a outra de urbana.

P: Quem fala para mim, levante a mão, qual é a diferença é, como o V falou, uma paisagem urbana, uma paisagem rural?

A: A paisagem rural ela têm montanha, árvores, céu e nuvens; e a paisagem urbana ela fala mas sobre a cidade, os automóveis....

A: Paisagem rural é natural, não foi o homem que fez; já a paisagem urbana, as cidades, é tudo construído pela mão do homem.

P: A paisagem rural é natural?

A: Pra mim rural nem sempre é natural... Uma chácara, o homem que constrói.

P: O gente, olha... o V falou um negócio legal. Fala V.

A: Que uma paisagem rural ela não é sempre uma paisagem natural. Porque tipo uma fazenda é o homem que constrói e ela também ... isso é uma paisagem rural.

P: Quem fala para mim a diferença entre uma paisagem rural e uma natural?

A: A rural foi o homem quem construiu e a natural, não.

P: Quem que construiu a paisagem natural?

A: (vários) A natureza!

P: Foi a natureza?... o que que é a natureza?

A: Ah, os anos que constroem a natureza... os anos, o vento.... os passarinhos trazendo sementes de um lugar para o outro, a erosão.

P: O que que é erosão? Quem fala para mim o que é erosão? Vocês falaram aí de erosão, o que que é?

A: Erosão é o que é causada pela chuva, pelos ventos, assim, tipo em rochas.. da própria rocha, da própria montanha, essas coisas...

⊙

P: Fala da erosão ai que você estava falando.

A: Erosão é causada pelo vento, pela chuva, que ocasiona desmoronamento de algum lugar ou a diminuição de alguma coisa.

⊙

P: A erosão, ela forma uma paisagem?

A: (vários) Forma!

A: Depende da mudança de tempo.

P: Jóia. E, o gente, tem erosão no segundo texto?

A: (vários) Não!

P: O que é que tem no segundo texto formando paisagem?

A: O ser humano! Meninos de rua.

P: Quem são os meninos de rua?

A: Ex-viciados.

P: Legal. Bom, olhando os 2 textos, vocês acham que os dois são paisagens?

A: (Vários) São! Sim!

A: E os dois tem a mão-de-obra.

P: O ser humano destrói a paisagem?

A: Também, a urbana ou às vezes a rural.

A: Eu tenho uma pergunta: por exemplo, uma plantação de milho, é uma paisagem natural ou é uma paisagem construída pelo homem?

P: Uma plantação de milho: rural, ou construída pelo homem, ou natural?

A: Ela é construída pelo homem e é ao mesmo tempo é rural, pois as plantações elas não estavam, é, antigamente, elas estavam ali sozinhas, mas quando elas têm um propósito, ela é feita pelo homem.

P: Beleza. Então... a gente constrói as paisagens?

A: Algumas sim... de certo modo.

P: Por que de certo modo...

⊙ – gravador caiu.

A: Porque a gente também pode destruir a paisagem, a natureza também pode transformar a paisagem que a gente construiu em outra coisa.

P: Fala um pouco mais sobre essa transformação.

A: Igual professora... o homem pode destruir a paisagem natural e a natural pode destruir a paisagem do homem também... tipo o exemplo da erosão, ela pode destruir alguma coisa que o homem criou e o homem também pode destruir a natureza que tinha naquele certo lugar para plantar o milho.

⊙

P: Se eu pegar, gente, uma paisagem, igual a que todo mundo olhe no primeiro texto, tenta fazer na cabeça uma imagem da paisagem que ta sendo falada pela autora aí da poesia. Tenta imaginar...

⊙

P: E agora olha o segundo texto, tenta imaginar também na cabeça a paisagem que é descrita aí. Tenta montar as duas figuras aí na mente, uma de cada paisagem. Só faça um exercício de viajar um pouquinho. Todo mundo pensou? Beleza? Ótimo. Agora eu quero que vocês pensem essas paisagens aí, esses dois textos, há 10 anos atrás... Quando vocês nasceram, mais ou menos.

⊙

P: Essa paisagem mudou ao longo do tempo?

A: (vários) Mudou!

P: Por que que mudou?

A: A tecnologia foi aumentando cada vez ficando cada vez melhor e ocasionou em novos carros, automóveis, prédios mais modernos e outras máquinas.

P: E a primeira, ela mudou?

A: Mudou, professora, porque antigamente, tipo aquele verde às vezes até não existia, as vezes lá era só terra... porque naquele tempo ainda as árvores são verdes, elas não cresciam e aí um monte coisas...

⊙

P: Começa a frase...

A: A escola mudou porque o homem modificou ela.

P: Como que a escola mudou?

A: A partir da ação do homem.

P: O que mais mudou? Quem fez essa mudança?

A: (vários) O homem!

P: Por que que o homem mudou?

A: Pra escola melhorar.

A: O homem queria mudar a aparência para chamar mais pessoas.

P: É pra ficar melhor?

A: (vários) SIM!

P: Quem acha que as mudanças sempre vem pra melhorar as coisas? Tou vendo aqui a maioria. Quem fala um exemplo de que mudou para melhorar?

A: O método de ensino mudou para melhorar.

P: E na escola?

A: O portão dali não melhorou não, maior apertado pra sair!

A: (risos) Também acho!

A: Ali (apontando para a estradinha) antes era terra, agora é asfalto.

A: A pracinha mudou, antigamente era terra a pracinha, agora já ta cimentado, com piso e tudo.

P: Quem teve um irmão mais velho, um pai, uma mãe, um primo, que estudou aqui há um certo tempo aí? Que já saiu da escola? Vamos contar: (...) 19! Então, a gente têm

47 alunos e dos 47, 19 já tiveram parentes mais velhos que já saíram da escola. Como que era a escola?

A: O uniforme era diferente, tinha um símbolo da escola bem aqui e era azul, num era vermelho.

P: Sobre o tênis?

A: Ah, o tênis também mudou, professora.

A: O tênis muda todo ano, né professora?

P: É...

© – gravador caiu.

A: A fazenda era aberta.

P: A fazenda era aberta? era né...

A: É.. no Nordeste, tipo as casas, a maioria das casas são feitas de barro, argila e aqui na metrópole, como São Paulo, é tudo feito com cimento e outros lugares é feito com madeira, e isso influencia...a cultura influencia na paisagem, urbana e rural.

P: Já que vocês falaram que a cultura influencia, que mais, queria mais um exemplo assim....

A: Ah, tem aquelas casas pontudas assim para quando o gelo cair num ficar acumulado.

P: Fala P.

A: Ah, o telhado é pontudo porque lá tem muito terremoto e é bom para ter menos riscos.

P: Quem mais fala um exemplo para mim?

A: A casa dos índios...

P: O que tem a casa dos índios?

A: É uma oca assim, fechada, assim, com tipo de uma palha... e a nossa não, a nossa já é mais fechada em construção.

P: Beleza.

P: Se eu pegar duas metrópoles, São Paulo e Campinas, além da diferença lógica, do tamanho, né, óbvia, além da diferença do tamanho, são duas metrópoles, não são?

A: (vários) São!

P: Qual outra diferença, relacionado a isso, que eu posso encontrar? Fala A.

A: Pessoas de vários tipos de várias línguas.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, C.M.de C. *A representação de espaço e tempo no desenho da criança. Preposições*, nº1, março de 1990.
- ARNHEIN, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: EDUSP, 1980.
- BERQUE, A. *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural*. In.: CORREA e ROSENDAHL (1998), **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BOBEK, H. e SCHIMITHÜSE, J. *A paisagem e o sistema lógico da Geografia*. In.: CORREA e ROSENDAHL (1998), **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BOREGO, M.J. et alli. *La utilizacion de la historia de la ciência para trabajar problemas relacionados com los fossiles*. **Ensenanza de lãs Ciências de la Tierra**, Gironda, v. 4, n. 1, paginas 46-52, 1996.
- CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2001.
- CARDOSO, M.E.G. **O conceito de paisagem no livro didático e suas implicações para o ensino de Geografia**. São Paulo: USP – FFLCH, Departamento de Geografia, 1999 – Dissertação de Mestrado.
- CASTELLAR, S.M.V. *Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar*. **Cadernos CEDES**, Campinas, vol. 5, n.66, p. 209-255, maio/ago. 2005.

- CAVALCANTI, L. de S. *Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygostsky ao Ensino da Geografia*. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, pp. 185-207, maio/agosto de 2005.
- COMPIANI, M. **As geociências no ensino fundamental: um estudo de caso sobre o tema “Formação do Universo”**. Campinas: UNICAMP, Faculdade de Educação, 1996. Tese (Doutorado).
- COMPIANI, M. e GONÇALVES, P.W. *Epistemologia e história de la Geología como fuentes para la selección y organización del currículo*. **Enseñaza de las Ciencias de la Tierra**, Girona, v.4, n.1, páginas 38-45, 1996.
- CORREA, R.L. e ROSENDAHL, Z. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papyrus, 1998.
- CORREA, R.L. e ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CORTELLA, M.S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002 (Coleção prospectiva, 5)
- DEL-MASSO, M.C.S. *Vygostky e a ciência cognitiva: a importância dos fatores culturais no processo de aprendizagem*. Disponível em: http://www.suigeneris.pro.br/edvariedade_vygotsky.htm - acesso em 15/07/2005).
- DOLL JR., W. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FERREIRA, S. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Papyrus Educação).
- FLICK, U. **Introducción a la investigación cualitativa**. Madrid: Fundación Paideias, Galiza/ Ediciones Morata, 2004.

- FONTANA, R.A.C. **A elaboração conceitual na dinâmica das relações de ensino.** Campinas: UNICAMP/ FAE, 1991. (Dissertação de Mestrado).
- FONTANA, R.A.C. **Mediação pedagógica na sala de aula.** Campinas: Autores Associados, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 (Coleção Leitura)
- FREITAS, M.T. de A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil.** Campinas: Papyrus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). (a)
- FREITAS, M.T. de A. **Vygostky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto.** São Paulo: Ática; Edufjf, 2000. (b)
- GARCIA, L.M.M. **Arte y símbolo en la infancia – um cambio de mirada.** Barcelona: Octaedro, 2004.
- GIDDENS, A . **O mundo em descontrolé.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A, **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- LURIA, A.R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MARGALEF, J.B. **Percepción, desarrollo cognitivo y artes visuais.** Espanha: Anthropos, Editorial dell Hombre, 1987.
- MATURANA R., H. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001.
- McCOMAS, W.F. et alli. *The Nature of Science in Science Education: an Introduction.* **Science & Education.** Dordrecht, v.7, nº6, páginas 511-532, novembro d e 1998.

- ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PINHEIRO, A.C. **Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil – 1972 – 2000.** Campinas: Tese de Doutorado, IGE, 2003.
- ROUGERIE, G. **Geografia das paisagens.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- SANTOS, M. **A natureza do Espaço: técnica, tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAUER, C. O. *A morfologia da paisagem.* In.: CORREA e ROSENDAHL (1998), **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo.** Campinas, SP: [s.n.], 2001 (Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências).
- TAMAIO, I. **O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência em educação ambiental.** São Paulo: Annablumme, WWF, 2002.
- VYGOSTKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989 (a).
- VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. (b)
- ZACHARIAS, V. L. C. F. *Vygotsky e educação.* Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html> (acesso em 15/07/2005).